

AS ATIVIDADES RÍTMICAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
POSSIBILIDADES DE UM TRATO EM UM OUTRO RITMO

GLAUBER BEDINI DE JESUS

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biotecnologia do Câmpus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Ciências da
Motricidade (Área da Pedagogia da
Motricidade Humana).

RIO CLARO
Estado de São Paulo – Brasil
Março de 2008

AS ATIVIDADES RÍTMICAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
POSSIBILIDADES DE UM TRATO EM UM OUTRO RITMO

GLAUBER BEDINI DE JESUS

Orientadora: SURAYA CRISTINA DARIDO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Área da Pedagogia da Motricidade Humana).

RIO CLARO
Estado de São Paulo – Brasil
Março de 2008

Dedico esse trabalho aos meus eternos amigos Amauri, Camila e Gabriel, que sempre me acompanharam com carinho e amor nos caminhos que decidi percorrer.

AGRADECIMENTOS

À minha querida professora Suraya, que desde o início da minha formação acadêmica proporcionou as reflexões necessárias para o desenvolvimento de uma nova identidade, aquela que se entende como transformadora do mundo, aquela que chamam comumente de educador.

À professora Catia Mary Volp, que desde a graduação estimulou o pensar de uma Educação Física mais humana, na qual a ciência convive com a arte, oferecendo assim, possibilidades para outras e novas percepções.

Ao professor Vinícius Terra que contribuiu com o desenvolvimento do trabalho e com a reflexão de outras questões que ainda não foram possíveis de serem discutidas, mas que em breve nos ajudarão a ampliar e a compartilhar os conhecimentos sobre as atividades rítmicas junto à Educação Física.

Aos queridos companheiros do LETPEF (Laboratório de Estudos Pedagógicos em Educação Física) com quem a convivência é essencial para o desenvolvimento de uma prática docente cada vez mais justa.

À “casa azul”, local que um dia já foi referência de bons momentos e que continua sendo graças às suas moradoras, muito obrigado Claudinha, Carlinha, Jane e Jú.

Ao meu professor e amigo Éder, responsável pelos primeiros passos de minha educação musical e certamente companheiro das novas empreitadas que me proponho a realizar hoje.

Aos meus queridos amigos com quem tenho certeza poderei compartilhar todos os momentos de minha vida, sempre: Flavio, Ique, Jana, Dani, Bililo e Carlinha.

Por fim à minha família, que com amor me ajudam a transformar os sonhos, os desejos e os delírios em realidade. Obrigado pai, mãe, Gá e Aninha.

RESUMO

Ao longo da história da Educação Física as atividades rítmicas já foram consideradas elemento relevante de desenvolvimento junto ao processo educacional dos indivíduos, porém por motivos sociais, culturais e políticos deixou de ser promovido e conseqüentemente pensado no âmbito escolar. Atualmente é possível verificarmos uma retomada da importância de tal conteúdo em alguns documentos que sugerem alternativas para o ensino da Educação Física na escola. O objetivo deste estudo foi o de analisar a opinião dos professores universitários que possuem experiência docente na área das atividades rítmicas, tentando compreender o panorama desse conteúdo dentro da perspectiva da Educação Física na escola. Mais especificamente, buscou-se aproximações das opiniões desses docentes com as possibilidades pedagógicas das atividades rítmicas nas aulas de Educação Física. Para atingir tal objetivo optou-se pela metodologia de natureza qualitativa tendo a entrevista semi-estruturada como referencial na coleta de dados. O estudo contou com a colaboração de quatro professores universitários que exercem a docência em disciplinas que tratam do conteúdo em questão. Ao longo da discussão entre o levantamento bibliográfico e as concepções dos professores entrevistados, notou-se que o conteúdo atividades rítmicas é concebido com ênfases distintas junto à Educação Física e que se encontra ligado principalmente à produção de conhecimentos historicamente compartilhados junto à área, como a dança, por exemplo, além dos conhecimentos práticos que os docentes produzem em suas ações pedagógicas. Assim, entende-se que o conteúdo atividades rítmicas não só necessita de uma ampliação junto a seus conceitos como também de um olhar mais cuidadoso e aprofundado, condizente com a potencialidade de suas possibilidades e responsabilidades junto ao processo educacional do cidadão.

Palavras-chave: Educação Física escolar; atividades rítmicas; ritmo; comunicação; expressão; linguagem.

SUMÁRIO

	Página
1. MEMORIAL	8
2. INTRODUÇÃO	18
2.1 Objetivo	24
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	25
3.1 A Educação Física escolar	25
3.2 As atividades rítmicas, a ginástica e a Educação Física	28
3.3 As atividades rítmicas, os PCNs e o livro Metodologia do ensino de Educação Física	35
3.4 Comunicação, expressão e linguagem nas atividades rítmicas	45
3.4.1 A humanidade e a comunicação	46
3.4.2 O processo de comunicação e a comunicação não-verbal	51
3.5 Ritmo e Movimento	65
4. METODOLOGIA	71
4.1 Professores entrevistados	77
4.2 Transcrição e análise	79
4.3 Roteiro de questões	80

5. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	82
5.1 O ritmo	82
5.2 O conteúdo atividades rítmicas	92
5.3 O papel das atividades rítmicas na escola	108
5.4 Elementos das atividades rítmicas: expressão, comunicação e linguagem	125
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
7. REFERÊNCIAS	152
8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	159
ABSTRACT	162
ANEXO	163

1. MEMORIAL

Antes de mais nada inicio meu diálogo com uma breve apresentação de como as atividades rítmicas e expressivas adentraram na minha vida, na tentativa de clarear alguns possíveis posicionamentos e decisões que foram tomados a respeito do tema em questão.

Depois de algum tempo de reflexão e de retomada de acontecimentos desenrolados durante a infância e a adolescência, com familiares e amigos, pude me colocar a disposição de escrever como ocorreu minha jornada dentro da odisséia da cultura corporal de movimento. Por que odisséia? Pelo simples fato de ter sido (e ainda é), uma viagem repleta de aventuras, conseqüentemente de muitos prazeres e infortúnios, de descobertas e de mistérios a serem revelados.

Foi ainda bem pequeno que pude conhecer a experiência do movimento prazeroso e também descompromissado, que acontecia em especial nas caminhadas matinais que minha progenitora fazia questão de realizar junto a mim em direção ao parque, lugar em que foi possível sentir as minhas primeiras possibilidades do andar, do correr, do saltar, do chutar e de tantos outros movimentos que se desenrolaram, se enroscaram e rolaram junto

à grama, à terra e à água, de um desses poucos espaços agradáveis que ainda temos a oportunidade de vivenciar dentro de uma megalópole.

Sem dúvida alguma, tive grandes oportunidades no que diz respeito à espaços e possibilidades materiais de vivência. Tão logo nos mudamos da casa bem localizada, que quase fazia divisa com o tão prazeroso parque, me deparei com alguns outros lugares de igual importância. O primeiro deles era visitado semanalmente, junto a companhia de meus dois avós, pai de minha mãe e pai do meu “super-herói”, portanto o “super-super-herói”, que me levavam para brincar nos finais de semana e desfrutar do clube de onde eram sócios há anos e que por um acaso, meus pais também haviam gozado durante grande parte de suas infâncias. Lá, tive contato com inúmeras possibilidades que se estenderam durante longos anos e que foram, posteriormente, responsáveis pelo meu engajamento em diversas outras práticas corporais que realizaria, principalmente as relacionadas à prática esportiva.

Paralelamente aos espaços e as práticas vivenciadas no saudoso Clube Esportivo da Penha, me deparei, por consequência da mudança de logradouro, com a riqueza extraordinária de dois outros espaços. O primeiro deles foi a escolinha do jardim de infância “Atchim”, com seus misteriosos parquinhos de diversão, rodeados por “imensas” e “perigosas” florestas, onde nos embrenhávamos com o objetivo de caçar tatús-bola e colher flores de espécies raras para presentear nossa admirada “tia” Kátia, enquanto fugíamos de “monstros” e de “lobos” selvagens que eventualmente cruzavam nossos caminhos junto aos intempéries que o local nos oferecia. Depois de alguns

anos esse espaço se transformou para mim, com o ingresso no ensino fundamental, no Colégio Guilherme Dumont Villares, local em que nas aulas de Educação Física, se iniciou o prazer por entender e experimentar tudo aquilo que tanto era visto no clube e nas inúmeras transmissões televisivas-esportivas que encantavam a meus pais e meus avós e conseqüentemente à mim e meu irmão. Foram nas aulas dos professores Milton, Carlão e Mendonça que durante oito anos de minha vida escolar adquiri o prazer incontestável da prática do movimento em experiências que foram repletas de diversidade e de oportunidades, que transitavam do basquete ao atletismo, do handebol ao judô e da ginástica ainda olímpica às danças folclóricas.

O segundo espaço de real importância de minhas experiências, após nossa mudança, foi incontestavelmente a rua. Foi, portanto, em locais de pedra e de terra da periferia da cidade de São Paulo, mais especificamente no município de Taboão da Serra, aliás, local onde ainda resido, que pude viver a criação e a recriação de tudo aquilo que estava institucionalizado, e que vivia durante a semana na escola e nos finais de semana no clube. As práticas corporais nas ruas da vila acabavam tomando outros contornos devido à visível diferença dos espaços possíveis, dos materiais que dispúnhamos e dos integrantes que deles faziam parte. Foi nesse ambiente que pude ao longo dos anos solidificar inúmeras experiências corporais, vivenciar outras tantas que não cabiam nos outros espaços e de criar inúmeras atividades, resultado da interação entre os saberes que eram paulatinamente desenvolvidos nos locais em que eu era “educado corporalmente” e que ingenuamente não percebia acontecer. Na rua pude experimentar a bolinha de gude, o pião, a manufatura

da pipa, de sua rabiola e do cerol de sua linha, da confecção dos nossos carrinhos de rolimã que corriam como aqueles que víamos nas corridas de fórmula 1 do domingo de manhã na televisão, da construção de tabelas de basquete, onde enterrávamos como o Pipoca, arremessávamos como o Oscar e fintávamos como Michael Jordan, assim como as corridas de bicicross do terreno baldio da esquina, que modificávamos com as pás e as enxadas emprestadas dos vizinhos para fazermos rampinhas, costelas de vaca e tantos outros obstáculos que eram transpostos e superados ao longo do tempo e da experiência que adquiríamos com o passar dos anos.

Foi, portanto, em um andamento *allegro* que se desenrolou minha infância, principalmente no que diz respeito às minhas vivências e experimentações ligadas ao movimento. Apesar de minha inserção na cultural corporal de movimento não ter sido finalizada, e acredito que esta seja infundável, surge para mim a adolescência e todas as suas novas descobertas, que foram marcantes e marcadas pela mudança de escola ao final do ensino fundamental. Agora, já não era mais uma criança, estava no “colegial” e tinha a oportunidade de realmente conhecer a vida do ensino público e não mais apenas as histórias que minha mãe contava de suas salas de aula e que para mim, ex-aluno de escola privada, muitas vezes, me soava um tanto quanto exagerado.

Foi na Escola Estadual de Segundo Grau Professor Andronico de Mello que pude perceber os contrastes dos dois sistemas de ensino, que apesar de serem bastante distintos, me contemplaram com significante

aprendizado, sem ser capaz de compará-los qualitativamente a respeito das possibilidades à mim proporcionadas.

Nessa nova jornada educacional, tive a oportunidade de perceber a potencialidade que havia adquirido em caminhar nas diversas áreas do movimento, o que me ofereceu chances interessantes de experimentar, por exemplo, os jogos colegiais regionais, que eram realizados entre as escolas da cidade de São Paulo e que na época ainda gozavam de certo prestígio e importância. Neste momento, fazendo parte da equipe de basquete da escola pude experimentar alguns momentos de frisson e que decididamente me impulsionaram à escolha profissional que tomaria posteriormente, quando à mim era incumbida a tarefa de ajudar os meus amigos e parceiros de time nos treinos que realizávamos no período contrário às aulas, momentos estes que passávamos horas e horas à jogar, aprender, ensinar e a se conhecer. Apesar de nesses três anos, as minhas ações caminharem em direção à solidificação de uma vontade, que surgira bem no início da minha vida escolar, a Educação Física dividiu palco com uma grande descoberta que ocorrera durante esse período, resultado de novas amizades que estabelecia e de tantas outras que se fixavam e mostravam que cada vez mais seriam duradouras. A música aparece, portanto, em um momento que junto às transformações de meu corpo, de meus sentimentos e ideais, forjam uma nova identidade, que não só se encanta mais com os movimentos do corpo, mas que se intriga também com as possibilidades que estes, junto aos instrumentos musicais, são capazes de criar. Possibilidades estas que acabavam por me tocar de tal modo, que não havia possibilidade de não me emocionar com os temas,

fraseados e improvisos dos diversos músicos que eram oportunamente oferecidos aos meus ouvidos por amigos que estudavam e realmente faziam música.

Ao longo dos anos colegiais, pude então, graças ao entorno das amizades, participar não só de espetaculares audições via fitas, vinis e cd's, que me eram semanalmente apresentadas, como também participar de encontros musicais ao vivo que eram realizados com certa freqüência em ensaios e *jam sessions* entre bandas amigas. Com o tempo, o interesse já não se limitava ao ouvir, mas se expandia ao querer aprender e experimentar os instrumentos musicais que em inúmeros momentos se encontravam sozinhos diante de mim nos intervalos e finais de ensaios, o que de certa forma me possibilitou arriscar alguns movimentos ritmados e melódicos, mas que infelizmente, não avançaram além de um pequeno apanhado de músicas que eram eventualmente realizadas junto ao violão, em situações de completa descontração e descompromisso com os integrantes das bandas. O interesse e a vontade por me iniciar na educação musical não fora interrompida, mas teria de esperar alguns anos para se concretizar.

O ensino médio logo terminou e então pude “degustar” da vida universitária que tão bem a Universidade Estadual Paulista do Campus de Rio Claro proporcionava. Foi então, no curso de Licenciatura em Educação Física, no ano de 1998, que ingressei e pude ter contato com os fundamentos da Educação Física. Perceber que o curso ia além das questões que imaginava circunscrever, foi ao mesmo tempo amedrontador e fascinante, pois me fazia a cada ano buscar novas e diferentes experiências na área com os projetos de

extensão e pesquisa que as diferentes áreas do conhecimento ofereciam. Mas o norte já existia inconscientemente e se tornou ainda mais claro a partir do terceiro ano do curso, momento em que pude discutir nas disciplinas que se sucederam até o final da graduação, as questões diretamente ligadas ao ensino da Educação Física no ambiente escolar. Neste momento, me lançava ao mar como o grande Ulisses no caminho de volta a casa. O retorno ao local que por anos vivi de maneira feliz e intensa, e que agora mais maduro poderia de outra forma ver e vivenciar, mirava a escola. Foi nessa direção que, portanto, realizei meus passos seguintes.

As experiências com a prática de ensino nos últimos anos da graduação foram marcadas de inúmeras surpresas junto aos diferentes níveis de ensino, que iam do ensino infantil ao ensino médio e que me estimulavam a pensar em inúmeras questões possíveis de serem realizadas quando fosse realmente responsável por alguma turma. Junto às idéias e o desenrolar dos estágios, surgiram conseqüentemente as inquietações. Uma delas resultou no projeto de pesquisa que posteriormente foi apresentado como trabalho de conclusão de curso, orientado pela Prof^a. Débora Mazza, com quem pude dividir muitas das alegrias, anseios e dificuldades do engatinhar de minha “prática docente” e que brilhantemente soube pontuar e me ajudar no esclarecimento das questões que naquele momento me incomodavam. Tentar entender as relações existentes entre a escola, a família e a Educação Física trouxe a oportunidade de perceber a grande dimensão que existe em torno da Educação e que transpunha a barreira imposta pelos muros das escolas, que tinha minhas primeiras experiências como docente.

Foi com o desejo de viver e entender o ambiente educacional um pouco melhor, que em meados de 2002, retorno a São Paulo com o objetivo de iniciar minhas ações profissionais. Após alguns meses, depois de realizar alguns concursos públicos, assumo as aulas de Educação Física do Centro Educacional SESI 071, local onde pude experimentar as primeiras experiências de ser educador.

Após dois anos, assumo o cargo de professor de ensino fundamental da cidade de Barueri, mas que infelizmente deixo em pouco tempo devido à distância e a nova convocação para assumir o cargo de professor efetivo na cidade de Osasco.

Com a presença nas diferentes instituições, de um lado o SESI e do outro o município de Osasco, tive o prazer de vivenciar algumas experiências que mais tarde me impulsionariam a retomar a posição de aluno nos bancos da universidade. Paralelamente aos dois empregos, pude enfim, realizar uma das minhas grandes vontades da adolescência. Ainda assumindo o posto de aluno, inicio meu processo de educação musical, que me levou a desenvolver algumas habilidades e competências que por hora me deram a chance de olhar a grande importância que a melodia, a harmonia e o ritmo tinham na formação integral do aluno que esperava ajudar a formar nas escolas. É a partir de então, que minha atenção se volta às ações que os alunos desenvolviam nas aulas de Educação Física e em seus momentos de lazer, que eram providos de elementos rítmicos e que eventualmente poderiam ser tratados em aula. Com isso, eu e os alunos começamos a resgatar atividades que faziam parte de seus repertórios, possuíam o caráter rítmico e

os faziam motivados e interessados em conhecer e experimentar mais as questões a respeito do ritmo e da expressão corporal.

Foi com a transformação de brinquedos cantados, vivências e criação de percussões corporais, audição de sons naturais, músicas e produção de movimentos mediante à estímulos sonoros e visuais diversos, que pude perceber o notável envolvimento que os alunos apresentaram junto ao conteúdo, e que quando questionados a respeito relataram ter sido importante pois aprenderam a se “...expressar com o corpo, respeitar os limites dos outros e aprender a também respeitar os nossos limites”, além de entenderem que “...o corpo também é uma forma de comunicação entre nós”.

É, a partir dessas experiências, que surgem alguns questionamentos a respeito do trato com o conteúdo atividades rítmicas e expressivas, que por hora é tido como um dos blocos de conteúdo da Educação Física na escola, proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas que ao mesmo tempo é quase negado pelos docentes da área em suas práticas pedagógicas. Sendo assim, algumas indagações surgem a respeito do tema: Como será possível negligenciar tal conteúdo, dado o interesse, envolvimento e importância reconhecida pelos próprios alunos? O que faz, aparentemente, esse conteúdo ser tão bem aceito por eles? Quais as possíveis possibilidades de trato com o tema dentro da escola? Como os docentes entendem esse conteúdo dentro da Educação Física? E por fim, como a Educação Física entende as questões do ritmo e da expressão e sua relação com a produção de movimento que o corpo humano não para de gerar?

É a partir de tais questionamentos que volto à universidade no intuito de compreender os mistérios que o corpo, o movimento e a Educação nos apresenta, nessa jornada que não espero cessar.

2. INTRODUÇÃO

A Educação Física há tempos vem se transformando e tomando novas formas, que de acordo com o momento histórico em que se encontrara foi moldada e estruturada junto às necessidades e ideologias presentes.

O fato é que especificamente na escola, a Educação Física possui um caminho ainda relativamente curto no Brasil e que, por vezes, se mostrou vinculado às questões de cunho biológico e físico, representados pelo uso dos métodos ginásticos francês, alemão e sueco que decididamente tiveram grande repercussão e destaque nos processos de ensino nas escolas. Por outro lado, surgiu mais adiante uma preocupação com as questões de desenvolvimento técnico do movimento humano e que teve como representante maior o conteúdo esportivo. É a partir de então que se valorizou predominantemente as questões relativas ao esporte, principalmente a aquisição de conhecimentos pautados na prática e diretamente ligados a um modelo de aula que se caracterizava como um treino esportivo e que por tempos foi a tônica do desenvolvimento da Educação Física escolar, ou seja, se estabeleceu de acordo com SOARES (1996) “uma hegemonia esportiva no

ensino de Educação Física na escola, bem como o modelo de aula baseado nos parâmetros do treinamento esportivo” (SOARES, 1996, p. 9).

Apesar das novas perspectivas da Educação Física serem elaboradas e apresentadas durante as últimas duas décadas, na tentativa de reconstruírem a especificidade da área e conseqüentemente mudarem a prática docente vigente, encontramos ainda hoje uma cultura que preza pelo desenvolvimento das questões esportivas e técnicas, assim como pode ser identificado nos estudos realizados por alguns autores (BETTI, 1991; RANGEL-BETTI, 1992; SOUZA JÚNIOR, 2003).

Atualmente, entendemos a Educação Física na escola como um componente curricular que de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (BRASIL, 1998, p. 29)

Desta forma, fica evidente que o foco não se encontra no desenvolvimento da técnica esportiva, mas sim no processo da produção do conhecimento a respeito dos elementos da cultura corporal de movimento (o jogo, o esporte, a dança, a luta e a ginástica) para uma formação integral do aluno que possibilite-o compreender as manifestações corporais humanas “como instrumentos de comunicação, expressão de sentimentos e emoções, de lazer e de manutenção e melhoria da saúde.” (BRASIL, 1998, p. 29)

Diante das experiências pessoais que vivenciei durante a adolescência, pude perceber que a música fora um dos elementos que me ajudara a desenvolver algumas habilidades que acredito serem importantes para tantas atividades, principalmente as ligadas às questões rítmicas. Pude notar com o tempo que o ritmo que outrora desenvolvi me ajudou e ainda ajuda no desenvolvimento de atividades diversas que estão principalmente ligadas ao movimento corporal criativo e expressivo que constantemente produzo em minha vida, seja no âmbito do lazer seja no âmbito do trabalho.

Sendo assim, há alguns anos atrás surgiu a necessidade de compreender melhor qual era a importância que tais elementos, o ritmo e a expressão, tinham no processo educacional das pessoas. Será que o aprendizado de tais elementos poderia ser relevante para os alunos com quem compartilhava de minhas recentes descobertas? O que realmente tais elementos poderiam desenvolver?

Foi a partir de tais questionamentos que comecei a observar quais eram as ligações que os alunos tinham com o ritmo e o movimento expressivo. Para tanto, comecei a participar dos horários de intervalo no intuito de identificar algum tipo de relação entre as manifestações que eles conheciam e vivenciavam com os elementos que agora me intrigavam. Foi neste momento que pude perceber a grande quantidade de brincadeiras cantadas que reproduziam e de tantas outras que criavam e que tinham como característica a produção de espaços e tempos imaginários como brincadeiras que simulavam lutas entre monstros e personagens heróicos do futuro, perseguições policiais e tantas outras situações inesperadas.

Tão logo pude notar a importância do ritmo e da expressão nas manifestações corporais que realizavam, comecei a procurar referências que pudessem me ajudar a pensar o trato desses elementos nas aulas de Educação Física.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foi o documento que primeiramente tive contato, uma vez que sabia da existência da discussão do conteúdo atividades rítmicas e expressivas, mas que desconhecia a maneira como este era abordado. Foi a partir do documento que pude perceber as possibilidades existentes junto ao conteúdo, apesar da pequena e breve tematização feita a respeito do mesmo.

Outras foram as tentativas de conhecer um pouco mais sobre as chamadas atividades rítmicas e expressivas, porém foram poucos os contatos com os materiais de referência produzidos na área, uma vez que estes se limitavam à discussões realizadas especificamente a respeito da dança.

Apesar da falta de materiais que pudessem me ajudar no desenvolvimento do trabalho, iniciei o mesmo promovendo uma interação entre os conhecimentos que os alunos possuíam a respeito do ritmo e da expressão pelas brincadeiras que tão bem conheciam e vivenciavam quase que diariamente. Os passos seguintes foram de intensa descoberta e troca entre nós; atividades infinitas trazidas pelos alunos que em parte já conheciam mas que também descobriam em suas pesquisas com familiares, amigos, livros e internet, além dos vários e novos conceitos que eu pesquisava e discutíamos fazendo um paralelo com aquilo que era vivido na sala e na quadra.

O fato é que o desenvolvimento do conteúdo, que se iniciou de maneira simples e com limitações em muitos dos conceitos possíveis de serem discutidos, acabou tomando proporções e corpo de algo que não só mobilizou vigorosamente os alunos a estudar o assunto, como também os fez perceber o desenvolvimento de questões importantes como a possibilidade da comunicação e da expressão por meio do movimento humano gerado pelo corpo, de reconhecerem a diferença no relacionamento dos integrantes da sala, uma vez que conseguiram compreender o quanto é importante respeitar as possibilidades que o outro possui na criação e reprodução de movimentos, ou seja, de perceber o limite dos outros e o próprio limite.

Contudo, pudemos perceber que muitos foram os avanços e as descobertas das possibilidades que o conteúdo atividades rítmicas e expressivas nos proporcionou na prática, porém algumas dúvidas se acentuaram ainda mais ao final do trabalho docente.

O que realmente me intrigou foi o fato de que apesar de ter havido uma grande aceitação do conteúdo por parte dos alunos e um desenvolvimento notório e assumidamente reconhecido por eles próprios, poucos foram os referenciais na área aos quais pudemos nos pautar para a realização de tal trato. Desta forma, algumas são as indagações que me levaram a realizar a presente pesquisa:

Como será possível ainda os professores negligenciarem tal conteúdo, dado o interesse, envolvimento e importância reconhecida pelos próprios alunos? O que faz, aparentemente, esse conteúdo ser tão bem aceito por eles? Por que existem tão poucos referenciais acadêmicos sobre essa

temática? Quais serão as outras possibilidades de trato com o tema dentro da escola? Como os docentes entendem esse conteúdo dentro da Educação Física na escola?

O que me arrisco afirmar é que existe a necessidade latente da Educação Física entender melhor a especificidade de tal conteúdo, refletindo e discutindo os meandros ao qual as atividades rítmicas estão inseridas tentando apontar para suas possibilidades de usos e recursos na tentativa de desenvolver aprendizados que sejam realmente relevantes, interessantes e prazerosos para nossos alunos e alunas. Assim, achamos necessário compreender a concepção que professores universitários possuem junto ao conteúdo atividades rítmicas, uma vez que estes são figuras-chave no processo de formação inicial dos educadores e que, portanto, podem favorecer no desenvolvimento e aprofundamento deste conhecimento, proporcionando futuras ações pedagógicas responsáveis.

A essa posição me remeto as palavras de SOARES (1996) que tratando a respeito do ensino da Educação Física afirma que:

Talvez as pesquisa sobre o ensino hoje já possam romper com a visão tecnicista e mergulhar no conteúdo de cada área. Talvez hoje, estejamos necessitando estudar Ginástica, Jogos, Dança, Esportes e de posse destas fantásticas atividades codificadas pelo homem em sua história valer-se, criativamente, de metodologias que encerrem valores mais solidários, que apontem para uma saudável relação entre indivíduo e sociedade e vice-versa. (SOARES, 1996, p. 10)

2.1 OBJETIVO

O objetivo do presente estudo foi analisar a opinião dos professores universitários que possuem experiência docente na área das atividades rítmicas, tentando compreender o panorama desse conteúdo dentro da perspectiva da Educação Física na escola. Mais especificamente buscou-se apontar aproximações das opiniões desses docentes com as possibilidades pedagógicas das atividades rítmicas nas aulas de Educação Física.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 - A Educação Física escolar.

É no ano de 1851, com a Reforma Couto Ferraz, que a Educação Física no Brasil é incluída oficialmente no sistema escolar. Apesar dessa medida e de tantas outras se desenrolarem durante o final do século XIX e início do século seguinte, foi apenas na década de vinte, com as reformas educacionais dos Estados, que a Educação Física realmente passa a ser considerada uma disciplina escolar e que naquele momento, era comumente tratada como ginástica (BETTI, 1991). Suas concepções eram apoiadas nos métodos ginásticos europeus que se estruturavam em princípios biológicos e que tinham como objetivo o desenvolvimento da aptidão física (BETTI, 1991), propiciando o desenvolvimento social através de indivíduos mais aptos e prontos ao trabalho, ou seja, “úteis” à sociedade.

É a partir desse contexto, portanto, que a Educação Física se funde ao modelo militarista, no intuito de formar jovens com espírito patriótico e nacionalista e que fossem capazes de defender seu país em possíveis e

eventuais combates. Por conseqüência, a Educação Física e a escola acabam sendo usadas como instrumentos de desenvolvimento de indivíduos aptos fisicamente. Baseadas em um trato fundamentalmente prático e disciplinar, as aulas nas escolas pouco se distinguem da instrução militar, a qual influenciou por longo tempo sua existência no âmbito educacional (DARIDO, 2003).

Impulsionados pelos resultados causados pela Segunda Guerra Mundial, surgem propostas pedagógicas que têm como fundamento a quebra com os modelos conservadores estabelecidos. Neste momento, surgem concepções influenciadas pelas idéias da Escola Nova, que partiam da visão de um homem que não era formado apenas pelos aspectos biológicos, mas que eram providos de elementos sociológicos e psicológicos. Era uma concepção que, portanto, caracterizava-se pela tentativa do desenvolvimento integral do aluno e que por vezes incluía a Educação Física nesse intento.

Mas, é por pouco tempo que essas idéias acabam por influenciar o ambiente escolar e principalmente a Educação Física brasileira, pois é com a influência do fenômeno esportivo no início da década de 50 e com a instalação da ditadura militar nos anos 60, que o esporte acaba sendo tomado como ferramenta de ensino e aprendizagem. Esse processo se inicia com o uso do “método esportivo generalizado” e que tem sua ascensão à razão de Estado e o uso do binômio Educação Física/Esporte como joguete político (BETTI, 1991), na tentativa de transmitir a idéia de uma nação próspera através da participação e êxito em competições esportivas de alto nível, desmobilizando ou reprimindo as manifestações que pudessem ser contrárias ao governo militar instituído.

É a partir dos anos 70, impulsionado pela necessidade da melhoria dos resultados esportivos, que inicia-se o aumento das pesquisas científicas em torno da área e criam-se os primeiros programas de pós-graduação. Junto a isso e com o retorno de professores titulados do exterior, a Educação Física passa a dar maior importância à produção científica, o que acaba colocando em discussão as questões a respeito do seu real objeto de estudo. É portanto, nesse momento de debate e de transformações políticas e sociais que há a contribuição para o rompimento com a idéia da valorização excessiva do desempenho como objetivo único na escola (DARIDO, 2003).

É em um clima de crise de identidade em relação aos seus pressupostos teóricos, que a Educação Física escolar começa a ser pensada e discutida no meio acadêmico, resultando assim, após alguns anos, na elaboração de diversas abordagens pedagógicas, as quais são estruturadas a partir de diferentes bases teóricas, que caminham entre as teorias psicológicas, filosóficas, sociais e antropológicas, a fim de articular as múltiplas dimensões do ser humano e a tentativa de romper com o modelo mecanicista posto (DARIDO, 2003).

Atualmente, é possível apontarmos inúmeras dessas abordagens que, de certa forma, são responsáveis pelas diferentes práticas pedagógicas que os profissionais vêm desenvolvendo junto à escola.

Dentre elas, existe uma que nos parece abordar pontos realmente interessantes a respeito do trato da Educação Física escolar e do tema dessa pesquisa. Estamos falando dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), documento produzido pelo Ministério da Educação e do

Desporto, a fim de proporcionar apoio às discussões e ao desenvolvimento do projeto educativo da escola, à reflexão sobre a prática pedagógica, ao planeamento das aulas, à análise e seleção de materiais didáticos e de recursos tecnológicos.

Neste documento, elege-se a cidadania como eixo norteador da Educação, entendendo, portanto, a Educação Física na escola como responsável por introduzir e integrar o aluno na esfera da cultura corporal de movimento, formando um cidadão capaz de produzi-la, reproduzi-la e transformá-la (BRASIL, 1998).

Para os PCNs, a cultura corporal de movimento se configura no resultado dos conhecimentos e representações que o homem cria e transforma ao longo do tempo e que a Educação Física incorpora como objetos de ação e reflexão como os jogos e brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas, tendo a representação corporal da cultura humana como ponto comum entre eles.

3.2 - As atividades rítmicas, a ginástica e a Educação Física.

Antes de mais nada, deixemos claro que, para podermos tratar das questões relativas às atividades rítmicas e a Educação Física escolar, seria interessante que verificássemos junto aos trabalhos clássicos da área, qual o trato dado por estes às questões a respeito do tema, na tentativa de

contextualizar e ampliar o entendimento das discussões realizadas neste estudo.

Apesar de nos focarmos em dois documentos da área, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o livro Metodologia do ensino de Educação Física, é importante ressaltar que o mesmo já fora admitido pela Educação Física como elemento relevante em outros momentos de sua história.

No início do século XIX, inicia-se o processo de desenvolvimento do chamado movimento ginástico europeu que, de acordo com SOARES (2005) pode ser considerado o início de um movimento que “balizou o pensamento moderno em torno das práticas corporais que se construíram fora do mundo do trabalho, trazendo a idéia de saúde, vigor, energia e moral coladas à sua aplicação” (SOARES, 2005, p. 20). Logo, a autora o entende como o lugar de partida para as teorias de hoje, denominada Educação Física no Ocidente.

Fica evidente que tal movimento, resultado da expressão cultural de seu tempo, traz consigo características de diversas manifestações do cotidiano Europeu, como as festas populares, os espetáculos de rua, o circo, os exercícios militares, os jogos e as brincadeiras populares e da nobreza, ou seja, possui em seu íntimo princípios de ordem e disciplina coletiva que precisariam ser potencializados (SOARES, 2005).

Levando em consideração que o início do século XIX é tomado por um novo sentimento, resultado das recentes revoluções francesa e

industrial, ocorridas na segunda metade do século XVIII, respectivamente na França e na Inglaterra, surge a necessidade de um processo que dê conta da formação de um novo homem e de uma nova sociedade, estes sem dúvida, regidos pela égide do capitalismo.

Assim, muitas foram as tentativas de se criar meios para que este novo homem fosse educado. Com o intuito de transformá-lo em um ser útil à essa nova sociedade, alguns pensadores foram responsáveis por criar novos conhecimentos sobre a ginástica, fato que não só a distanciou de suas manifestações progenitoras como também as transformou em negações, resultado de um cientificismo positivista exacerbado, que obstinadamente tentou afirmar a ginástica como instrumento de aquisição da saúde, da formação estética e moral, do treinamento militar e do homem pronto à economia do esforço para o trabalho dinamizado, tocando no que havia de mais orgânico, seu corpo.

É por volta de 1814, com o coronel espanhol Francisco Amoros y Odeano, que se inicia o processo de construção do conhecimento relativo à ginástica na França. Amoros, que fora deportado de sua terra natal, por questões políticas-militares leva em sua bagagem os conhecimentos a respeito da ginástica por ele produzidos em Madri, resultado da responsabilidade de ser o preceptor do filho do rei Carlos IV. Esses conhecimentos, que foram produzidos em um ginásio construído no Real Instituto Pestalozziano, traziam consigo fortes influências pedagógicas do próprio suíço Jean Henri Pestalozzi (1746-1827) que tinha como preceito da educação das crianças o uso

essencial do exercício físico como meio para a formação física, estética e sensorial (SOARES, 2005).

Amoros encontra na França o apoio necessário para o desenvolvimento da ginástica científica, depois de apresentar em detalhes e com rigor técnico suas idéias e conhecimentos para a aristocracia, e que se ampliavam em sua aplicação junto ao meio civil e escolar, pontos considerados interessantes para a época.

Apesar de seus estudos apontarem para uma direção que liga diretamente a prática da ginástica com a formação moral do indivíduo e conseqüentemente de seu potencial produtivo na sociedade da época, atribuindo assim, à ginástica e ao indivíduo um caráter meramente funcionalista, Amoros revela questões interessantes de serem tratadas junto ao potencial motriz na educação.

Em sua obra que denomina de “ciência da ginástica geral”, levanta a necessidade de desenvolvimento de conhecimentos referentes ao ritmo, à música, ao canto e à dança. Assim apresenta AMOROS (1838) em seus 17 ítems:

1º – Exercícios elementares ou movimentos graduados das extremidades superiores e inferiores, acompanhados de diferentes ritmos, para dar regularidade e conjunto aos movimentos, e cantos para desenvolver a voz, aumentar a resistência à fadiga e dar um direcionamento moral ao método.

[...]

15º – As danças pírricas ou militares, e as danças de sociedade mais ou menos desenvolvidas, de acordo com as aplicações que o aluno deverá dar a elas. A dança cênica ou

teatral pertence ao funambulismo e não pode entrar no nosso projeto.

16º – Para os alunos civis e os alunos militares que se destinam a ser diretores e professores, são dadas lições de canto e de expressão musical, mais elaboradas; é mostrada a eles a influência da música sobre o aperfeiçoamento moral do homem, as modificações salutaras e vantajosas que ela pode fornecer aos costumes, ao caráter e à educação; a energia que ela pode inspirar, os nobres sentimentos e as paixões louváveis de que ela pode ser fonte. (AMOROS, 1838, apud SOARES, 2005, p. 39)

Fica evidente que Amoros, acreditava não só em uma formação calcada no físico como também na estética e nos sentidos; o ritmo, a dança, o canto e a música eram considerados elementos importantes desse processo. Segundo SOARES (2005):

No conjunto das observações técnicas é possível encontrar a preocupação de Amoros com a beleza. Não bastava o caráter de eficiência numa corrida, era também necessária a existência da beleza, que seria conseguida pela harmonia dos movimentos e pelo seu ritmo constante.

Independentemente da classificação das corridas, que se dava de acordo com as distâncias percorridas, a velocidade imprimida e a qualidade do terreno onde se corria, a harmonia e o ritmo deviam estar presentes, pois eram os elementos determinantes da beleza nas corridas. (SOARES, 2005, p. 44)

Assim como outros pensadores da época, admiradores da cultura grega, Amoros se valia das idéias de filósofos da Antiguidade para justificar e reiterar seus posicionamentos com relação ao método produzido. Assim, o canto era encarado como fora por Plutarco; elemento que proporcionava vantagens além da saúde que ajudavam também no treinamento das forças viscerais do corpo do indivíduo (SOARES, 2005).

Já para a música, Amoros cita Aristóteles e Platão, trazendo respectivamente a idéia de que a música influenciaria a retidão dos julgamentos humanos, assim como a idéia de que a música e a ginástica seriam as duas bases principais de todo o processo educacional, na qual a música tem por finalidade formar a alma e a ginástica fortificar o corpo. Assim, podemos verificar o quanto esses conceitos se tornavam presentes em sua fala:

A música e o canto servem ainda para equilibrar os efeitos dos exercícios do corpo que poderiam dar ao espírito e ao caráter uma aspereza e uma rudeza excessivas. Sua poderosa influência suaviza e modera o excesso de força muscular que designamos com o nome de temperamento atlético e mantém a sensibilidade numa medida adequada. (AMOROS, 1838, apud SOARES, 2005, p. 39)

À dança cabe uma ligação estritamente militaresca em seu método, indicando as danças guerreiras, pírricas e de origem dórica, danças estas, um dia praticadas em Atenas e Esparta. Desta forma, não apontava a possibilidade de trato das danças da sociedade, assim como negava as danças cênicas e teatrais.

O ritmo para Amoros pode ser entendido como um elemento contido essencialmente na presença do canto e da música, já que os vincula aparentemente com os estilos musicais, mas que tinha grande importância junto à formação educativa que a ginástica proporcionava, principalmente no que diz respeito à questão estética do indivíduo. Com relação à este elemento SOARES (2005) levanta que para Amoros:

A utilização do canto exigia também um profundo conhecimento de música. Os diferentes ritmos tinham finalidades precisas e estavam relacionados muito diretamente com o conteúdo que se desejava passar ao aluno. Por exemplo, os ritmos lentos e graves eram sempre utilizados para conteúdos sérios; já os calmos e moderados serviam para explicar o pensamento filosófico. (SOARES, 2005, p. 49)

Nos cabe apontar, apesar das possíveis ressalvas tangíveis à ideologia presente nos métodos de Amoros, que este trazia consigo elementos caros à Educação Física. Elementos estes que não só poderiam ser considerados importantes no desenvolvimento dos indivíduos como também poderiam construir novas bases para a atual Educação Física, não fosse a descontinuidade da valoração e do desenvolvimento a que foram submetidos por circunstâncias históricas.

No Brasil os métodos ginásticos europeus, inclusive o método ginástico francês, tiveram grande aceitação a partir da década de vinte dentro da Educação Física, o que nos permite inferir que muitas das idéias de Amoros possivelmente estiveram presentes no processo educacional brasileiro. Assim, o ritmo, a dança, o canto e a música eram conteúdos tratados nas aulas de Educação Física na escola, mas que foram abandonados depois de alguns anos com o surgimento de novas concepções educacionais. Primeiramente essas idéias foram provenientes da Escola Nova, que teve seu auge entre o final dos anos 40 e início da década de 50, mas que em pouco tempo foram desbancadas pelo surgimento do “movimento esportivo generalizado”, que não só trouxe à Educação Física uma nova roupagem, agora não mais representada por uma farda mas sim por um uniforme esportivo, como desconsiderou em grande parte as possibilidades que nela coexistiam. O que

vale apontar é o fato de que o abandono do ritmo, da dança, do canto e da música pela Educação Física é resultado de um processo sócio-político-cultural, no qual, a concepção de mundo encontrava-se calcada em bases científico-positivistas, fato que inviabilizava o tempo e os espaços da arte dentro do ambiente educacional.

O ritmo aparentemente se torna obsoleto para a Educação Física por bom tempo, mas retorna em algumas das várias discussões fecundas sobre as possibilidades da área no contexto escolar, ocorridas a partir da década de 80. Atualmente, temos pouco material em relação ao tema dentro da área, mas os que existem apontam para uma possibilidade que já nos parece interessante: trazer de volta o ritmo para a Educação Física que, por momentos se mostrou descompassada.

3.3 As atividades rítmicas, os PCNs e o livro Metodologia do ensino de Educação Física.

É a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, que iniciaremos nossas discussões a respeito do conteúdo em questão, uma vez que o documento nos parece uma das únicas oportunidades de levantamento das atividades rítmicas como possibilidade de trato no processo de ensino e aprendizagem, de maneira formal e com abrangência expandida já que o mesmo fora sugerido em escala nacional, embora outros autores e propostas

tenham sugerido o conteúdo dança para a Educação Física escolar e que trataremos mais adiante.

Com a proposta apresentada pelo documento de Educação Física para os 3^{os} e 4^{os} ciclos em 1998, as atividades rítmicas e expressivas tomam destaque no âmbito das possibilidades de conteúdos a serem tratados no processo educacional, em específico no ensino fundamental. Esse destaque pode ser assim considerado, pois as atividades rítmicas e expressivas se apresentam como um bloco de conteúdo específico, dividindo importância equacionada com o bloco de esportes, jogos, lutas e ginásticas; práticas corporais estas de grande destaque e prestígio em nossa sociedade. Apesar de ambos estarem vinculados entre si e a um terceiro outro bloco de conteúdos, denominado conhecimentos sobre o corpo, isso nos aponta para uma possível importância dada ao desenvolvimento dos aspectos ligados às atividades rítmicas e expressivas no processo educacional.

Essa igualdade, pelo menos em tese, de importância e relevância do conteúdo não só se justifica pela comparação com os outros blocos, mas também pelos fundamentos que o documento aponta em torno do tema. De acordo com os PCNs:

Este bloco de conteúdos inclui as manifestações da cultura corporal que têm como característica comum a intenção explícita de expressão e comunicação por meio dos gestos na presença de ritmos, sons e da música na construção da expressão corporal [...] Nessas atividades rítmicas e expressivas encontram-se mais subsídios para enriquecer o processo de informação e formação dos códigos corporais de comunicação dos indivíduos e do grupo. (BRASIL, 1998, p. 71)

Com isso, podemos notar que as atividades rítmicas e expressivas acabam sendo apontadas como conteúdos de importância no desenvolvimento das questões relativas à comunicação e a expressão dos indivíduos, dos grupos e da relação que ambos estabelecem entre si, uma vez que possibilitam a detecção, a compreensão e a produção de códigos corporais de comunicação. Com essa responsabilidade, este bloco de conteúdo acaba assumindo um papel de grande importância na formação da identidade do cidadão, uma vez que seria difícil pensar em uma prática cidadã sem atrelarmos questões como o ato comunicativo e expressivo dos indivíduos.

Esses aspectos são importantes, senão essenciais, para o desenvolvimento da participação social e política, do desenvolvimento de atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, de posicionamento crítico e responsável no que diz respeito às situações sociais, entre tantas outras ações que se espera de um cidadão.

Para que estas questões sejam abordadas, os PCNs elegem alguns conteúdos a serem tratados e que são apresentados da seguinte maneira no documento: “Trata-se especificamente das danças, mímicas e brincadeiras cantadas” (BRASIL, 1998, p. 71).

O documento aponta algumas possibilidades de trato e arrola alguns conteúdos. Apesar de o fazerem de maneira bastante breve, o documento traz uma carga de discussão em torno da dança, indiscutivelmente maior se comparada aos outros conteúdos. Uma prova disso está no fato de que durante as rápidas duas páginas, podemos encontrar apenas três citações

de outros conteúdos, realizados em dois únicos parágrafos, como as brincadeiras de rodas, as cirandas e as lengalengas, deixando até mesmo de lado a discussão a respeito das mímicas que foram inicialmente apontadas como conteúdo específico das atividades rítmicas e expressivas.

Interpretativamente, a dança se coloca como o conteúdo principal do bloco em questão, deixando em segundo plano o levantamento e a discussão de tantos outros conteúdos de grande importância no trato das atividades rítmicas e expressivas e que podemos encontrar na extensa cultura corporal de movimento.

O fato mais marcante, não vem a ser somente a quase exclusividade da dança como conteúdo das atividades rítmicas e expressivas mas também a falta de discussão da própria dança dentro da Educação Física ligada às questões rítmicas, o que podemos perceber claramente já no título do capítulo “Atividades rítmicas e expressivas⁹” (BRASIL, 1998), que como notamos possui um chamado de nota e que apresenta a seguinte fala:

⁹ O enfoque neste item é complementar ao utilizado pelo bloco de conteúdo “Dança”, que faz parte do documento de Arte. O professor encontrará, naquele documento, mais subsídios para desenvolver um trabalho de dança, no que tange aos aspectos criativos e à concepção da dança como linguagem artística. (BRASIL, 1998, p. 71)

A partir de tal posicionamento, com relação aos conteúdos que seriam discutidos adiante pelo documento, podemos levantar algumas questões que colocam em jogo a inicial impressão da importância dada às atividades rítmicas e expressivas e a todos os conteúdos que junto a elas

poderiam ser tratados dentro do processo de desenvolvimento e formação dos alunos, porém, o que fica claro é que no documento há um foco intensificado na intencionalidade do desenvolvimento da comunicação e da expressão corporal por meio das atividades rítmicas e expressivas nas aulas. Nos parece que o entendimento que os autores têm desse processo se dá em um nível “natural”, ou melhor, de maneira a entender que tal conteúdo possui uma “essência” capaz de produzir tal aprendizagem, como se ele por si só resolvesse a questão, assim como em outros momentos alguns achavam que o ato do jogar traria consigo uma aprendizagem intrínseca, sem que fosse necessário desenvolver propostas de discussões que norteassem o aprendizado do próprio jogo e de outros temas que este suscita.

Esse tipo de interpretação, se deve a falta de detalhamento aos quais tais conceitos são apresentados, primeiramente em relação às próprias atividades rítmicas e expressivas, sem apontamentos de quaisquer elementos e/ou referências que norteiem o entendimento sobre as questões do ritmo e da expressão e por conseguinte, a falta de conceituação sobre a comunicação. Ou seja, como a entendemos dentro das questões particulares da Educação Física, como se configura o ato comunicativo em nossas aulas e qual sua relação e importância com a produção de movimentos e com o corpo.

Com o intuito de continuarmos a contextualizar o pensar das atividades rítmicas no ambiente escolar, tomaremos a proposta pedagógica realizada pelo Coletivo de Autores de 1992, no livro *Metodologia do Ensino de Educação Física*, que apesar de eleger a Dança como conteúdo, parece

possuir intenção semelhante ao das atividades rítmicas e expressivas tratado nos PCNs.

É a partir desse documento que os autores nos trazem possibilidades do pensar a Educação Física na escola, discutindo seu intento, seus objetos de estudo e uma breve sistematização dos possíveis conteúdos a serem ensinados. Para tanto, o documento levanta a idéia da cultura corporal, no qual os jogos, o esporte, as ginásticas, a capoeira e a dança são reconhecidos como elementos da produção histórico-cultural da humanidade e que, portanto, seriam importantes de serem desenvolvidos e discutidos durante o processo de ensino escolar.

Para nós, a intenção do documento, tratando a Dança, se assemelha às das atividades rítmicas e expressivas apontado pelos PCNs, pois podemos perceber pontos de convergência em relação aos seus objetivos. Senão vejamos:

A capacidade da expressão corporal desenvolve-se num continuum de experiências que se iniciam na interpretação espontânea ou livre, evoluindo para a interpretação de temas da dança formalizada, onde conscientemente o corpo é o suporte da comunicação. A escola também pode oferecer outras formas de prática da expressão corporal, paralelamente à dança, como, por exemplo, a mímica ou pantomima, contribuindo para o desenvolvimento da expressão comunicativa nos alunos. (SOARES et al., 1992, p. 83)

Fica evidente que o documento preza pelo desenvolvimento, também, da expressão corporal, entendida como um elemento capaz de proporcionar o entendimento do corpo como suporte para a comunicação, ou seja, é pelo trato da dança, da mímica e da pantomima, que a expressão e a

comunicação do corpo (e pelo corpo) serão articulados e se arrolarão para um entendimento “da simbologia que produz, da utilização que faz das suas possibilidades corporais e da consciência que tem dos “outros” a quem comunica.” (SOARES et al., 1992, p. 83), no intuito de proporcionar a construção da identidade do cidadão.

O que nos intriga é a maneira como se reportam à questão da comunicação e da expressão, ora usadas como sinônimos, ora como elementos que se relacionam obrigatoriamente no desenvolvimento do conteúdo proposto. Desta forma, não deixam clara a diferença entre ambas, o que pode trazer uma certa dificuldade no entendimento e desenvolvimento da Dança dentro de uma proposta de ensino. Para tanto, nos colocamos as seguintes questões: Qual a diferença entre expressão e comunicação? E quais as relações que as duas estabelecem com o movimento humano?

Em outro momento, no livro Metodologia do Ensino de Educação Física, SOARES et al. (1992) nos aponta o confronto dos aspectos expressivos com os da formalidade técnica que circunscrevem o trato da Dança na escola:

Na dança são determinantes as possibilidades expressivas de cada aluno, o que exige habilidades corporais que, necessariamente, se obtêm com o treinamento. Em certo sentido, esse é o aspecto mais complexo do ensino da dança na escola: a decisão de ensinar gestos e movimentos técnicos, prejudicando a expressão espontânea, ou de imprimir no aluno um determinado pensamento/sentido/intuitivo da dança para favorecer o surgimento da expressão espontânea, abandonando a formação técnica necessária à expressão certa. (SOARES et al., 1992, p. 82-83)

Diante de tal posicionamento podemos levantar alguns pontos que são merecedores de maior esclarecimento nessa relação entre a expressividade e a técnica. Nos parece delicada a idéia de vincularmos, necessariamente, esses dois elementos, ou seja, será que não existem possibilidades de expressão individual sem uma habilidade corporal obtida através de treinamento? Ou ainda, será essencial uma formação técnica para a “expressão certa”? O que será uma “expressão certa”, quando esperamos tratar de possibilidades expressivas individuais?

Essas questões, de certa forma são respondidas ao final do texto proposto pelo coletivo de autores, entendendo que a técnica e a expressão devem sim, caminhar lado a lado, com o intuito de proporcionarem maiores possibilidades aos alunos no desenvolvimento de suas capacidades expressivas e comunicativas.

Nos diferentes níveis do ensino fundamental e médio, o professor irá desenvolver o conhecimento técnico do aluno, sem que isso signifique exigir dele, necessariamente, níveis de execução de alta qualidade técnica. É claro que, se alguns alunos virem a se interessar e desenvolver condições para tal, poderão treinar até atingir esses níveis, enquanto outros serão orientados pelo professor dentro das possibilidades individuais, sem negar conhecimentos mais amplos e profundos. (SOARES et al., 1992, p. 86)

Para tanto, esclarecem tal assunto com o levantamento de elementos possíveis de desenvolvimento no âmbito técnico e expressivo e que apresentam da seguinte forma:

Em relação ao desenvolvimeto técnico, sugere-se a abordagem dos fundamentos:

Ritmo = cadência, estruturas rítmicas.

Espaço = formas, trajetos, volumes, direções, orientações.

Energia = tensão, relaxamento, explosão.

Em relação ao conteúdo expressivo, sugere-se os seguintes temas:

As ações da vida diária.

Os estados afetivos.

As sensações corporais.

Os seres e os fenômenos do mundo animal, vegetal e mineral.

O mundo do trabalho.

O mundo da escola.

Os problemas sócio-políticos atuais, sugeridos anteriormente (item: "O conhecimento de que trata a Educação Física"). (SOARES et al., 1992, p. 84)

Podemos entender, dessa forma, que tais apontamentos, apesar de norteadores, ainda se encontram insuficientes para uma compreensão capaz de gerar reflexões que possibilitem a construção de uma prática pedagógica consistente no campo das atividades rítmicas.

Levando em consideração tais pontos, podemos nos posicionar diante de três questões importantes; a primeira se refere à proximidade nas intenções dos conteúdos que ambos os documentos se propõem a desenvolver, que apesar de diferentes em sua nomenclatura, ora entendido como atividades rítmicas e expressivas, ora como dança, têm objetivos bastante próximos e que miram para um lugar em comum, no qual destacamos elementos que coexistem de maneira fundamental e que a discussão e desenvolvimento em torno deles se torna importante, são eles: a comunicação, a expressão e o ritmo. A segunda questão a ser levantada é relativa a

presença de discussões de tais elementos na Educação Física, uma vez que podemos perceber a falta de precedentes conceituais na área que se refiram aos elementos apontados anteriormente, tanto quantitativa quanto qualitativamente, ou seja, a ínfima produção de textos que conjuguem tais elementos, além da questão da falta de verticalidade nas discussões a respeito do tema que os poucos materiais de referência se propõem a realizar. Já a terceira questão a ser apontada diz respeito à escassez no reconhecimento de elementos da cultura corporal de movimento capazes de serem tratados no desenvolvimento dos aspectos rítmicos, expressivos e comunicativos que o conteúdo se propõe, lançando-se de maneira reducionista ao se dirigirem quase que exclusivamente à dança.

Contudo, fica evidente que o entendimento que se tem de tais conteúdos são insuficientes no processo de compreensão e conseqüentemente da ação docente quanto às possibilidades dos mesmos na escola, ocasionado pela falta de aprofundamento dos temas que a eles estão ligados, pela escassez de materiais que os discutam dentro da Educação Física e pela falta de congruência que os poucos escritos possuem entre si.

É, portanto, com as dificuldades encontradas no entendimento das questões relativas a esse conteúdo (que optamos por tratar aqui como atividades rítmicas), que algumas questões se fazem marcantes para avançarmos em uma reflexão que contribua para o seu esclarecimento: Os fundamentos para a discussão e trato das atividades rítmicas na Educação Física estão realmente claras a ponto de possibilitar aos docentes um trabalho educacional de tamanha responsabilidade social? Será que a dança é

realmente o principal conteúdo das atividades rítmicas? E os tantos outros conteúdos possíveis e existentes na prática de nossa cultura? E a partir desses fundamentos postos, como as atividades rítmicas vêm sendo implementadas, tanto na escola como na formação inicial de professores?

É possível afirmarmos que o conteúdo atividades rítmicas, encontra-se em meio a dúvidas e imprecisões conceituais, que conseqüentemente, acarreta em um possível distanciamento de seus usos e recursos na ação docente, dificultando ainda mais o desenvolvimento de possibilidades interessantes na construção de uma educação que preza pela autonomia do pensar, do sentir e do “ser” cidadão.

É, portanto, percebendo tais limitações do trato das atividades rítmicas no ambiente escolar, tanto no que diz respeito às questões conceituais como procedimentais, que o presente trabalho se propõe a discutir as eventuais possibilidades de desenvolvimento do conteúdo.

3.4 – Comunicação, expressão e linguagem nas atividades rítmicas.

O intuito desse item é de promover discussões a respeito da comunicação, da expressão e da linguagem, principalmente na vinculação de tais conceitos no desenvolvimento do conteúdo atividades rítmicas na escola.

3.4.1 – A humanidade e a comunicação.

Iniciemos nossa conversa com a tentativa de entendermos o processo de aculturação do homem, fato que não é possível se nos bastarmos apenas às possíveis imagéticas criadas na representação do surgimento da vida humana. É importante caminharmos, também, para locais que transcendam tal posicionamento e que em certa medida podemos encontrar no pensamento abstrato, assim realizado na produção de alguns filósofos, psicólogos ou antropólogos.

De acordo com COSTA (2002), fazendo alusão a alguns pensadores como Jean-Paul Sartre, Merleau-Ponty, Jacques Lacan e Lévi-Strauss, é possível que o homem, em determinado momento da história tenha vivenciado um momento de ruptura com a natureza. É nessa situação de desligamento com o natural que surge o momento transformador da humanidade, ao qual o homem é submetido ao confronto direto com o mundo exterior a partir de sua subjetividade. (COSTA, 2002)

Nessa situação instala-se a possibilidade de um ser que se percebe como indivíduo, ligado a uma existência que se mostra singular e mesmo solitária e que delega por consequência, a si próprio a responsabilidade de perpetuação de sua espécie.

De acordo com Costa, desligar-se do estado “natural” a que se encontrava foi situação fundamental para a construção de uma identidade que se forja pelas experiências de enfrentamento com o meio externo, que por hora, desafia de forma indiscutível, o desenvolvimento da imaginação e do

poder de abstração do mesmo. Elementos importantes para o surgimento da consciência humana que se tornaria ávida na construção de seus processos simbólicos, responsáveis pela consciência de si próprio e pela materialização de uma identidade que se construía em oposição ao mundo externo. Dessa forma, é possível eleger a relação do homem com o mundo como elemento essencial para a construção do conhecimento e da identidade humana. (COSTA, 2002)

Para que o homem pudesse compreender a existência de um espaço entre o eu e o exterior, foi necessário a construção de mecanismos simbólicos capazes de desenvolver a sua subjetividade. Um dos elementos constitutivos desse processo foi, sem dúvida, a criação da linguagem, que oportuniza o compartilhamento das experiências vividas e apreendidas internamente pelo homem junto a um igual.

É, portanto, a partir desse momento que damos o start ao entendimento do processo em que a humanidade se insere no ambiente cultural, levando em suma a caracterização de cultura feita por Geertz, entendendo-a como o compartilhamento de significados relativos ao mundo e aos homens que dele fazem parte (GEERTZ, 1989) e que poderíamos completar com os pensamentos de Iuri Lotman que trata a cultura como um processo de “informação não hereditária, adquirida, preservada e transmitida por vários grupos da humanidade.” (LUCID, 1980 apud CAMPELO, 1996, p. 15)

Sendo assim, podemos entender que o surgimento da cultura está relativamente ligada às questões da construção da subjetividade humana,

resultado de um processo de construção simbólica e que tem a linguagem como um dos pontos fundantes de sua matriz. Contudo, isso nos possibilita levantar a hipótese de que o surgimento do processo cultural humano ocorre concomitantemente à capacidade de subjetivização que o homem adquire a respeito de si, reconhecendo-se como ser íntegro, singular e capaz de construir-se e transformar-se na relação do eu com o outro.

Diante da necessidade que o homem tem de estabelecer simultaneidade com o ambiente externo e com todos que dele fazem parte, na tentativa de sua expansão cultural de vivências, tal ação proporcionou a criação de variadas formas de discurso e de linguagens capazes de engendrar vínculos entre as diferentes realidades percebidas e vividas pelo homem, que resultam de uma atuação fundamentalmente corpórea.

Desta forma, podemos apontar a linguagem como um elemento que cria discursos capazes de traduzirem as experiências individuais aos outros de maneira compreensível e que posteriormente, as transforma em modelos de orientação para novas percepções do real. Tomemos como exemplo ilustrativo uma aula em que o professor decide tratar a violência dentro das práticas esportivas nas aulas de Educação Física, mais especificamente relacionadas ao futebol. Para tanto, o professor anteriormente buscará elementos que dêem a ele fundamentos capazes de mobilizar os alunos junto à questão, que pode ser feito através de textos jornalísticos polêmicos trazendo a idéia da proibição da entrada de torcidas organizadas nos estádios ou ainda imagens que representem atos violentos dentro de campo. A partir disso, o professor propõe discussões que sugerem um

posicionamento dos alunos com relação ao tema e que no decorrer da aula vai sendo transformado de acordo com a interpretação que cada um dos alunos vai fazendo das questões que são levantadas, ou seja, a partir de uma linguagem apresentada pelo professor e captada pelos estudantes, estes irão criar novas referências individuais internas que serão decisivas na eventual revisão de seu real. Como resultado desse processo, um aluno que inicia a aula com um discurso pró as ações violentas no esporte, pode eventualmente, depois de interpretar o discurso dos colegas e do professor, re-significar sua realidade, terminando a aula com um posicionamento diferente daquele inicialmente apresentado, entendendo que a violência esportiva é resultado de ações que estão além das postas dentro do próprio jogo, mas que são resultado de questões sociais mais amplas que se relacionam com questões educacionais, de acesso a saúde, emprego, moradia e tantas outras.

Podemos perceber, portanto, que a linguagem acaba se transformando em elemento fundamental no processo de comunicação dos indivíduos, dando a oportunidade da integração de suas subjetividades, oportunizando suas transformações e a criação de novas realidades. Para alguns autores, assim como Costa, a comunicação “transforma-se, assim, em veículo que liga interioridade e exterioridade, reconstituindo o elo perdido entre o homem e o mundo que o rodeia” (COSTA, 2002, p. 12), o que nos aponta a grandeza de tal elemento no processo de construção do patrimônio cultural humano que se fundamenta como o resultado do compartilhamento de experiências relativas ao mundo e aos homens.

Para que possamos compreender melhor a questão, é possível fazermos a seguinte relação entre linguagem e comunicação: A linguagem se mostra como a produção de símbolos e técnicas, resultado de ações que se esperam fazer entender e que podem conceber a comunicação quando da presença da integração das subjetividades humanas, ligando as questões interiores do ser às exteriores, conectando o homem ao mundo que o cerca.

Assim, quando tratamos de compreender os elementos comunicação, expressão e linguagem é possível observarmos uma ligação estreita entre estes e a produção cultural humana, que se interligam e se fundem em nossas ações cotidianas e que, ao nosso ver, são merecedoras de atenção especial. Entender os desdobramentos dessas ações é necessário para que consigamos desenvolver nossa capacidade comunicativa e expressiva nas relações sociais. Especificamente, na Educação Física escolar, o desenvolvimento de tais capacidades se faz importante dentro das possibilidades que a cultura corporal de movimento apresenta em nossos contextos, ou seja, é relevante que desenvolvamos em nossas aulas a interpretação dos códigos que estão postos nos jogos, nas brincadeiras, nas lutas, nas danças e em outras manifestações, entendendo seus significados para que possamos interagir com eles, experimentando-os e transformando-os, dando assim a oportunidade de ampliarmos nossos repertórios simbólicos do corpo para construirmos nossas próprias identidades.

3.4.2 – O processo de comunicação e a comunicação não-verbal.

A comunicação se apresenta atualmente como uma área do conhecimento em destaque, impulsionada principalmente pelo “boom” do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa que se intensifica nos anos 30 com a “criatura-chave do século XX – a televisão” (SEVCENKO, 2001, p. 77) e que alcança níveis nunca antes experimentados com o surgimento dos computadores e da rede mundial de computadores (a world wide web) na década de 90. O fato é que o processo de informação e comunicação foi rapidamente facilitado, trazendo não só as suas já conhecidas facilidades como também novos desafios.

Se por um lado, a comunicação entre as pessoas fora facilitada com as novas tecnologias, aumentando assim a troca de mensagens entre os diversos interlocutores, as informações que tais relações estabelecem são no mínimo muito mais volumosas que há algumas décadas atrás e que por sua vez acabam sendo difíceis de serem assimiladas na mesma progressão em que são produzidas e que chegam ao nosso entorno. Como exemplo para tal questão, imagine quão trabalhoso não seria tentar ler todas as informações dispostas em um desses sites de notícias que se atualiza a cada minuto. Sem dúvida não conseguiríamos dar conta, já que muitas dessas notícias simplesmente passam poucos minutos no ar e logo são substituídas por outras novas e mais atuais.

De fato, podemos perceber que junto à facilidade da comunicação, surge um problema excedente do conteúdo da informação, que

por sua vez não necessita ser simplesmente ignorado ou desconsiderado, mas sim filtrado, muito bem selecionado. À esse intento, não nos basta apenas aprendermos a classificar o que nos é útil mas também perceber como se processa o ato comunicativo para que tenhamos autonomia nessa relação comunicativa com o meio.

Entender a comunicação não é tarefa fácil, ainda mais se considerarmos que “tudo aquilo que as pessoas possam atribuir significações pode ser e é usado em comunicação” (BERLO, 2003, p. 1). Assim, percebemos a amplitude que o tema comunicação sugere junto aos seus possíveis desdobramentos. Tratar do comportamento comunicativo é sem dúvida, trabalho árduo e de extensão temporal prolongada, fato que não é pretendido realizar nesse trabalho. O intuito de trazer a comunicação à discussão é de incitar reflexões que proporcionem um maior entendimento das possíveis relações entre o conteúdo atividades rítmicas na Educação Física escolar e o desenvolvimento da comunicação, da expressão e da linguagem no processo educacional, fato que nos parece de grande relevância, haja visto o constante recrutamento da habilidade comunicativa à qual estamos expostos diariamente.

BERLO (2003) sugere uma idéia a respeito da importância da comunicação para os comunicadores profissionais que nos faz pensar e ampliar seu posicionamento não só para tais indivíduos, como também, mesmo com menor grau de especificidade, para todos os seres que vivem em uma sociedade calcada nas relações comunicativas. Vejamos:

Podemos definir o campo do comunicador profissional ainda mais amplamente do que fizemos. Muitos comentaristas sociais chamam essa idade da manipulação dos símbolos. No tempo de nossos avós, a maior parte das pessoas ganhava a vida manipulando coisas, não manipulando símbolos. Progredia o homem capaz de forjar uma ferradura melhor, de colher o melhor produto agrícola, de construir a melhor ratoeira. A comunicação era importante também naquele tempo, é claro, mas era menos relevante para a carreira do homem. (BERLO, 2003, p. 4)

Atualmente nos parece que essa manipulação de símbolos, de fato é importante, porém não só para uma necessidade especificamente profissional como aponta o autor. A cada dia aumenta a importância que os símbolos e as novas linguagens têm na vida do homem e para tanto, é fundamental que estejamos atentos à compreensão dos sentidos e significados que estes nos sugerem em nosso cotidiano. Para isso, não necessitamos olharmos para questões distantes, nos parece mais prudente mirarmos para nossas ações mais corriqueiras, orgânicas e de fundo corporal.

Quantas vezes não é possível nos depararmos com situações em que, por exemplo, durante uma aula os alunos sem dizer uma só palavra, nos mostram o quanto estão cansados e desinteressados pelo assunto que tratamos? Reconhecemos tais posicionamentos pela interpretação de seus movimentos, gestos ou fisionomias, ou seja, os símbolos que o corpo produz. Sua linguagem corporal diz muita coisa e são tão palpáveis quanto a fala e a escrita, pois estão presentes em todas as nossas ações e atitudes, estão em nossos corpos.

Para termos uma idéia de quanto essa relação comunicativa permeia nossas vidas, tomemos um dos estudos de A. MEHRABIAN (1968)

citado por RECTOR (1985) que traz a informação da relevância das palavras em uma interação entre indivíduos, apontando que esta acontece de maneira indireta, ou seja, de acordo com o autor apenas 7% da comunicação interativa cara-a-cara (ing. face-to-face interaction) é realizada por palavras; 38% se dá pela tonalidade vocal e outras características prosódicas; e por fim 55% é tributável à expressão facial, corporal e gestual.

Assim, nos parece que o ato comunicativo traz consigo algumas características bastante interessantes do ponto de vista corporal e que à Educação Física sugere alguns encaminhamentos de reflexão com relação ao desenvolvimento educacional da área.

Ainda de acordo com RECTOR (1985), recentemente autores como R. Applbaum, E. Bodaken, K. Sereno e K. Anatol provaram que apenas 35% do significado em uma interação de comunicação cara-a-cara se faz de forma verbal, em contraposição a 65% dito não-verbal.

A comunicação não-verbal, portanto, pode ser considerada como parte decisiva e realmente representativa no desfecho das interações comunicativas entre os indivíduos, o que nos traz uma importância substancial no entendimento de seus processos, já que envolve sobremaneira o uso da linguagem do corpo.

Podemos dizer sinteticamente que, em uma interação comunicativa entre pessoas, interagem alguns elementos essenciais:

A – Lingüísticos: que são representados pelo uso da linguagem verbal, tanto de forma oral pelas palavras vocalizadas (vocais), quanto pelas palavras escritas ou impressas (não-vocais).

B – Paralingüísticos: que são os não lingüísticos e os não-verbais (vocais e não-vocais), representados pelos gestos, expressões faciais e posturas.

C – Extralingüísticos: que são não-verbais, não-lingüísticos e não-paralingüísticos, mas podendo ser vocais e não-vocais, respectivamente representados pela qualidade de voz de uma pessoa e pelo seu estilo de vestimenta. (RECTOR, 1985)

Vale lembrar que tais divisões são realizadas para facilitar didaticamente os estudos e a compreensão da importância de suas funções no ato comunicativo, já que “a comunicação inter-humana é efetivamente um processo desenvolvido através de múltiplos canais; suas mensagens reforçam umas às outras, em um contexto de permanente controle.” (RECTOR, 1985, p.34)

De fato, a comunicação não-verbal, também denominada por outros autores de “comportamento não-verbal” ou ainda de “interação comunicativa cara-a-cara”, tem o gesto como elemento marcante em suas principais características. Nesse momento, é comum definir-se o gesto na comunicação como uma “expressão do pensamento por meio de movimentos visíveis, mas não audíveis e de dar a esta expressão um lugar entre a fala e a escrita.” (WUNDT, 1973 apud RECTOR, 1985, p. 34)

Apesar de verificarmos junto às pesquisas, a grande importância que a comunicação não-verbal possui no ato comunicativo entre os indivíduos, e por consequência o quanto o gesto também é relevante nesse processo; ainda notamos indiretamente na fala de alguns autores, uma relação de diferenciação na importância dos aspectos verbais sobre os não-verbais, assim como fora apresentado anteriormente por WUNDT (1973). Não se trata de dar ao gesto “um lugar entre a fala e a escrita”, mas sim de entendê-lo também como fundamental junto às outras linguagens, de realmente encará-lo como elemento estruturante na comunicação humana.

Reiteramos nossa posição quanto à importância das manifestações não-verbais no processo de interação comunicativa junto às outras linguagens com a fala de RECTOR (1985), que ressaltam:

Não temos controle das nossas manifestações não verbalizadas, como podemos ter no tocante à comunicação verbal. Podem-nos dizer “Você escolhe as suas palavras com cuidado” ou chamar nossa atenção com: “Tome cuidado com o que você diz”; mas ninguém dirá: “Tome cuidado com os seus gestos”. No máximo, dirá: “Tome cuidado com seu comportamento”, o que já envolveria elementos da comunicação verbal e não-verbal. (RECTOR, 1985, p. 45)

Na tentativa de melhor explorar e entender a importância da comunicação não-verbal dentro do ato comunicativo humano, alguns autores apresentam algumas dimensões básicas da mesma. São elas:

1. A paralinguagem (de características vocal e não-verbal);
2. A cinésica (de características não-vocal e não-verbal) ;

3. A proxêmica e a cronêmica (também de características não-vocal e não-verbal).

A paralinguagem, de acordo com D. ABERCOMBIE (1968) produz fenômenos que “ocorrem ao lado da língua falada, interagem com ela e produzem com ela o sistema total de comunicação... Isto ocorre porque falamos com os órgãos vocais, mas conversamos com o corpo inteiro.” (ABERCROMBIE, 1968 apud RECTOR, 1985, p. 50-1)

A paralinguagem remete a ocorrências na linguagem, mas que não fazem parte da língua e que podem ser exemplificadas com:

- a) as variações de altura e intensidade da voz;
- b) com as pausas, tanto as não preenchidas, ou seja, com a presença do silêncio como também as preenchidas com onomatopéias;
- c) com os sons que não fazem parte da língua como o riso e o suspiro;
- d) com outras qualidades da linguagem articulada, tal como a ressonância, mudando as relações de timbre. (RECTOR, 1985)

Dessa forma, podemos ter como exemplos de fenômenos paralingüísticos, de acordo com a taxonomia elaborada por F. POYATOS (1977) e citado por RECTOR (1985) o timbre, o nível tonal, o registro tonal, o intervalo tonal, a escala de entonação, a ressonância, o volume, a duração silábica, o tempo e o ritmo geral da fala, assim como as formas e graus de cochicho, de choro, riso, tosse, bocejo e outros como assobios e estalos, todos

esses em grande parte, resultado do controle glotal, laríngeo, labial e respiratório do indivíduo.

Se a paralinguagem estuda:

o conjunto de qualidades não-verbais da voz, os modificadores e os sons produzidos ou condicionados nas áreas cobertas pelas cavidades supraglóticas (dos lábios e narinas à faringe), a cavidade laríngea e as cavidades infraglóticas, assim como os músculos abdominais. (POYATOS, 1977 apud RECTOR, 1985, p. 51)

Ou seja, trata especificamente da vocalização como um aspecto não-verbal; a cinésica faz o contrário.

Ainda para POYATOS (1977), a cinésica é

o estudo sistemático de movimentos corporais baseados psicomuscularmente e/ou as suas posições resultantes, quer aprendidas ou somatogênicas, de percepção visual, visual-acústica e tátil ou cinestésica que, isolados ou combinados com as estruturas lingüístico-paralingüístico e com o contexto situacional, possuem valor comunicativo, seja consciente ou inconscientemente (POYATOS, 1977 apud RECTOR, 1985, p. 56).

A cinésica surge, portanto, em 1952 com os estudos sistemáticos dos gestos corporais realizados por R. Birdwhistell e que posteriormente se torna uma ciência que trata dos aspectos comunicativos do comportamento aprendido e estruturado do corpo em movimento.

A grande questão que se coloca junto à cinésica é o fato da mesma ter em muitos de seus estudos a característica de um modelo de investigação semelhante ao modelo lingüístico, ou seja, há a tentativa de mensurar a linguagem do movimento, estabelecendo, portanto, unidades de

significação para os gestos corporais. Para exemplificar, a lingüística tem o fonema como a menor unidade de significação para análise e compreensão, assim como a cinésica possui o cine, ou seja, a palavra e a frase estão para a lingüística assim como o gesto e a seqüência gestual estão para a cinésica.

Apesar de interessante tal tratamento dado à investigação do movimento, fica claro que seu entendimento seria deveras trabalhoso já que seria necessário introduzir novos códigos auxiliares de escrita para representá-lo graficamente. De qualquer forma, surge a paracinésica que estuda especificamente os modificadores de atividades ou do movimento, que não descrevem só a parte (o cine) mas analisam o corpo inteiro em movimento ou a estrutura de movimento dos participantes de determinada interação comunicativa.

A paracinésica se atém às qualidades ligadas aos seguintes aspectos:

a) a intensidade do movimento, que analisa a tensão muscular do mesmo em hipertenso, tenso, médio, relaxado ou super-relaxado;

b) o raio/escala do movimento, responsável por verificar a extensão dos movimentos, semelhante à duração silábica, caracterizando-o em muito amplos, amplos, médios, estreitos e muito estreitos;

c) a velocidade do movimento que se relaciona ao tempo da fala, tornando-o muito rápido, rápido, médio, vagaroso ou muito vagaroso.

Fica evidente que tais sistemas de análise do movimento sugerem algumas possibilidades interessantes nos processos de interpretação

da comunicação gestual entre interlocutores, porém, para que tal ação ocorra, não nos basta compreendermos e dominarmos tal instrumentalização técnica, é necessário que entendamos que os fatores culturais se atam às interações comunicativas dadas no momento, gerando possíveis situações adversas na interpretação.

É necessário, portanto, que estejamos conscientes das questões culturais que marcam as ações dos agentes comunicativos, caso contrário é possível que sejamos enganados por nossa interpretação. Como exemplo, o gesto que para os americanos significa just fine ou ok (tudo bem), realizado com a união dos dedos polegar e indicador, formando uma letra “O” ou o desenho de um orifício circular, para um brasileiro pode ser considerado um insulto ou uma provocação.

Isso nos mostra que:

a realização inconsciente de certos atos tem, por outro lado, causado uma série de problemas e de desentendimentos, mormente pela interpretação errônea de gestos por parte de quem está recebendo a mensagem, sempre segundo o código e a significação de tais gestos em sua cultura. (RECTOR, 1985, p. 30)

Assim, percebemos o quanto a comunicação, e no nosso caso a comunicação não-verbal, está diretamente ligada à produção cultural de determinada sociedade, pois se fundamenta de fato como o resultado do compartilhamento das experiências vividas no mundo com o outro.

Outros dois elementos da comunicação não-verbal que são relevantes de serem apontados são o espaço e o tempo.

O espaço é estudado pela proxêmica, que trata de compreender a concepção, a estruturação e o uso do espaço, abrangendo desde o ambiente natural ou construído, até as distâncias mantidas na interação pessoal que podem se dar de maneira consciente ou inconsciente. Em outras palavras, de acordo com RECTOR (1985), a proxêmica estuda o significado social do espaço.

Foi Edward Hall, professor de antropologia da Universidade de Northwestern que iniciou os estudos da proxêmica, que tinha como preocupação os desentendimentos que poderiam surgir entre pessoas de culturas diferentes quanto à manipulação do espaço.

O uso do espaço entre os agentes comunicadores pode ser considerado produtor de símbolos que variam de acordo com a cultura. É comum portanto, perceber nos adultos americanos uma distância de aproximadamente 70 centímetros para manterem uma conversa informal, diferente dos sul-americanos, que gostam de ficar mais perto, criando assim um problema quando um americano e um sul-americano tentam estabelecer uma interação comunicativa. O sul-americano, ao se colocar numa distância que julga conveniente para a conversa, pode ser considerado “desagradável” pelo norte-americano, que por sua vez pode parecer “distante” para o sul-americano. (DAVIS, 1979)

Fica evidente desta forma, que o grau de proximidade entre os indivíduos pode produzir e transmitir mensagens, assim como quando chegamos ainda mais perto de uma pessoa na tentativa de mostrar-lhe quanto

ela nos é querida. DAVIS (1979) trata esse aspecto do espaço da seguinte forma:

O espaço comunica. Quando um bando de gente se amontoa numa roda de conversa – numa festa, por exemplo, ou no pátio de uma escola – cada um exprime sua posição no grupo por intermédio do lugar que ocupa. Ao escolher certa distância, ele indica o grau de intimidade que deseja; ao escolher o lugar principal, por exemplo, ele demonstra o papel que gostaria de desempenhar. Quando o grupo se firma numa configuração em particular, quando cessam todas as mudanças, isso é sinal de que as negociações não-verbais também cessaram. Todos os interessados estão de acordo, ainda que provisoriamente, quanto à ordem hierárquica e quanto ao nível de intimidade que se deve manter e, talvez, quanto a outras relações. (DAVIS, 1979, p. 97-98)

Se com relação ao espaço somos capazes de perceber sua potencialidade de criação de símbolos, o mesmo acontece com o tempo.

A cronêmica é de acordo com POYATOS (1980):

uma área de estudo que trata de nossa conceituação e tratamento do tempo como um elemento biopsicológico e cultural, manifestando características específicas às relações sociais e a muitos acontecimentos dentro do contínuo comunicativo, desde sílabas lingüísticas e gestos rápidos e furtivos, até olhares e silêncios significativos. (POYATOS, 1980 apud RECTOR, 1985, p. 59)

Se olharmos de maneira cuidadosa para o tempo, perceberemos que ele realmente nos sugere significações bastante relevantes dentro de uma interação comunicativa. Tomemos como exemplo a experiência que DAVIS (1979) apresenta em seu livro *A comunicação não-verbal*, tratando da

importância do espaço na comunicação, mas que indiretamente também nos mostra a relevância das questões do tempo nos aspectos da comunicação:

O espaço pode também proporcionar um sinal de status. Ao mostrar um curta-metragem mudo, no qual um “executivo” entrava na sala do outro, as pessoas foram firmes no julgamento sobre a importância de cada um dos personagens. Para essa decisão, os espectadores se valeram de pistas temporais e espaciais: quanto tempo o homem atrás da mesa demorou para responder à batida na porta; quanto tempo demorou para ficar de pé e até que ponto o visitante avançou na sala. Quanto mais este avançava, mais importante ele era considerado. E, logicamente, seu status diminuiu quando o homem atrás da mesa demorou em lhe responder. Em pequenas situações como esta, inúmeras vezes por dia, um indivíduo afirma silenciosamente sua superioridade ou desafia o próximo ou ainda garante que sabe o seu lugar. (DAVIS, 1979, p. 96)

Com isso, podemos perceber quanto o tempo faz parte dos elementos envolvidos na criação de símbolos e significações para a interação comunicativa entre os indivíduos. Logo, percebemos de fato, quanto a relação tempo e espaço é significativa nos processos de comunicação não-verbal. Para RECTOR (1985) “a distância em que nos colocamos com relação ao nosso interlocutor e o tempo que demoramos em receber a mensagem e respondê-la, constituem signos.” (RECTOR, 1985, p. 60), capazes de tornar possível a comunicação.

Desta forma, conseguimos perceber o quanto a comunicação e, especificamente, a comunicação não-verbal faz parte de nossas relações sociais e culturais, além de reconhecer o quanto o nosso corpo, nossos gestos, nossas fisionomias e nossos movimentos são participativos neste processo.

Se por hora, percebemos quanto esses elementos são importantes e influentes nos atos comunicativos durante nossas vidas, cabe a nós professores de Educação Física, refletirmos, a respeito das possibilidades que devemos proporcionar aos nossos alunos de desenvolvimento de significados que seus corpos produzem e reproduzem, assim como a capacidade de interpretar signos de outros corpos, trazendo autonomia no ato comunicativo que estabelecem com seus iguais.

Para isso, nossos alunos necessitam entrar em contato com a possibilidade de leitura que nossos corpos e nossos movimentos produzem durante as ações que praticamos cotidianamente. A sensibilização para tal acontecimento pode iniciar-se a partir de pesquisas corporais com a tentativa de leitura e interpretação dos diferentes movimentos e gestos que praticam ou têm contato. Assim, os alunos podem tentar reconhecer junto aos grupos dos quais fazem parte, as semelhanças e as diferenças presentes nos momentos de comunicação que estabelecem com os mesmos.

Reconhecer as diversas maneiras de cumprimento, assim como o uso peculiar de seus vocabulários ou ainda a transformação de suas posturas corporais de acordo com as situações do momento ao qual estão expostos, são possibilidades interessantes de compreenderem quanto a comunicação verbal e não-verbal são importantes e decisivas no processo de interação entre os homens e na construção de seu conhecimento e de sua identidade.

Outra questão que se mostra importante nesse processo diz respeito à interpretação que se faz das leituras de nossas ações. Colocar em discussão as diferentes interpretações possíveis para um determinado gesto

ou movimento é possibilitar o reconhecimento das diferentes experiências comunicativas aos quais estamos submetidos, ou seja, é vincular conscientemente nossas ações e nossos entendimentos com a cultura da qual fazemos parte.

Logo, os alunos poderão compreender que existem fundamentos nas diferentes ações e interpretações dos processos comunicativos que estabelecemos. Ficará claro, portanto, que existe um porque, por exemplo, de erroneamente entendermos como submisso o cumprimento realizado entre os japoneses, quando estes inclinam o corpo à frente em demonstração de respeito ao próximo; para muitos no ocidente “abaixar a cabeça” para o outro é sinal de covardia.

Desta forma, entendemos que facilitar o desenvolvimento do conhecimento relativo à comunicação, à expressão e à linguagem junto à Educação Física escolar é oportunizar não só a experiência da construção de novos movimentos, gestos, símbolos ou linguagens, mas também trazer a possibilidade de pensarmos a respeito desses elementos inseridos em nossas diferentes culturas, que parte da relação de interação entre nós mesmos e o meio em que vivemos.

3.5 - Ritmo e movimento.

Para que possamos suscitar algumas reflexões acerca das relações existentes entre as atividades rítmicas e a Educação Física,

discutiremos questões um pouco anteriores, ou seja, trataremos da conjugação ritmo e movimento.

O que comumente acontece é que quando ouvimos a palavra ritmo, logo nos colocamos a pensar na música e a relação de tempo que esta possui, ou seja, fazemos uma ligação quase que direta com o andamento ou a pulsação da mesma, o que de certa forma não deixa de ser uma verdade, porém se mostra como uma concepção um pouco restrita.

Podemos encontrar de acordo com alguns musicólogos dois tipos de ritmos, e que SHAFER (1991) aponta como “ritmos regulares e ritmos nervosos, irregulares” SHAFER (1991, p. 87). A diferença básica entre ambos pode ser entendida com a seguinte co-relação, ainda de acordo com o autor:

Um ritmo regular sugere divisões cronológicas do tempo real – tempo do relógio (tique-taque). Este vive uma existência mecânica.

Um ritmo irregular espicha ou comprime o tempo real, dando-nos o que podemos chamar de tempo virtual ou psicológico. É mais como os ritmos irracionais da vida. (SHAFER, 1991, p. 87)

A questão que se coloca diante de tais concepções é que estamos constantemente ligados ao ritmo, a ponto de podermos afirmar que diariamente geramos um tipo de ritmo, o ritmo do movimento orgânico (JOURDAIN, 1998). Ou seja, é o ritmo dos ventos, das ondas do mar, dos cantos dos pássaros, dos pedestres andando na rua ou das crianças postas a gritar em uma brincadeira. É um ritmo que não se mostra formal, dividido ou

medido, mas sim um ritmo livre, presente e vivo, longe de qualquer exigência métrica que um dia adquirimos.

É pensando nessa concepção que notamos que o corpo nos fornece elementos para compreendermos e criarmos outros ritmos do nosso ambiente a partir dele mesmo. Tomemos alguns exemplos para entendermos essa relação entre o corpo e o ritmo.

Logo de cara, podemos apontar os batimentos cardíacos como um ritmo que regula o funcionamento do nosso corpo, podendo variar de acordo com o organismo em questão; em atletas bem treinados, por exemplo, o coração pode bater a aproximadamente cinquenta batimentos por minuto, o que pode ser considerado lento, diferente de uma pessoa que se encontra doente e em estado febril agudo, onde os mesmos podem estar bem elevados, a ponto do coração chegar a bater à duzentos batimentos por minuto. Estas diferenças entre os ritmos cardíacos apresentadas não são diferentes só em situações adversas, elas existem naturalmente entre os organismos, ou seja, duas pessoas igualmente sedentárias poderão ter batimentos distintos, quando submetidos a uma mesma situação e que podem variar entre sessenta e oitenta batimentos, o que nos indica que cada qual possui um ritmo próprio e que conseqüentemente estabelecerá um ritmo outro em suas experiências de troca com o ambiente em que se encontra.

Com isso, observamos que o corpo e o ritmo possuem uma intimidade bastante grande entre si, um exemplo dessa interação também pode ser percebida em ações humanas com características fundamentalmente físicas, como no trabalho manual. Algumas dessas atividades podem ser

citadas como, por exemplo, o martelar e o serrar que para serem dinamizadas são executadas de acordo com o ritmo imprimido pela respiração do executante e ainda pelo movimento do braço que o mesmo realiza. Outro ponto interessante de nos atermos é com relação aos corredores de fundo, que imprimem seu ritmo dentro das provas, regulando suas passadas de acordo com os movimentos de inspiração e expiração, na tentativa de conseguirem obter uma maior otimização entre as ações executadas e os gastos produzidos.

Assim poderíamos continuar trazendo inúmeras manifestações que relacionam as questões do ritmo com o corpo, porém provavelmente não encontraríamos fim, o que nos faz pensar em algumas questões de cunho um pouco mais filosóficas e que para tanto nos valeremos do pensamento de LÓPES (1977) que defini o ritmo como tudo que está em constante movimento, em trocas ininterruptas ou ainda que “RITMO é MOVIMENTO, que o MOVIMENTO é RITMO.” (TIBEAU, 2006, p. 55)

Agora, pensando nessa relação de justaposição e considerando-a até mesmo como uma questão dialética, podemos observar que seus resultados vão além, não se encerram em si mesma, nos dando a oportunidade de arriscar a dizer que juntos não só são capazes de transformar e/ou produzir novos ritmos pessoais ou coletivos, mas também de criar canais de comunicação com o meio. Tomemos a música como exemplo. De acordo com Shafer, a batida do coração tem exercido forte influência no tempo da mesma:

Antes da invenção do metrônomo¹, os tempos da música eram determinadas pelo pulso humano e a diferença entre uma batida melancólica ou a frenética em música dependia de quão longe ela se afastava, de um lado ou de outro, desse modulador. Assim, os tempos que ficavam mais próximos da batida do coração humano tinham um apelo óbvio para o homem. (SHAFER, 2001, p. 316)

Desta forma, observamos que o ritmo “intrínseco” do ser humano pode ser considerado gerador de novos outros ritmos que com a ação conjunta da produção de movimentos traz a possibilidade da comunicação e da expressão, fato que se assemelha à produção da música em tempos passados. Outro fato interessante a ser posto são as músicas aborígenes australianas que possuem sua batida fundamental do tambor sempre flutuante perto da batida média do coração, outra produção expressiva originada pelo ritmo do homem.

Com isso, percebemos a existência de uma grande proximidade entre os aspectos corporais e de movimento com as questões rítmicas, e que de certa forma supera qualquer outra posição que entende o trato das atividades rítmicas na Educação Física como um mero acompanhamento de um determinado estilo musical, em determinado andamento. Essa questão, claramente se estende ao plano vital do ser humano já que o ritmo se encontra permeando muitos dos aspectos corporais do mesmo, considerando-o até mesmo como um princípio ordenador do movimento inerente ao ser humano, presente em todas as manifestações do universo, inclusive as humanas (LÓPES, 1977). Contudo, será que não nos colocamos em uma posição

¹ Nota minha: O metrônomo foi inventado, em princípios do século XIX, pelo mecânico Austríaco Johann Nepomuk Maelzel para regular os diversos andamentos da música, constituído por um pêndulo que oscila

reducionista quando ao pensarmos em manifestações corporais possíveis de trabalharem as questões rítmicas, elegemos apenas duas ou três ou ainda damos maior importância a apenas uma dessas? Porque não tratamos as questões rítmicas através de possibilidades corporais ainda mais reais e presentes no cotidiano de nossos alunos? Imaginemos a quantidade de possibilidades de manifestações rítmicas-expressivas que somos capazes de produzir, e que realmente produzimos durante nosso cotidiano e que seriam possíveis de serem abordadas em aula? O que será que nos falta para enfim, avançarmos no trato desse conteúdo que se apresenta por vezes tão misterioso?

4. METODOLOGIA

Apesar de existirem inúmeras definições sobre o que vem a ser uma pesquisa, todas elas têm em comum o fato de caracterizá-la, em linhas gerais, como um tipo de resolução estruturada de problemas que pode levar à construção de um novo conhecimento (THOMAS, 2002).

De acordo com DEMO (1992), a pesquisa possui o desafio de desvelar a realidade que se redescobre constantemente. Apesar disso, nos aponta a importância de não nos limitarmos à observação aparente de sua manifestação externa e sim questionarmos a realidade, fazendo recortes que não a reduzam ao tamanho daquilo que se consegue captar. Ou seja, é necessário não só observá-la, mas também interpretá-la e analisá-la, produzindo uma relação de diálogo com suas situações manifestadas, apresentando um posicionamento que seja capaz de ampliar o olhar estabelecido a priori.

O desenrolar da pesquisa, dado pelo movimento de redescoberta da realidade e pela tentativa de solucionar, mesmo que provisoriamente um determinado problema. Para muitos autores é tido como uma ação que possui

um trabalho de reflexão que deve ser pessoal, autônomo, criativo e rigoroso, assim como afirma SEVERINO (1980).

O que nos parece realmente relevante na fala do autor é o fato de entender a pesquisa como um trabalho “pessoal”, no sentido de colocá-la como um projeto que “exige do pesquisador um envolvimento tal que seu objetivo de investigação passa a fazer parte de sua vida.” (SEVERINO, 1980, p. 113)

Cabe apontar ainda, que para o autor, a relevância de um trabalho de pesquisa será legitimada quando, de fato, a temática do mesmo tiver relação com a problemática vivenciada pelo pesquisador. É necessário, portanto, que haja uma avaliação dessa relevância e da significação do problema em torno do universo que envolve o mesmo, dando à pesquisa não só a valoração de um trabalho pessoal, mas também a importância da representação de um ato político e social, que pressupõe posicionamentos claros e escolhas bem definidas, distantes de qualquer tipo de neutralidade.

A autonomia, portanto, não surge só com o esforço pessoal do pesquisador, mas também como resultado de um posicionamento que reconhece a contribuição da produção alheia em um processo de inter-relacionamento enriquecedor, na medida em que nega e ao mesmo tempo afirma essa contribuição. Ou seja, “é reconhecendo e assumindo, mas simultaneamente negando e superando o legado do outro, que o pensamento autônomo se constitui.” (SEVERINO, 1980, p. 114)

O que nos parece importante ressaltar é que esse processo de autonomia na produção do trabalho científico deve ser entendido como um momento em que o pesquisador não só possa estabelecer as relações entre o já produzido, mas que também se permita lançar mão de novas idéias, avançando em eventuais intuições pessoais que se desenvolvem no transcorrer da pesquisa. É, portanto, fundamental que haja conjuntamente com o diálogo das idéias e descobertas já realizadas, um processo de criação individual, no qual o pesquisador não só se apropria do conhecimento científico acumulado, mas também colabora com o desenvolvimento da ciência, aplicando instrumentais científicos a objetos e situações que lhe são relevantes na busca de seu desvendamento e de novas explicações.

Esse processo de produção científica, que se mostra como uma necessidade de descoberta da vivência de uma situação-problema deve ser encarada como algo original, no sentido em que há a necessidade de um retorno às origens, dando visibilidade a um esclarecimento ao assunto e que até então não havia sido percebido, assim como nos aponta SEVERINO (1980). É, portanto, dessa forma, que podemos entender uma descoberta original como aquela que “lança novas luzes sobre o objeto pesquisado, superando assim, seja o desconhecimento seja então a ignorância.” (SEVERINO, 1980, p. 116)

Contudo, é possível entender que a pesquisa científica e conseqüentemente seu resultado, o trabalho científico, devem fazer parte de um processo que extrapole a mera produção acadêmica, que não recaia sobre

a égide do funcionalismo ao qual atualmente a ciência é compreendida por muitos, mas que, conscientemente, seja um projeto político-existencial.

No presente trabalho pretende-se analisar a opinião dos professores universitários que possuem experiência docente na área das atividades rítmicas, tentando compreender o panorama desse conteúdo dentro da perspectiva da Educação Física na escola, buscando aproximações de suas opiniões com as possibilidades pedagógicas do conteúdo nas aulas de Educação Física. Para atingir tal objetivo optou-se pela metodologia de natureza qualitativa tendo a entrevista semi-estruturada como referencial na coleta de dados.

De acordo com LÜDKE (1986), a pesquisa qualitativa apresenta cinco características básicas: esse tipo de estudo tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador é considerado seu principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos, o que muitas vezes faz alguns autores reconhecerem a pesquisa como “descritiva”. Segundo nos aponta TRIVIÑOS (1987); a preocupação se volta muito mais ao processo e não ao produto; o pesquisador despende atenção especial à significação que as pessoas atribuem às coisas e às suas vidas e por fim, a análise de dados tende a ser um processo indutivo.

TRIVIÑOS (1987) nos fala a respeito dos sujeitos da pesquisa qualitativa como indivíduos que podem ser escolhidos por contatos pessoais, possibilitando ao investigador procurar por pessoas que tenham relação direta com o fenômeno pesquisado. Além disso, sua fala se mostra convergente com as idéias de LÜDKE (1986) quando apresenta o fato da pesquisa qualitativa ter

como uma de suas características a preocupação fundamental com a compreensão do significado que os sujeitos atribuem aos fenômenos estudados, dando assim a possibilidade de entendimento das causas, relações e conseqüências que esses mesmos fenômenos apresentam no contexto histórico-social ao qual estão inseridos.

Outra questão que vale ser apontada é o fato da pesquisa qualitativa não ser orientada obrigatoriamente por hipóteses levantadas a priori e que devem ser verificadas empiricamente depois de seguir os passos do trabalho. É possível notar nesse tipo de pesquisa um movimento de mudanças, no qual o investigador deve estar pronto para rever e transformar suas expectativas frente ao estudo diante dos possíveis novos achados que eventualmente podem transcorrer ao longo do processo.

Desta forma, fica mais claro pensarmos em uma necessidade teórica que surge em face das interrogativas que se apresentam no desenrolar da pesquisa e não apenas de um escopo traçado de maneira prévia que considera majoritariamente as hipóteses formuladas. Para TRIVIÑOS (1987), a pesquisa qualitativa “se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente [...]”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 137)

Ainda segundo o autor, para alguns tipos de pesquisa qualitativa, a entrevista semi-estruturada é um dos principais meios para a realização da coleta de dados, pois ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece possibilidades do informante alcançar a liberdade e a espontaneidade necessárias para o enriquecimento da investigação (TRIVIÑOS, 1987).

De acordo com o autor, a entrevista semi-estruturada pode ser entendida como:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146)

Uma outra assertiva que se pode emitir sobre esse tipo de entrevista é o fato de que as questões fundamentais formuladas para a constituição da mesma são resultados tanto da teoria que alimenta a ação do pesquisador como também de todas as informações que este tem a respeito do fenômeno social em questão, ou seja, do conhecimento empírico que faz parte de seu patrimônio cultural.

A escolha pelo método da entrevista semi-estruturada se deu pelo fato de sua característica flexível, que por um lado garante a obtenção de informações importantes ao estudo, ao mesmo tempo em que proporciona mais liberdade para o entrevistado aportar aspectos que, segundo sua ótica, são relevantes em se tratando de determinada temática, assim como nos sugere NEGRINE (2004).

4.1 Professores entrevistados

O presente estudo contou com a colaboração de quatro professores que foram escolhidos de acordo com sua atuação profissional, ou seja, que tinham uma ligação próxima ao tema da pesquisa, as atividades rítmicas. Todos têm em comum o fato de exercerem a docência no ensino superior em disciplinas que tratam do conteúdo em questão. Abaixo, no quadro 1, apresentamos alguns dados* a respeito dos docentes que participaram das entrevistas:

Quadro 1 - Dados dos docentes

Iniciais dos dois primeiros nomes	Tempo de docência no ensino superior	Disciplinas que leciona relativas ao tema da pesquisa	Titulação
AC	5 anos	Arte: Movimento e Expressão; Cinética da Expressão; Atividades Rítmicas e Dança; Fundamentos Pedagógicos da Ginástica Rítmica	Mestre
CC	25 anos	Dimensões sociais da Educação Física e dos Esportes Rítmica, Dança e Folclore	Doutor
CM	20 anos	Aprofundamento em Danças de Salão; Danças de Salão; Atividades Rítmicas e Dança; Estudos Avançados em Atividades Rítmicas e Expressivas	Livre-docente
TC	3 anos	Metodologia das Atividades Rítmicas, Folclóricas e Dança	Mestre

* dados de junho e julho de 2006.

Além das informações presentes acima, ressaltamos que todos os docentes participantes da pesquisa são do sexo feminino, realizaram suas graduações em universidades públicas no estado de São Paulo, assim como os cursos de suas titulações ou parte deles.

Três das quatro professoras lecionam disciplinas ligadas às atividades rítmicas em universidades ou faculdades de ensino privado, enquanto uma delas o faz no ensino público, desenvolvendo não só o ensino como também a pesquisa e projetos de extensão universitária.

Vale lembrar que uma das docentes, a professora AC, durante sua formação acadêmica, fora aluna da professora CM, o que posteriormente pode nos ajudar a compreender seus posicionamentos frente aos temas desenvolvidos na análise dos resultados.

As entrevistas foram realizadas no período entre os meses de junho e julho de 2006, todas com o consentimento prévio dos participantes, que desde o primeiro momento tomaram conhecimento do objetivo da pesquisa. Todas elas foram gravadas em formato digital por um gravador e posteriormente transcritas pelo próprio pesquisador, em uma ação considerada por QUEIROZ (1991) como um exercício de memória que acaba por reviver a cena experimentada. O ato de ouvir a gravação, para a autora, reconstrói todo o contexto na lembrança, dando assim ao pesquisador a capacidade de explorá-la posteriormente com maior profundidade.

4.2 Transcrição e análise

Para as questões relativas à transcrição, NEGRINE (2004) sugere que os depoimentos e/ou respostas dadas devam ser transcritas com fidelidade, sem quaisquer tipos de alterações dos vocábulos utilizados, para que não haja uma possível “contaminação” das informações obtidas.

Com relação à análise das informações, ainda de acordo com NEGRINE (2004), é necessário que haja a desconstrução do texto produzido pelas falas dos entrevistados a partir de uma interpretação ideológica que possibilite a análise das possíveis contradições e da consistência dos pontos de vista de cada um deles.

Para TRIVIÑOS (1987), este processo de análise que se dá pela interpretação de um fenômeno que possui sua própria realidade, ou seja, que é real, concreto e estudado em sua aparência e em sua profundidade no intuito de estabelecer relações justificáveis com a prática social, pode ser considerado como uma proposta de análise com enfoque dialético. É assim caracterizado, pois existe a tentativa de explicação do fenômeno “num processo indutivo-dedutivo. E compreendido em sua totalidade, inclusive intuitivamente.” (TRIVIÑOS, 1987, P. 130)

Desta forma, a partir da leitura das falas dos professores entrevistados, tentaremos classificar alguns resultados em categorias de análise, entendidos como temas que terão maior destaque e relevância para

que então, possamos desenvolver novas e outras idéias a respeito das possibilidades de trato do conteúdo atividades rítmicas na Educação Física.

4.3 Roteiro de questões

A elaboração da rotina das entrevistas foi realizada com o auxílio de questões que puderam contribuir de maneira específica com a investigação do conteúdo das atividades rítmicas. As perguntas tinham como característica o fato de serem “abertas”, que ainda de acordo com NEGRINE (2004), são utilizadas quando o objetivo da pesquisa é obter informações mais profundas. Diferentemente das perguntas “fechadas”, as perguntas abertas “abrem caminho para que o entrevistador possa, no decorrer da entrevista, obter informações mais exatas sobre o que deseja saber.” (NEGRINE, 2004, p. 76).

A seguir mostramos as perguntas que nortearam as entrevistas com os docentes:

- 1- Qual a disciplina que ministra na graduação? Sobre quais temas você vem pesquisando?

- 2- Como você entende as atividades rítmicas na Educação Física? Qual seu papel dentro da escola?

- 3- Qual a diferenciação que você faz entre as atividades rítmicas e a dança?
- 4- Quais referenciais teóricos ou publicações te ajudam a pensar as questões a respeito das atividades rítmicas na Educação Física? E especificamente na Educação Física escolar?
- 5- Como você acha que tem sido trabalhado estes aspectos (atividades rítmicas) na formação inicial de professores?
- 6- O que seria fundamental os alunos e alunas aprenderem sobre atividades rítmicas na escola?

5. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para facilitar o desenvolvimento da discussão dos resultados da pesquisa, sugerimos sua classificação em quatro categorias de análise, que se caracterizam pelo destaque, relevância e continuidade de temas presentes na fala dos professores entrevistados. Dentre elas apontamos: O ritmo; O conteúdo atividades rítmicas; O papel das atividades rítmicas na escola e Elementos das atividades rítmicas: expressão, comunicação e linguagem.

5.1 O Ritmo

A presente categoria de análise aborda as questões relacionadas ao conceito de ritmo que os professores universitários expuseram durante suas entrevistas para a pesquisa.

No processo de fala e reflexão dos professores participantes, pudemos notar que, de fato, a conceituação sobre ritmo é ainda bastante incipiente, tramitando entre constructos distintos ou, por vezes, com ênfases diferentes. Assim, o entendimento que se tem a respeito do conteúdo atividades rítmicas se mostra consequentemente heterogêneo e distante de um possível consenso dentro da área.

Vejamos quais foram os pontos levantados pelos docentes nas entrevistas.

A princípio, CM mostra uma preocupação bastante grande com o desenvolvimento do elemento ritmo na Educação Física, admitindo ser este

“...fundamental, primordial e indispensável. Fundamental porque ela é a base de tudo [...], do ritmo que está em tudo que você vai fazer na Educação Física, pra não dizer na vida.” Notamos que CM levanta a questão do ritmo como elemento de grande relevância, dando um destaque que se estende ao longo de toda a sua fala.

O que nos parece bastante interessante é que sua contribuição não fica somente na compreensão do ritmo de maneira técnica, ou seja, não entende que a importância desse elemento deva se dar apenas em um nível de formação técnica, mas insiste na ideia de desenvolver o ritmo de maneira mais abrangente, levando em consideração um trato voltado para uma concepção mais humana, no qual seu desenvolvimento se faz por meio de questões relacionadas à vida e que toma como pressuposto a presença do ritmo em absolutamente tudo que está em nossa volta. Ou seja, desenvolve ideias que vão ao encontro de questões mais filosóficas, assim como faz quando nos descreve um momento de sua aula quando tratando o tema, ressaltando que: “Eu até desafio os meninos, e falo: me encontra alguma coisa que não tem ritmo, né; porque eu acredito que não tenha, mesmo aquilo que seja estático, que não tenha o componente de movimento assim declarado, você percebe ritmo.”

De fato, esse entendimento a respeito do ritmo nos mostra uma aproximação interessante a alguns conceitos desenvolvidos por alguns musicólogos e que R. M. SCHAFER (2001) nos define de maneira simples: “O homem é uma criatura antientrópica; é um organizador do acaso em ordem e

tenta perceber padrões em todas as coisas. Em seu sentido mais amplo, o ritmo divide o todo em partes.” (SHAFER, 2001, p. 315).

O autor define o ritmo, indiretamente, como um elemento que permeia todas as ações humanas, uma vez que parte do pressuposto que o mesmo é o resultado de uma intencionalidade na divisão do tempo e espaço. Ou seja, o ritmo estará presente em qualquer situação que estivermos predispostos a fracionar, com o objetivo de tornar palpável e compreensiva a vida ao nosso entendimento.

Podemos notar, desta forma, que a professora CM demonstra um conhecimento mais profundo sobre o ritmo, o que proporciona um desenvolvimento interessante desse elemento nas aulas, a ponto de levar em consideração a importância não só de seu trato procedimental, mas também de fazê-lo conceitualmente, ou seja, para ela não basta “ter” ritmo, é preciso entendê-lo, assim como quando aponta a importância das atividades rítmicas no ensino superior: “...não é que as pessoas a hora que chegam no curso de Educação Física não têm ritmo ou fazem as coisas sem ritmo, não, porque senão elas nem chegariam, né? Mas é trazer a consciência a isso. E isso dá a devida relevância.”

Assim como CM, a professora AC nos traz um breve posicionamento em relação ao ritmo. Aponta para a questão da necessidade do trato “de atividades que tem que desenvolver o ritmo, essa percepção de ritmo aí na criança”. Para tanto, enuncia a possibilidade de nos utilizarmos de qualquer prática corporal, pois entende o ritmo como elemento que permeia todas as atividades humanas, mas aponta a necessidade de nos

posicionarmos de maneira focada em relação ao trabalho com o mesmo, percebendo que este não será desenvolvido em profundidade se não for tratado adequadamente. AC aponta para a necessidade de não cairmos no erro de acharmos que ele será compreendido e desenvolvido automaticamente, já que admite que grande parte das atividades possua potencialmente a dimensão rítmica, ou em outras palavras, é importante não deixarmos este elemento ser tratado a partir de um currículo oculto e sim de maneira objetiva e consciente.

A professora CC afirma que, apesar de entender o ritmo como um elemento fundamental no processo educacional, se coloca de forma menos abrangente, uma vez que sua caracterização é baseada exclusivamente no “estímulo sonoro, seja ele só rítmico, seja ele musicado.” Ou seja, o ritmo para a professora é reconhecido prioritariamente por estímulos auditivos, o que não deixa de ser verdade, porém, voltando às questões um pouco mais gerais a respeito do elemento em questão e que são propostas tanto por CM quanto por AC, nos cabe questionar se não seria possível, como também importante, experimentarmos o desenvolvimento do ritmo por estímulos que extrapolem o sentido da audição, ou seja, porque não o ampliarmos utilizando outras vias sensoriais como a visão e o tato, por exemplo?

Sentir o ritmo por outros meios talvez seja a possibilidade de ampliarmos cinesteticamente a experimentação e a criação do mesmo, aumentando ainda mais o conhecimento do indivíduo a seu respeito, fornecendo-lhe mais possibilidades de entendimento e apreensão do elemento. Mas de fato, como será possível perceber o ritmo por outras vias?

Essa questão, invariavelmente, nos direciona ao conceito de ritmo apresentado inicialmente, que considera o mesmo como a tentativa intencional da divisão do tempo-espço em partes e que conseqüentemente, nomeia o ser humano como peça fundamental para tal ocorrência. Se por hora, o ponto central da questão recai sobre o indivíduo, ou melhor, recai sobre o foco que este direciona ao que se pretende dividir, como ele o fará senão a partir de experiências que sejam familiares a ele próprio?

O que queremos dizer é que para que haja um conhecimento ampliado sobre o ritmo é necessário que anteriormente entendamos os ritmos mais próximos a nós, os nossos ritmos, para termos parâmetros, escalas ou módulos (SHAFER, 2001) que nos possibilitem identificações, comparações e criações de outros possíveis. Vejamos a importância que Shafer dá ao “instrumento” mais próximo do homem no desenvolvimento do ritmo:

Do mesmo modo que o corpo do ser humano nos proporciona a escala pela qual os arquitetos e projetistas planejam as instalações humanas e, por extensão, podem medir os espaços não-habitados além de nosso alcance ou controle, assim também o corpo nos dá módulos para compreender os ritmos acústicos do ambiente e do universo. (SHAFER, 2001, p. 315)

O que de fato nos é apresentado é a importância da sensibilização e entendimento dos ritmos corporais como princípio do desenvolvimento de outros novos ritmos que somos capazes de produzir. Dessa maneira, entender o ritmo é trazer à tona o conhecimento das questões mais orgânicas de nosso corpo, que não só escuta nossos órgãos internos em

ação, em movimento, mas um corpo que também enxerga a respiração acontecer, assim como sente seu coração bater.

TC aponta o elemento rítmico como importante apesar de não falar diretamente a respeito dele quando cita a possibilidade de desenvolvimento de atividades com “música ou sem música, como outros elementos, com outros instrumentos, no silêncio, ouvindo o som do pássaro, sei lá, enfim, então conhecer-se através da manifestação não-verbal por primeiro [...]”. Assim, percebemos que a professora traz um entendimento da questão do ritmo que se vincula principalmente a elementos provenientes de estímulos sonoros, mesmo quando aponta o silêncio como um componente importante na percepção rítmica, fato que não nos esclarece por definitivo seu posicionamento com relação às possibilidades de sua experimentação.

Apresentamos agora, em forma de quadro, quais são os pontos convergentes e divergentes do posicionamento dos professores universitários em relação ao elemento ritmo na Educação Física.

Quadro 2 – Características a respeito do entendimento sobre o ritmo entre as professoras entrevistadas.

Professoras	O ritmo entendido como elemento fundamental	Importância de um tratamento específico no seu aprendizado	O ritmo como elemento de construção cultural	A possibilidade de ser experimentado por outros sentidos que não só a audição
CM	Sim	Sim	Sim	Sim
AC	Sim	Sim	Sim	Sim
CC	Não (música e movimento)	Não	Não enfatizam	Não (estímulo sonoro)
TC	Não (manifestação não verbal)	Não	Não enfatizam	Não deixa claro (estímulo sonoro)

Apesar de percebermos junto aos docentes o reconhecimento da importância do elemento ritmo na Educação Física, fica evidente que existe uma qualificação diferente realizada pelas professoras. Tanto para CM quanto para AC, o ritmo é entendido como um elemento fundamental a ser tratado pela área, de forma que ambas indicam a necessidade de um enfoque direcionado e específico do elemento no processo de ensino e aprendizagem na Educação Física. Por outro lado, apesar de CC e TC afirmarem positivamente a relevância de tratar do elemento ritmo no processo educacional, se atêm principalmente ao binômio música-movimento e às manifestações não-verbais, respectivamente. Consequentemente, as professoras não sugerem um ensino específico do ritmo, ou seja, podemos entender que não vêem o ritmo como aspecto fundamental dentro da Educação Física.

Desta forma, nos parece que a caracterização de um ensino que considera essencial o desenvolvimento do ritmo em todas as suas dimensões e de maneira específica, ou seja, tratado de forma sistematizada e não mais submetido à resignação que outros elementos considerados mais importantes exercem sobre ele, se coloca mais próxima às nossas concepções.

Uma vez que o ritmo pode ser considerado o resultado da interação humana junto ao tempo e ao espaço e que os divide na tentativa de compreender o mundo que o cerca, entendemos que seu desenvolvimento é necessário. Assim, notando que o ritmo se faz presente em inúmeras circunstâncias de nossas vidas, e que sua existência depende muito de nosso posicionamento, a justificativa da importância de seu aprendizado se encontra, em parte, na necessidade de conseguirmos percebê-lo, senti-lo, reproduzi-lo e transformá-lo de acordo com as nossas necessidades e vontades. Para tanto, que momento seria mais acertado de desenvolvê-lo nas suas várias possibilidades senão dentro do processo de nossa educação escolar?

Outra característica que parece fortalecer a idéia da inclusão do ritmo dentro do âmbito educacional está no fato da consideração do mesmo como resultado da produção cultural humana, ou seja, entendê-lo como um elemento criado pelo homem e que se transforma de acordo com o contexto no qual os indivíduos fazem parte. Esse tipo de caracterização pode ser encontrada na fala das professoras AC e CM, que de forma direta falam a respeito do ritmo, conceituando-o como algo que está intrínseco em todas as manifestações corporais humanas, ou seja, as professoras enfatizam o ritmo como elemento percebido e criado pelo homem, como produto cultural.

De acordo com DAOLIO (2004) a Educação Física lida com conteúdos culturais e aponta que o termo “cultura”, talvez seja o conceito mais importante para a área, já que todas as manifestações corporais humanas são geradas em sua dimensão, “desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos” (DAOLIO, 2004, p. 2).

Se por um lado entendemos que a Educação Física trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e o movimento, SCHAFER (2001) nos faz pensar, portanto, que o ritmo é um elemento cultural possível de ser tratado pela área, quando o relaciona diretamente com a capacidade antientrópica do homem, caracterizando-o como o ser que produz o ritmo, ou seja, dá ao elemento ritmo o caráter de produto cultural que fundamentalmente passa por um processo corporal, no qual escalas e módulos serão estabelecidos internamente e que desenvolverão a capacidade de compreensão dos ritmos do ambiente, assim como a capacidade de expressão de outros novos ritmos.

Sendo assim, compreendemos que o ritmo é elemento relevante da Educação Física. O que definirá se seu trato dentro das questões pedagógicas da área faz sentido ou não, é a “própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza” (DAOLIO, 2004, p. 3).

Essa ênfase do ritmo ligado às manifestações culturais já não é sugerido na fala de CC e TC. Apesar de apontarem para a possibilidade de encontrarmos o ritmo em algumas manifestações como a música, a capoeira, a

ginástica e a dança, as professoras não ligam o ritmo a aspectos mais gerais, tratam especificamente de manifestações que possuem um caráter rítmico mais sobressalente, principalmente as ligadas aos estímulos sonoros, o que nos sugere a falta de entendimento do ritmo como um elemento cultural autônomo, resultado de uma construção cultural humana que não se vincula necessariamente com as manifestações corporais citadas anteriormente.

Por fim, apontamos para a questão das possibilidades de experimentação do ritmo. As professoras CC e TC, não deixam clara a condição de apropriação do elemento, que não seja pela via sensorial auditiva, ou seja, não oferecem pistas que apontem para a capacidade de percepção do ritmo por outras vias sensoriais como a visão, o tato e por que não o paladar e o olfato. Tal condição pode ser inferida nas entrevistas de CM e AC, quando atribuem ao ritmo a posição de um componente recorrente em quaisquer circunstâncias, seja ele sonoro como os estalos de dedo de alguém que tenta acompanhar o pulso de uma música, como também visual quando de dentro da sala percebemos o bater da corda que crianças realizam no seu horário de intervalo.

Há, dessa forma, o que pensarmos a respeito das possibilidades de experimentação do ritmo; que seja ampliado e não apenas se limite aos nossos sentidos auditivos. É necessário que ampliemos tais percepções, sintamos não só o ritmo dos sons, mas das imagens que se dispõem diante de nossos olhos, dos cheiros que passam por nós quando estamos caminhando, assim como dos sabores dos alimentos que degustamos diariamente.

Proporcionar tais vivências é, sem dúvida, uma possibilidade de criarmos maiores referências rítmicas do corpo e do mundo para questões que contribuirão para o desenvolvimento desse elemento que faz de nossas vidas a maior das polirritmias².

5.2 O conteúdo atividades rítmicas

Vejamos como os professores universitários entendem o conteúdo atividades rítmicas na Educação Física.

Para CC, ainda de acordo com seu conceito sobre ritmo, o conteúdo em questão possui uma relação bastante forte com a música, o que pode ser entendido pela proximidade que a professora tem com esta manifestação cultural. É importante frisar que a professora CC tem, também, a formação de musicista.

Fica evidente que para esta docente, as atividades rítmicas se caracterizam fundamentalmente pela coadunação entre os elementos música e movimento e que pode ser muito melhor entendida com a definição concedida pela própria professora, afirmando que o conteúdo atividades rítmicas é "... toda e qualquer ação do ser humano que esteja ligada a sua motricidade com algum tipo de estímulo sonoro, seja ele só rítmico, seja ele musicado."

² Polirritmia de acordo com Borba & Graça (1965) em seu Dicionário de Música é o nome que se dá a sobreposição, numa determinada composição, de linhas melódicas, obedecendo cada qual a um ritmo diferente.

Durante sua fala, CC nos aponta alguns elementos da cultura corporal de movimento que seriam interessantes de serem tratados junto ao conteúdo em questão e que se encaixam em sua caracterização como, por exemplo, a ginástica rítmica, a capoeira e as brincadeiras cantadas.

Após algum tempo, observamos uma mudança de posicionamento, que nos parece favorável ao entendimento das atividades rítmicas, entendendo-o como um conteúdo vasto de possibilidades, capaz de fazer uso de incontáveis manifestações, expressa pela seguinte fala: “se eu conceituo atividade rítmica como tudo aquilo que existe onde existe movimento e estímulo sonoro... (pensando)..., a dança é parte disso. Eu acho que eu coloco as atividades rítmicas em um contexto mais geral e dentro desse saco das atividades rítmicas eu coloco outras coisas, eu coloco a dança, eu coloco a capoeira, eu coloco a ginástica, eu coloco as rodas cantadas, as danças circulares, e aí vai...”

Percebemos, portanto que apesar de existir uma fala que envolve uma variedade interessante de manifestações corporais para o trato das atividades rítmicas, o conceito que CC incorpora a respeito do conteúdo atividades rítmicas nos parece limitado. Percebemos esta questão no esclarecimento que a professora faz em relação à compreensão que ela tem a respeito do conteúdo na Educação Física: “Eu acho que para generalizar, o que tem música e movimento é das atividades rítmicas e isso enquanto usando motricidade do ser humano é da Educação Física ou pode ser usado na Educação Física, porque a Educação Física não é dona da coisa, mas ela pode ser usada”.

Essa conceituação nos parece reduzida uma vez que considera o estímulo sonoro, em especial a música, como elemento essencial no trato das atividades rítmicas, ou seja, quando aponta que todas as manifestações caracterizadas pela união da música e do movimento são elementos constituintes do conteúdo em questão, acaba negando, conseqüentemente, a contemplação de todas as outras manifestações desprovidas do elemento musical nas atividades rítmicas, como por exemplo, o brincar de mímica junto à estímulos visuais ritmados, os jogos rítmicos tradicionalmente executados entre duplas com palmas e tantos outros possíveis de serem criados.

Entendemos que a música possui uma posição privilegiada no que diz respeito à possibilidade de percepção do ritmo, mas de fato, como apontamos anteriormente, o ritmo pode ser percebido em inúmeras outras situações, o que nos possibilita afirmar que a música é importante no processo de desenvolvimento das atividades rítmicas, porém não essencial. Podemos nos utilizar de outras maneiras para percebermos o ritmo, seja pela visualização de movimentos de outrem, seja com a vivência de brincadeiras e jogos. Assim, se olhamos para o ritmo como um fenômeno que está ligado à construção humana e que, portanto, está presente em inúmeras situações por nós vividas, por que nos limitarmos à música?

Pensando neste caminho, a professora AC entende as atividades rítmicas como um conteúdo responsável por tratar as questões mais gerais do ritmo, assim como apontou anteriormente em outras falas e que admite ser importante exclusivamente para o desenvolvimento da capacidade física ritmo, na tentativa dos alunos perceberem sua importância, apresentando seu

conceito e buscando “mostrar as diversas atividades, brincadeiras, esportes, onde é que pode estar incluindo aí essa capacidade.”

Para tanto, AC admite a possibilidade de pensar o ritmo a partir do uso de diversos elementos da cultura corporal de movimento como “jogos, brincadeiras” e ainda dizendo que é possível “trabalhar com música dentro do ritmo, posso trabalhar sem música e estar trabalhando com outras partes do corpo, posso estar trabalhando com instrumentos, instrumentos musicais, instrumentos improvisados.”

O mais interessante na fala de AC é que existe uma compreensão da possibilidade de trato do ritmo no conteúdo atividades rítmicas com a ausência de estímulos sonoros, o que nos propõe pensar em novas formas de intervenção pedagógica e que confere, portanto, a não obrigatoriedade de vínculo do conteúdo com a música, questão que é reiterada pela professora CM.

Para CM, o essencial do trato com o conteúdo está na oportunização da experimentação dos mais variados ritmos pelas diversas manifestações corporais, com o intuito de desenvolver a autonomia do aluno em se manifestar de diferentes formas em diferentes situações da prática dos elementos da cultura corporal de movimento, assim quando nos fala que “então na rítmica, o que eu pretendo mostrar é exatamente o componente rítmico de tudo aquilo que você faz...”, ou seja, a professora vincula o trato das atividades rítmicas ao desenvolvimento de um ritmo que pressupõe estar presente em todas as nossas ações.

Para TC as atividades rítmicas na Educação Física tratam de “algo que precisa ser uma linguagem que não é verbal, que precisa ser comunicada [...] trata da expressividade; expressar, comunicar, trabalhar com os aspectos estéticos, ou seja, [...] sensibilizar-se de corpo inteiro.”

Percebemos, portanto, que tal posicionamento possui um foco distinto no trato das atividades rítmicas se comparado ao exposto pelos outros professores, levando em consideração o desenvolvimento das possibilidades da expressão e da comunicação pelo corpo e pelo movimento, deixando de lado as questões diretamente relativas ao desenvolvimento rítmico.

Para a professora, o conteúdo está ligado prioritariamente à exploração das possibilidades do movimento corporal com a experimentação de ritmos, para adquirir uma compreensão maior de corpo no tempo e no espaço, sabendo, portanto, movimentar-se de acordo com as necessidades e desafios que o ambiente apresenta, assim como podemos perceber no trecho em que aponta para a importância da sensibilização do corpo:

“... qual espaço que eu ocupo, qual o espaço do outro, eu e o outro, eu no espaço, o que é que eu posso fazer com o meu corpo, essa coisa de exploração corporal, né, então, de experimentação, de proporcionar diversas vivências possíveis [...] com música ou sem música, como outros elementos, com outros instrumentos, no silêncio, ouvindo o som do pássaro, [...] então, conhecer-se através da manifestação não-verbal por primeiro.”

Para esse tipo de trato das atividades rítmicas na Educação Física, TC sugere a necessidade de “proporcionar diversas vivências

possíveis”, porém não cita explicitamente nenhuma, mas quando exemplifica o porquê do trato do conteúdo na área faz menção à dança dizendo: “então eu entendo que as atividades rítmicas e expressivas, no mínimo, na menor das hipóteses, uma delas seria essa: tô na danceteria, eu sei dançar, “eu fiz isso na escola”; tô em uma festa, eu sei dançar minimamente, né, então isso é uma forma de expressão, de comunicação, de se sentir bem ou não, aí vai cada um de seu jeito.”

Dessa forma, nos parece que a professora possui um olhar do conteúdo atividades rítmicas mais voltado ao trato da dança e que podemos confirmar com o fato de que quando perguntada a respeito do como entende as atividades rítmicas na Educação Física, menciona a ação de primeiramente trabalhar “quais são os elementos da dança, [...] para depois desenvolver o ritmo propriamente dito, trabalhar a questão do ritmo, trabalhar a questão da criatividade, ou a questão da improvisação, contato-improvisação, de criação coreográfica [...]”

Como resultado a esse ponto, que enfatiza o uso da dança como manifestação corporal de trato no desenvolvimento do conteúdo atividades rítmicas, levantado por hora pela professora TC e anteriormente também feito pelos PCNs (1998) e pelo METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA (1992) e que em momento apropriado já fora discutido na revisão bibliográfica, levantamos uma questão para os professores que diz respeito à diferenciação que eles fazem entre o conteúdo atividades rítmicas e a dança.

A professora CM nos dá a seguinte contribuição: “a dança é arte, né? E ela tem uma linguagem própria e ela é linguagem, no sentido em que

através da dança você se comunica. Quando eu trabalho com a rítmica, tentando isolar, mas ela está muito dentro também da dança, mas quando eu falo dela isolada, eu trago principalmente como componente de tudo, da dança, do futebol, do teclado de um computador, de escovar o dente, de.....(risos), entendeu? Então ela é um componente que está presente em tudo aí na sua vida.”

Dessa forma, é possível perceber no depoimento de CM que, apesar de dizer que as atividades rítmicas são um conteúdo mais abrangente, ao mesmo tempo existe um entendimento de que o conteúdo “está muito dentro também da dança”. Será que não seria o ritmo o possível elemento a se enquadrar dentro da dança? Ou será que existe uma compreensão de que a dança é um conteúdo que engloba as atividades rítmicas? De qualquer forma, essa questão deixa evidente a incipiência do pensar no trato do conteúdo atividades rítmicas na Educação Física, que se confunde por vezes com a dança, devido talvez à sua presença temporal marcante junto a área.

Da mesma forma como CM, a professora TC entende as atividades rítmicas como um conteúdo mais abrangente. No momento em que pensa na possibilidade de diferenciação entre os dois conteúdos, TC trás outras possibilidades de manifestações corporais que não a dança para serem tratadas junto ao conteúdo atividades rítmicas, e acaba ressaltando a idéia de que a dança “tem elementos da atividade rítmica e ela tem outros elementos também, até formar uma coreografia em si, aquela que tem a função de realmente expressar, de realmente comunicar uma idéia, um sentimento, um fato, um desejo, então eu acho que a dança vai além; as atividades rítmicas

elas podem ficar no acontecimento pelo acontecimento, sei lá, quase sempre uma forma de brincar por brincar, de..., eu não sei se dá para..., tem alguns elementos diferentes, eu acho, a dança e as atividades rítmicas.”

TC nos mostra que apesar de reconhecer a abrangência das atividades rítmicas, se posiciona de modo favorável ao trato da dança na Educação Física se comparado ao outro conteúdo, uma vez que entende a dança como algo que “tem alguns elementos diferentes” capazes de realizar a “função de realmente expressar, de realmente comunicar uma idéia, um sentimento, um fato, um desejo”, diferente das atividades rítmicas que “podem ficar no acontecimento pelo acontecimento”. De fato, não seria arriscado afirmarmos que as atividades rítmicas não são capazes de desenvolver a expressão e a comunicação? Como poderíamos entender então a criação de uma seqüência rítmica corporal, ou a invenção de uma brincadeira cantada por nossos alunos? Esses exemplos não trazem consigo a carga de um desenvolvimento expressivo e/ou comunicativo?

Sem dúvida, nos parece que esse tipo de atividade extrapola o simples acontecimento, ou seja, o fazer pelo fazer. Claro que para isso acontecer é necessário um olhar cuidadoso e focado em determinados pontos.

As atividades rítmicas para deixarem de serem vistas como simples manifestações que servem apenas para “brincar por brincar” e caírem meramente no desenvolvimento procedimental, devem ser entendidas primeiramente como um conteúdo possível de desenvolvimento de elementos educativos relevantes, como por exemplo, o ritmo, a expressão, a linguagem e quem sabe a comunicação, além de ter um olhar focado, consciente e que

também traz consigo conceitos, atitudes e procedimentos desejáveis de serem construídos no processo educacional.

Interessante é pensar que, tanto as atividades rítmicas, a dança como qualquer outro conteúdo, se não bem pensados em relação a seus objetivos não serão por si só responsáveis pelo desenvolvimento de conhecimentos que potencialmente eles possuem, ou seja, a dança pode de fato tratar o desenvolvimento da expressão e da comunicação, mas só e somente só, esse for o real entendimento que o professor tem de seu objetivo dentro do processo educacional. Do contrário, os alunos continuarão dançando apenas por dançar.

Assim como as professoras CM e TC, CC entende as atividades rítmicas como um conteúdo abrangente, capaz de se utilizar de várias manifestações corporais e que verificamos quando diz: “eu coloco as atividades rítmicas em um contexto mais geral e dentro desse saco das atividades rítmicas eu coloco outras coisas, eu coloco a dança, eu coloco a capoeira, eu coloco a ginástica, eu coloco as rodas cantadas, as danças circulares, e aí vai...”

Apesar da professora CC ter um entendimento semelhante às outras docentes em relação à abrangência do conteúdo, verificamos que existe um olhar diferente junto às atividades rítmicas. Ela desenvolve idéias que levam em consideração o uso da expressão e da comunicação como possíveis elementos de serem tratados pelo conteúdo e não só pela dança, como sugeriram CM e TC. A professora apresenta as seguintes idéias: “eu tenho algumas coisas que eu falo pouco, mas é da questão da expressão e da forma

de comunicação, que eu acho que é mais favorecida nas atividades rítmicas, por exemplo [...] Eu acho que com as atividades rítmicas o ser humano é tocado, se eu pudesse falar assim; tocado em todas as suas, em todos os seus aspectos, por exemplo o emocional. No esporte tem; também tem o emocional mas me parece que esse emocional ele é mais focado com a questão da vitória, da derrota [...]” - e explica: “no esporte eu tenho aquela obediência as regras, também é prazeroso, mas nas atividades rítmicas eu acho que o ser humano ele está mais é.... completo lá dentro, não sei, ainda é um nó, mas eu acho que existe uma diferença muito grande.”

Apesar de não deixar claro conceitualmente aquilo que, aparentemente, reconhece em sua prática docente, o posicionamento da professora nos faz pensar na importância que as atividades rítmicas têm na construção do conhecimento das questões relativas à expressão e à comunicação. Por que será que o conteúdo favorece o desenvolvimento desses dois elementos? Se assim o fazem, como poderíamos pensar a expressão e a comunicação junto às necessidades e expectativas educacionais que acreditamos?

Com relação ao posicionamento da professora AC, percebemos que entende as atividades rítmicas como abrangente, a ponto de reconhecer o fato da dança ser tratada como uma das possíveis manifestações do conteúdo em questão: “As atividades rítmicas eu posso estar trabalhando com jogos, com brincadeiras, posso também trabalhar um estilo de dança [...]”

Apesar de apresentar um posicionamento que entende as atividades rítmicas como um conteúdo mais amplo, não mostra qualquer

tendência junto a um dos conteúdos em específico, além de não fazer referência às questões do desenvolvimento da expressão ou da comunicação, assim como fizeram as outras professoras.

Vejamos, de maneira resumida no quadro da próxima página, como as professoras caracterizaram o conteúdo atividades rítmicas nos aspectos referentes à sua vinculação com a música, com as manifestações corporais e a diferenciação que fazem entre as atividades rítmicas e a dança.

Quadro 3 - Características das atividades rítmicas na Educação Física

Professoras	CM	AC	CC	TC
Trato do conteúdo com o uso da música			X	
Trato do conteúdo com elementos não musicais	X	X		X
Relacionamento do conteúdo principalmente com a dança				X
Relacionamento do conteúdo com manifestações que se utilizam da música			X	
Relacionamento do conteúdo com toda e qualquer manifestação corporal	X	X		
As atividades rítmicas entendidas como conteúdo mais abrangente que a dança	X	X	X	X

De acordo com as falas das professoras percebemos que a música não é percebida como um elemento fundamental no desenvolvimento das atividades rítmicas, afinal de contas, apenas a professora CC vinculou enfaticamente o elemento musical ao conteúdo em questão. Apesar disso, fica evidente que existe um olhar prioritário ao uso dos estímulos sonoros junto ao

conteúdo. Apenas CM e AC levaram em conta a possibilidade de desenvolvermos um trato junto ao conteúdo com outros tipos de estímulos rítmicos, mais especificamente ligados à questão visual, o que acreditamos ser não só interessante como também importante na construção do conhecimento do conteúdo. Perceber que o ritmo é uma construção cultural e que pode ser percebido em outras situações que não só pelo sentido auditivo traz a possibilidade de ampliação do uso do conteúdo, estendendo-o à percepção das ações de nossa vida, potencialmente marcadas pelo ritmo.

Já com relação às manifestações corporais possíveis de serem tratadas com o conteúdo atividades rítmicas, houve um posicionamento das professoras CM e AC voltado à diversidade dessas manifestações. Tanto uma quanto a outra, nos sugere a viabilidade de trato de qualquer manifestação corporal, assim como aponta CM quando falando das manifestações possíveis nas atividades rítmicas como “componente de tudo, da dança, do futebol, do teclado de um computador, de escovar o dente, de... (risos), entendeu? Então ela (a rítmica) é um componente que está presente em tudo aí na sua vida.”

Ainda por um caminho de consideração da diversidade de manifestações, CC nos apresenta algumas possibilidades como a capoeira, a ginástica, as rodas cantadas e a dança como manifestações corporais junto ao trato do conteúdo, fato também proporcionado por TC, apontando os brinquedos cantados, as brincadeiras infantis, o pular corda ou mesmo o quicar da bola em um jogo de basquetebol, mas que ao longo da fala vai se construindo em um olhar mais enfático junto à dança.

Sem dúvida, a ampliação do repertório das manifestações possíveis de serem experimentadas no desenvolvimento das atividades rítmicas e que se amplia além do uso historicamente determinado à dança é fundamental, pois se encontra diretamente relacionada à questão da diversidade da experimentação sensória do ritmo e da compreensão conceitual de sua existência posta no plano das diferentes ações humanas, já que este é resultado de um processo de construção cultural.

Outra questão que cabe levantar é relacionada à análise das falas a respeito da diferenciação que fazem entre as atividades rítmicas e a dança. Percebemos a presença unânime do entendimento de que o conteúdo atividades rítmicas é mais abrangente que a dança, porém essa afirmativa não se sustenta na fala de todas as professoras durante a entrevista. Tanto CM como TC apresentam idéias que relacionam a linguagem, a expressão e a comunicação como elementos possíveis de desenvolvimento no trato da dança, exclusivamente. As professoras não reconhecem que as atividades rítmicas sejam capazes de realizar o envolvimento e a construção dos conhecimentos expressivos, das linguagens e da comunicação.

Por outro lado, CC enfatiza a importância da expressão e da comunicação no processo de desenvolvimento do conteúdo atividades rítmicas. A professora, a partir de sua experiência prática com o tema, aponta a facilidade com o qual o conteúdo traz esses elementos. Para ela, existe um favorecimento desse trato específico com a expressão e a comunicação se compararmos com outros conteúdos como o esporte, por exemplo. Infelizmente, a professora não desenvolve seu posicionamento, que é

construído por sua experiência prática de anos com o conteúdo, por falta de subsídios teóricos alegando que o assunto “ainda é um nó”.

Para nós, o entendimento da proximidade dos elementos expressivos, comunicativos e das linguagens junto às atividades rítmicas e a dança e que foram apontados por três das professoras entrevistadas se faz importante para que consigamos desenvolver nossos conhecimentos a respeito do tema. O que provisoriamente nos parece palpável dizer é que, de fato, existe uma relação entre esses elementos e o conteúdo das atividades rítmicas, só nos resta entender qual é essa relação.

Diante dos posicionamentos das professoras podemos notar que existe uma diversidade no entendimento das atividades rítmicas como conteúdo da Educação Física. Percebemos que as tentativas de caracterizações e conceituações do conteúdo não são ainda consensuais. Apesar de encontrarmos elementos interessantes para a construção de um conhecimento a respeito do tema nas falas das professoras, fica evidente a multiplicidade de seus enunciados propostos e estabelecidos para com a área.

Essa falta de convergência e de comum entendimento a respeito do que se pensa sobre as atividades rítmicas não será ocasionado pela falta de possibilidades de momentos próprios de construção de diálogos entre os enunciadorees? Ou será pela falta de mais pesquisas sobre o tema? Ou a complexidade da temática? Ou ainda, por que para muitas dessas docentes as questões teóricas de apoio parecem ser menos importantes perante o trabalho que já realizam?

O que nos parece cabível sugerir é o fato de que os momentos de discussão entre os professores da área, assim como a produção de pesquisas sobre o tema não são suficientes para o desenvolvimento progressivo de um conteúdo que se entende como complexo, devido à estrutura multidisciplinar que o compõe. Agora, o que é relevante apontarmos é a possível causa para essa falta de viabilização de espaços e materiais de pesquisa para a construção do conhecimento a respeito do tema. A prática ainda parece o elemento norteador do pensar das atividades rítmicas, ou seja, o conhecimento a respeito do tema situa-se principalmente calcado no campo da práxis, o que para GARCIA (1996) pode ser possível, desde que se avance na análise da prática, apropriando-se conscientemente daquilo que se faz. À esse pensamento vejamos o que FREIRE (1993) adiciona:

a prática de pensar a prática e de estudá-la leva à percepção anterior ou ao conhecimento do conhecimento anterior, que de modo geral, envolve um novo conhecimento ... A prática de que se tem consciência exige e gesta a ciência dela. Daí que não se pode esquecer as relações entre a produção, a técnica indispensável e a ciência. (FREIRE, 1993, p. 127)

O que se espera, portanto, é que o conhecimento das atividades rítmicas como conteúdo da Educação Física estabeleça relações com outros e novos conceitos teóricos, a fim de reelaborar a fundamentação necessária do tema, na tentativa de marcar presença teórico-prática no campo da Educação Física, sobretudo na escola.

5.3 O papel das atividades rítmicas na escola

Esta categoria de análise trata das relações que os professores estabelecem entre o conteúdo atividades rítmicas e a escola. Quais suas possibilidades? Quais seus objetivos e sua relevância no ambiente escolar? São aspectos que serão discutidos neste momento.

De acordo com CM, as atividades rítmicas na escola poderiam ser entendidas como “também um dever”, porém de forma distinta como atualmente são realizadas. Admite o inevitável desenvolvimento rítmico do aluno quando este é exposto a situações de diversidade e variedade de atividades físicas nas aulas de Educação Física, por outro lado, entende como fundamental um posicionamento focado e consciente do docente no trato do conteúdo em questão para que o desenvolvimento do conhecimento sobre o ritmo realmente seja efetivo, acreditando que “se tivesse algo mais específico, voltado realmente para isso, seria melhor.”

Podemos notar que o ritmo ainda é o foco principal da discussão para CM, e para tanto, nos chama a atenção da necessidade de adequarmos os elementos da cultura corporal de movimento, a serem utilizados no trabalho com os alunos, com as faixas etárias em que estes se encontram. Aponta para o problema da maioria das práticas docentes que conhece, se bastarem no uso quase que exclusivo das brincadeiras infantis, das cantigas e dos brinquedos cantados e que muitas vezes não são suficientes para despertar o aprendizado sobre as questões do ritmo. Dessa forma, defende e propõe a utilização de outros elementos da cultura corporal de movimento, que vão além

do simples fazer da atividade apresentada pelo professor, mas que também deve atrelá-los a pesquisas que não só contribuam para a ampliação do repertório de atividades como também de contextualizá-las para que haja maior sentido para os alunos. Essa afirmação fica evidenciada quando a docente aponta que:

“Então, se a turminha curte samba, claro você vai começar com samba, mas isso não quer dizer que você não possa levar um Tchaycovski, você não possa levar uma música chinesa, você pode levar o que você quiser, e você deve porque eles vão apresentar características, qualidades rítmicas e melódicas completamente diferentes e eu acho que a criança tem que passar por isso.”

Apesar de notarmos que realmente existem questões pertinentes na fala de CM e que possuem um certo ajuste com o pensamento que temos em relação as possibilidades de trato do conteúdo nas aulas, não conseguimos identificar claramente qual a relação entre o desenvolvimento do conteúdo no ambiente escolar com a discussão do desenvolvimento de uma educação que se pretende também responsável pela formação do cidadão. Ou seja, não pudemos perceber qual o posicionamento da professora diante das questões educacionais possíveis que acredita o conteúdo proporcionar no processo de cidadania dos alunos. Em outras palavras, por que é essencial experimentar, perceber e conhecer o ritmo? Quais as inter-relações entre o ritmo e as questões humanas?

Esse aspecto talvez tenha sido abordado na fala de TC. A professora propõe uma atividade rítmica na escola voltada para a formação de

“pessoas inteiras, pessoas que sabem se comunicar, se expressar, não através do verbo simplesmente, ou da escrita, mas através do gesto corporal [...] daquele que tem uma técnica específica, ou não; do gesto espontâneo, através da sua própria criatividade, manifestação [...]”.

Fica claro que para TC, desenvolver o conteúdo atividades rítmicas possui uma importância educativa que não se basta apenas na aprendizagem do ritmo. Para ela, o conhecimento desenvolvido pelo conteúdo é um meio para alcançarmos outras expectativas e que estão relacionadas com a formação humana dos educandos.

As atividades rítmicas para a professora, portanto, teriam o objetivo de contribuir no desenvolvimento de “pessoas inteiras, que conseguem se comunicar, se expressar”, fato que se aproxima dos pressupostos que acreditamos fazer sentido dentro do processo educacional e que os PCNs (BRASIL, 1998) nos apontam de maneira clara quando trata da necessidade de um olhar cuidadoso para os conteúdos da Educação Física:

Trata-se, portanto, de localizar em cada uma dessas modalidades (jogo, esporte, dança, ginástica e luta) seus benefícios humanos e suas possibilidades de utilização como instrumentos de comunicação, expressão de sentimentos e emoções, de lazer e de manutenção e melhoria da saúde. E a partir deste recorte, formular as propostas de ensino e aprendizagem da Educação Física escolar. (BRASIL, 1998, p. 29)

E que completa quando trata especificamente das atividades rítmicas e expressivas:

Nessas atividades rítmicas e expressivas encontra-se mais subsídios para enriquecer o processo de informação e formação dos códigos corporais de comunicação dos indivíduos e do grupo. (BRASIL, 1998, p. 71)

É nesse sentido que nos colocamos frente aos objetivos das atividades rítmicas no ambiente escolar, entendendo que o processo educacional não é somente um momento de aquisição de conhecimentos técnicos e específicos, mas um instante em que se amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomamos o conteúdo tratado e suas capacidades como produtos socioculturais.

Assim, identificamos que TC possui uma preocupação junto ao desenvolvimento do conteúdo com questões voltadas para a formação de um indivíduo que se entende como único, em uma visão integral e que possui necessidades latentes de entendimento e conhecimento de seu corpo, de forma que consiga se expressar e se comunicar com clareza, atuando de maneira mais efetiva em sua vida social.

Da mesma forma NEIRA (2006) relaciona essa importância educacional à vida social quando aponta que:

As atividades realizadas durante as aulas de Educação Física não podem ser esvaziadas ou fragmentadas a ponto de perder seu significado pessoal, social e cultural. Numa perspectiva multicultural deverão, prioritariamente, partir das práticas sociais onde a movimentação se dê em função da comunicação/expressão de sentimentos e intenções. (NEIRA, 2006, p. 198)

O autor, dessa forma, nos traz uma contribuição interessante para pensar o processo educacional, quando define a comunicação e a expressão como elementos fundamentais junto à realização do movimento, ou seja, propõe que o nosso olhar para o movimento deva estar amparado em nossas práticas sociais, nas quais a realização do movimento se encontra repleta de intenções, significados e que tenha, portanto, a função expressiva e comunicativa.

Interessante é perceber que a professora TC também atenta para a possibilidade de não atribuímos ao conteúdo um único e específico objetivo. Propõe a idéia de elencarmos questões fundamentais que estejam ligadas ao tema, que possuem relevância social e que podem se estender ao longo do trato das aulas, assim como observamos em sua fala: “na escola, você pode trilhar caminhos. Olha, esse ano eu quero que tenha esse objetivo, para aquela série eu quero que tenha um outro papel, então de repente você pode na quinta série dizer assim, olha, o papel das atividades rítmicas e expressivas na quinta série é ampliar o conhecimento sobre as atividades, as manifestações rítmicas e expressivas ditas folclóricas, por exemplo. Então, para eles realmente conhecerem, vivenciarem, praticarem e valorizarem de certa forma [...], gostando ou não, mas entender que tem o seu valor e conseguir apreciar, coisas assim; de repente no ensino médio já tem um outro papel, o papel de conhecer-se através das atividades rítmicas e expressivas.”

Esse tipo de pensamento traz consigo uma nova orientação no ensino das atividades rítmicas na escola, que se diferencia do trato do conteúdo proposto pela professora CM. Neste caso, CM trabalha com a idéia

das atividades rítmicas serem um conteúdo fundamental para o desenvolvimento do conhecimento sobre o ritmo, ou seja, vê o conteúdo com um objetivo que se basta nele próprio, não avançando na discussão de suas ligações com a prática social. Por outro lado, TC entende as atividades rítmicas e todos os seus elementos como um meio para se construir um conhecimento capaz de forjar uma identidade cidadã junto ao educando, ou seja, o conteúdo se desenvolve com o intuito de cultivar habilidades e competências necessárias para a vida social do educando.

A professora TC ainda levanta a hipótese de propor tais objetivos de acordo com as faixas etárias dos alunos, dando assim um ar “estruturado” ao ensino das atividades rítmicas, o que de certa forma seria interessante para nortearmos minimamente a ação docente na escola. Porém, essa é uma questão que se torna um obstáculo para um ensino que se espera autônomo, principalmente no que tange a autonomia das escolhas docentes, pois dessa forma, a prática do professor se transforma em uma ação possivelmente descontextualizada caso seus alunos tenham outras necessidades que não as indicadas para o momento em que estes estejam inseridos.

De acordo com VENÂNCIO (2005), se esperamos de nossos alunos a capacidade de mudança da realidade, ou seja, que atuem efetivamente de forma cidadã no grupo em que estão inseridos, é necessário que façamos do espaço educacional um local de re-significação de nossas ações. Por meio da discussão da importância do desenvolvimento de um Projeto Político-pedagógico para uma educação cidadã, a autora levanta a necessidade de conhecermos o ambiente em que estamos inseridos, junto das

coisas que dele fazem parte, para sabermos, de fato, quais são as necessidades e expectativas do grupo, para podermos selecionar valores a serem construídos e transformados.

Desta forma, sistematizar de antemão o conteúdo de acordo com as faixas-etárias talvez seja uma ação limitante no processo de ensino e aprendizagem para muitos dos contextos educativos, já que estes são diversos e muitas de suas necessidades são bem diferentes umas das outras. Interessante talvez, seja apontarmos possibilidades de trato do conteúdo, discutindo sua relação com elementos significativos no processo educacional e que podem se ligar ao mesmo, desenvolvendo conceitos para uma posterior produção pedagógica por parte dos professores. Exemplos desses elementos significativos para o conteúdo atividades rítmicas talvez sejam o ritmo, a expressão, as linguagens, a música ou ainda a comunicação, elementos estes, recorrentes no levantamento das idéias apresentadas pelas professoras a respeito do conteúdo durante as entrevistas.

Assim, a discussão sobre os objetivos factíveis de serem traçados no processo educacional deverão ser realizados de acordo com a leitura que se tem da realidade do grupo com quem se espera trabalhar, ou seja, é importante que tais decisões estejam diretamente ligadas ao processo de desenvolvimento do Projeto Político-pedagógico.

Assim, reforçamos a idéia do levantamento de elementos essenciais no trato do conteúdo atividades rítmicas, esclarecendo-os de maneira profunda para que se proporcione aos professores condições possíveis para a tomada de decisões quanto aos objetivos necessários e

possíveis de serem desenvolvidos nos diferentes contextos de sua prática docente.

CC posiciona-se durante sua entrevista, ainda com uma carga bastante evidente da crença da existência de uma relação entre as atividades rítmicas e os elementos música e movimento, ou seja, a tônica da discussão do conteúdo na escola ainda é pautado no desenvolvimento desses dois últimos.

Assim como TC, a professora encara o processo educacional como um momento de desenvolvimento de um indivíduo “inteiro”, em que a música e o movimento tem importância fundamental. Portanto, quando CC afirma que “[...] a música e o movimento são importantes para a educação integral do indivíduo”, percebemos uma certa aproximação da intenção de uma educação voltada para questões de cunho social em que a formação do cidadão é elemento chave do processo. E se aprofunda na questão quando considera “... importante ele aprender tudo aquilo que ele vai levar para a vida prática dele, que tivesse uma justificativa social, então, por exemplo, ele aprende nas atividades rítmicas a seguir um ritmo externo [...] quer dizer, eu tenho o meu ritmo próprio, mas eu aprendo nas atividades rítmicas a respeitar o ritmo externo ou do meu parceiro ou da música ou das batidas rítmicas de um instrumento.”

É interessante que a professora nos aponta o trabalho das atividades rítmicas como ponto importante no desenvolvimento do respeito às manifestações corporais do outro nos diferentes elementos da cultura corporal de movimento, quando ressalta que: “se eu trabalho com o outro, eu acabo

adquirindo um respeito pelo ritmo do outro, ou por aquilo que o outro pode fazer ou não dentro daquele contexto da dança, da capoeira, das atividades rítmicas.”, idéia que a professora AC reforça, falando do processo em “... que a gente pode estar até avaliando o ritmo de cada um...”

Além disso, CC aponta para a idéia da apreciação estética, onde para ela, há importância em desenvolvermos pelo conteúdo o cultivo de atitudes que demonstrem a valorização das diferentes manifestações rítmicas e expressivas como “Saber apreciar a música, saber apreciar a arte, saber apreciar a dança, mesmo que eu não consiga fazer.”, assim como a professora TC, quando diz da possibilidade de um dos objetivos das atividades rítmicas, servindo: “para eles realmente conhecerem, vivenciarem, praticarem e valorizarem de certa forma [...], gostando ou não, mas entender que tem o seu valor e conseguir apreciar [...]”

Com relação a essa questão, o documento PCN+ (BRASIL, 2002) nos traz certa preocupação com o desenvolvimento da competência que diz respeito à apreciação da cultura, ampliando para todas as práticas educativas e não apenas à Educação Física, quando afirma que:

Outras qualidades, como desenvolver o apreço pela cultura, respeito pela diversidade e atitude de permanente aprendizado, questionamento e disponibilidade para a ação, são valores humanos amplos, sem qualquer especificidade disciplinar. Estas, portanto, devem estar integradas a todas as práticas educativas [...] (BRASIL, 2002, p. 16)

Desta forma, podemos observar que a apreciação pela cultura possui uma importância no desenvolvimento educativo e que, portanto cabe

ser tratado junto ao conteúdo atividades rítmicas, assim como sugerido pelas professoras. Ou seja, possibilitar espaços para o cultivo da valorização das manifestações culturais relacionadas ao conteúdo, é de grande relevância em seu desenvolvimento no ambiente escolar.

Há ainda a importância de associarmos o desenvolvimento do conteúdo atividades rítmicas não só à apreciação da cultura mas também ao seu usufruto, questão que os PCNs (1997) apontam como um dos objetivos gerais do ensino fundamental:

utilizar das diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1997, p. 108).

Ainda durante sua resposta à pergunta realizada a respeito do papel das atividades rítmicas na Educação Física, a professora CC trabalha com a idéia de que o uso da música e do movimento se faz importante na escola, pois enxerga nesses dois elementos uma carga motivacional muito grande no aprendizado dos alunos, ou seja, acaba propondo para o conteúdo atividades rítmicas o trato da música e do movimento, assim como podemos notar em seu depoimento: “Olha, eu vou falar pelo rasante, porque ele é altamente motivador. Imagina o que o movimento é motivador para a criança aprender, o que a música é motivadora para a criança aprender [...] Mas eu acho que iria, sem me alongar muito, pela coisa do prazer, ele é importante

porque dá prazer, tudo que a gente aprende com prazer a gente guarda, fica, eu falo que entra no nosso corpo, fica impregnado, fica marcado [...]"

Sem dúvida, a questão do prazer e da motivação levantada pela professora é relevante, porém devemos atentar a um ponto anterior, que se relaciona diretamente ao que se espera do ensino a respeito do conteúdo, ou seja, não basta selecionarmos determinados conhecimentos apenas pelo seu caráter motivador, é necessário que nos perguntemos por que os escolhemos para fazer parte do currículo escolar?

Para tanto, nos direcionaremos às discussões sobre a formação do currículo e que para SILVA (2001) é o ponto central e anterior. Essa reflexão está vinculada à qual conhecimento deve ser ensinado. Para isso uma pergunta fundamental pode ser feita de acordo com NEIRA (2005) a respeito do conhecimento: "o que?" (o que deve ser ensinado).

Esta pergunta, ainda segundo o autor, nos remete há outras duas como "o que eles ou elas devem ser?", ou ainda, "o que eles devem se tornar?". Implicitamente, trazer essas questões à tona nos reporta a responsabilidade de posicionamento daquilo que se espera da educação, e para isso, se faz necessário compreender a realidade da comunidade que se pretende educar, ou seja, a equipe escolar deve fazer escolhas sobre quais conhecimentos devem ser estudados em função das características da comunidade que são esboçadas no Projeto Político-pedagógico (NEIRA, 2006).

Assim, é completamente possível levarmos em consideração o estudo da música e do movimento relacionados dentro da Educação Física, assim como as manifestações que tratem das questões da experimentação dos diferentes tipos de linguagem, da expressão, da comunicação e do ritmo, elementos estes apontados individualmente pelas professoras nas entrevistas.

O que se faz importante é que tais conhecimentos sejam analisados e tratados com um foco voltado para a viabilidade de suas significações dentro do ambiente sócio-cultural do grupo em questão, ou seja:

A escola, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará elege, como objeto de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são consideradas essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres. (BRASIL, 1997, p. 45)

Contudo, é a partir dessa fala que podemos trazer uma outra contribuição para as atividades rítmicas na escola, pensando na possibilidade de criarmos estratégias que reconheçam junto aos alunos os diferentes conhecimentos que se ligam ao conteúdo com o intuito de inseri-los contextualmente no ambiente escolar para que sejam melhor compreendidos e posteriormente apreciados e usufruídos. Assim, consideramos importante proporcionarmos na escola o espaço e o tempo necessários para levantarmos o que os alunos sabem sobre o ritmo, assim como a sua ligação com as manifestações corporais que fazem parte de seus repertórios culturais, possibilitando o desenvolvimento da apropriação do conhecimento relativo ao conteúdo atividades rítmicas de maneira contextualizada e facilitadora da

constituição do sujeito, capaz de construir e de reconstruir o conhecimento humano produzido historicamente.

Para que concluamos a questão relativa ao papel das atividades rítmicas na escola vejamos o que a professora AC nos apresenta.

A professora se refere ao papel do conteúdo em questão na Educação Física escolar de maneira bastante sucinta, a ponto de defini-lo como “[...] um conteúdo importante da Educação Física que vai trabalhar o desenvolvimento..., das capacidades de ritmo da criança, que é uma capacidade física importante, então, que as vezes, muitas vezes é deixada de lado, por professores, por falta de experiência ou alguma coisa assim. Então eu acho que como conteúdo da Educação Física..., a importância desse conteúdo é para estar passando essa capacidade física.”

A professora entende o conteúdo como importante, apesar de não se aprofundar nos “porquês” dessa relevância dentro da escola. Além disso, aponta as atividades rítmicas como uma maneira de se desenvolver única e exclusivamente a capacidade física ritmo.

Por fim, AC nos traz uma informação que não poderíamos deixar de lado e que diz respeito à falta do uso do conteúdo no ambiente escolar; para ela, o desprezo para com o mesmo nas aulas se dá pela “falta de experiência” que os professores possuem em relação ao tema.

À esse ponto propomos uma reflexão: Será que esse descaso é resultado da “falta de experiência” dos docentes, ou de uma escassez de discussões e de míguas tentativas de construção de conhecimentos que

circundam as atividades rítmicas, seja no momento de formação inicial dos futuros educadores, seja no processo de sua formação continuada?

Vejamos no quadro a seguir, quais foram as características do entendimento das atividades rítmicas na escola que as professoras apresentaram em suas entrevistas.

Quadro 4 - Características do entendimento das atividades rítmicas na escola

Professoras	Atividades rítmicas entendidas como fim	Atividades rítmicas como meio	Ênfase de desenvolvimento do conteúdo
CM	X		Ritmo
AC	X		Ritmo
CC		X	Música e movimento
TC		X	Expressão e comunicação

A partir das entrevistas concedidas pelas professoras, quando questionadas a respeito do papel das atividades rítmicas dentro da escola, pudemos levantar algumas questões que se mostram fundamentais para o desenvolvimento do conteúdo dentro do ambiente escolar.

Durante as análises das entrevistas, ficou evidente que as professoras possuem um entendimento distinto com relação ao conteúdo no processo educacional, apesar de todas entenderem-no como um conhecimento importante, considerando-o, em certos momentos, até mesmo como “fundamental, primordial e indispensável”. Duas das professoras, CM e

AC, apontam para o desenvolvimento quase que exclusivo das questões relacionadas ao ritmo, o que de fato faz sentido, principalmente da maneira abrangente como o entendem. Por outro lado, CC e TC, que também selecionam e enfatizam elementos que consideram fundamentais no trato das atividades rítmicas, no caso a música e o movimento para CC e a expressão e a comunicação para TC, não se bastam no desenvolvimento de tais conhecimentos.

O que de fato acontece é que tanto CC quanto TC, vinculam o conteúdo com aspectos mais gerais de desenvolvimento, e que perpassam por habilidades e competências de cunho social e cultural. Para as professoras o trato das atividades rítmicas deve contemplar o desenvolvimento não só dos conhecimentos específicos do conteúdo como, por exemplo, aprender a “reconhecer e a compreender a música” ou “conhecer os elementos da dança”, mas também o desenvolvimento do aluno como ser cidadão, capaz de, pelo conteúdo, reconhecer seu ritmo e o ritmo do outro, adaptando-se ao diferente e conseqüentemente aprendendo “à respeitar o ritmo externo ou do meu parceiro ou da música”, ou ainda, ampliando seu patrimônio cultural para usufruí-lo, valorizá-lo e apreciá-lo.

Com isso, é possível destacarmos dois pontos interessantes. O primeiro diz respeito à maneira como o conteúdo é entendido no ambiente escolar. Por parte das professoras entrevistadas as atividades rítmicas são um meio para se alcançar outros objetivos, que não se encontram diretamente atrelados a ele, mas que constituem um processo de educação voltado para o desenvolvimento do cidadão, onde aspectos sócio-culturais são mirados e

objetivados durante o processo de trato do conteúdo em questão; diferente das outras duas docentes que efetivamente vêem o conteúdo atividades rítmicas como um fim nele mesmo, ou seja, não enfatizam qualquer outro conhecimento que não seja o próprio ritmo, ou mesmo a relevância de seu aprendizado no processo educacional.

Fica claro desta forma, que uma posição voltada para o desenvolvimento da capacidade rítmica junto do reconhecimento da necessidade de um processo educacional que trate das questões do ser cidadão é próximo às nossas concepções. Tratar, portanto, as atividades rítmicas como um conteúdo também responsável pela compreensão da realidade, da participação nas relações sociais, culturais e políticas, elementos fundamentais para o exercício da cidadania é trazer para a Educação Física escolar uma possibilidade a mais de contribuição para a construção de uma sociedade que se espera democrática e não excludente (BRASIL, 1997).

O segundo ponto a ser destacado diante das entrevistas está relacionado aos elementos possíveis de serem trabalhados dentro do conteúdo atividades rítmicas. Apesar de muitas serem as manifestações corporais levantadas pelas professoras durante suas falas, que transitavam da dança às brincadeiras de roda e das mímicas à capoeira, alguns elementos, aparentemente “maiores”, tiveram uma ocorrência substancial na fala das docentes e que muitas vezes foram enfaticamente pronunciados. Estes elementos nos parecem ser importantes no trilhar dos caminhos nos quais as professoras percorrem seus pensamentos, pesquisas e práticas docentes e que, de certo, traz olhares diferentes para nosso objeto de estudo.

Sem dúvida, as atividades rítmicas para cada uma delas possuem um conjunto de conhecimentos fundamentais que o caracterizam, independentemente das manifestações corporais que lá possam estar inseridas.

Os elementos ritmo, a relação música-movimento, a expressão e a comunicação, portanto, foram entendidos como conhecimentos necessários de serem desenvolvidos junto ao conteúdo atividades rítmicas e que podem e devem ser tratados junto às diversas manifestações corporais que a cultura corporal de movimento nos oferece.

O que eventualmente pode ser colocado é o questionamento da relevância do trato desses elementos. Mas a música e a expressão podem ser conhecimentos selecionados para serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física escolar? Os únicos fatores que implicariam em um veto de tais conhecimentos no currículo da Educação Física está primeiramente posto na incapacidade “técnica” do professor em lidar com os temas, ou seja, trabalhar a música sem ao menos reconhecer seus elementos básicos a ponto de não estabelecer relações com os aspectos específicos da Educação Física. E uma outra situação seria na qual não houvesse o reconhecimento da seleção desses conteúdos ou conhecimentos que farão parte do currículo, como o resultado de um processo de decisão coletivo em que toda a comunidade escolar esteja envolvida, pressupondo um amplo conhecimento do contexto escolar junto a uma posição muito bem definida da escola em relação à sua proposta pedagógica.

Assim, entendemos que tanto o ritmo, a música, a expressão quanto a comunicação são elementos cabíveis no desenvolvimento do conteúdo atividades rítmicas na escola, desde que sejam entendidos como relevantes em seus contextos assim como tratados de maneira vinculada aos conhecimentos referentes à cultura corporal de movimento. O que se faz importante neste momento é entender, mais detalhadamente, quais são as possibilidades desses elementos dentro da área. No nosso caso, quais desses conhecimentos podem ser reconhecidos e compreendidos na fala das professoras entrevistadas?

A comunicação, a expressão e a linguagem foram conhecimentos apontados pelas docentes em suas entrevistas, vejamos como podemos entendê-los dentro do contexto educativo.

5.4 Elementos das atividades rítmicas: expressão, comunicação e linguagem.

Esta categoria de análise traz discussões em torno da possibilidade da compreensão dos elementos expressão, comunicação e linguagem no conteúdo atividades rítmicas que, de maneira recorrente pudemos encontrar nas contribuições junto às professoras a partir das entrevistas realizadas. Apesar da recorrência de tais elementos em suas falas, é importante atentarmos para a maneira como foram apontados, cabendo

lembrar ainda que a professora CC foi a única que não fez menção à ligação dos elementos ao conteúdo.

Retomemos de que maneira as professoras se dirigem à expressão, à comunicação e à linguagem.

Para TC, as atividades rítmicas são entendidas “como algo que precisa ser uma linguagem que não é verbal, que precisa ser comunicada [...] trata da expressividade; expressar, comunicar, trabalhar com os aspectos estéticos, ou seja, [...] sensibilizar-se de corpo inteiro.”

Percebemos que o posicionamento da professora TC, leva em consideração o desenvolvimento das possibilidades da expressão e da comunicação através do corpo e do movimento, assim como é apresentado pelos PCNs (BRASIL, 1998) e pelo METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA (1992). Essa concepção nos permite inferir que a professora eventualmente estivesse a par das idéias e objetivos desenvolvidos pelos documentos em questão.

Além disso, é importante lembrar que apesar da docente apontar a importância do trato dos elementos expressão, comunicação e linguagem, ela o faz dando ênfase à manifestação corporal dança, ou seja, seu olhar para o conteúdo atividades rítmicas está diretamente ligado ao desenvolvimento dessa manifestação corporal e que para ela, contempla o desenvolvimento dos elementos em questão.

A professora CM nos apresenta uma idéia a respeito do conteúdo atividades rítmicas muito ligada ao elemento ritmo, mas quando perguntada

sobre sua diferenciação em relação à dança, aponta para o desenvolvimento de questões ligadas à comunicação e à linguagem. Para essa professora “a dança é arte. E ela tem uma linguagem própria e ela é linguagem, no sentido em que através da dança você se comunica.” Além disso, nos traz a idéia de que o conteúdo atividades rítmicas é um componente mais abrangente que a dança, nos fazendo pensar na consideração da linguagem e da comunicação como elementos, portanto, cabíveis de desenvolvimento junto ao mesmo.

O que de fato nos faz apresentar tais posicionamentos é a tentativa de compreender de forma mais clara o trato das linguagens, da expressão e da comunicação junto ao conteúdo atividades rítmicas e que não estejam apenas vinculadas à manifestação cultural-corporal dança, ou seja, que se vinculem ao conteúdo e não exclusivamente a uma única manifestação.

Ainda de acordo com os PCNs (BRASIL, 1998), quando levanta aspectos do conteúdo atividades rítmicas e expressivas, percebemos que não há essa vinculação da expressão e da comunicação somente junto à dança, mas sim às várias manifestações corporais que dele fazem parte:

Este bloco de conteúdos inclui as manifestações da cultura corporal que têm como característica comum a intenção explícita de expressão e comunicação por meio dos gestos na presença de ritmos, sons e da música na construção da expressão corporal [...] nessas atividades rítmicas e expressivas encontram-se mais subsídios para enriquecer o processo de informação e formação dos códigos corporais de comunicação dos indivíduos e do grupo (BRASIL, 1998, p. 71).

Cabe ressaltar que apesar do documento apresentar uma definição para o conteúdo intitulado atividades rítmicas e expressivas e não

somente para as atividades rítmicas, na qual a dança é entendida como a manifestação corporal mais relevante dentro do conteúdo, fica claro que há a possibilidade de pensarmos em uma ampliação desse entendimento. Vejamos por exemplo, como os próprios PCNs (BRASIL, 1998) trabalham a idéia dos elementos expressão e comunicação:

Em princípio, é relevante sublinhar que todas as práticas da cultura corporal de movimento, mais ou menos explicitamente, possuem expressividade e ritmo. Em relação à expressão, essas práticas se constituem em códigos simbólicos, por meio dos quais a vivência individual do ser humano, em interação com os valores e conceitos do ambiente sociocultural, produz a possibilidade de comunicação por gestos e posturas (BRASIL, 1998, p. 71).

Ou seja, de acordo com o documento podemos perceber que a expressão está diretamente ligada às práticas da cultura corporal de movimento, nas quais a produção de códigos simbólicos ou linguagens, facilitam a interação que o homem estabelece com o ambiente sociocultural em que está inserido, criando-se, portanto, uma ação potencialmente comunicativa.

O elemento expressão ainda pode ser entendido como relevante no âmbito da Educação Física a partir da fala de DAOLIO (2004), quando lembra da relação que a área tinha com o conceito de corpo há algumas décadas atrás: “O corpo era somente visto como conjunto de ossos e músculos e não expressão da cultura” (DAOLIO, 2004, p. 2). Indiretamente, tratando da importância do termo cultura para a Educação Física, o autor anuncia que o corpo pode ser entendido como expressão da cultura. Assim, o

corpo pode ser considerado um dos meios pelo qual as produções culturais humanas são produzidas, transformadas e até mesmo transmitidas.

Dessa forma, dois pontos importantes destacam-se no sentido do entendimento da comunhão entre a expressão e a Educação Física. O primeiro diz respeito à relação existente entre o corpo e a expressão cultural. Se retomarmos a caracterização de cultura feita por GEERTZ (1989) que a entende como o compartilhamento de significados relativos ao mundo e aos homens que dele fazem parte, o corpo sem dúvida pode ser caracterizado como elemento eminente no ato da expressão da produção cultural, já que ele é peça fundamental para tal concretização. As ações do corpo, portanto, podem ser entendidas não só como culturais, mas também essencialmente expressivas, já que são capazes de manifestar pensamentos, emoções e sentimentos, resultado este do processo de apropriação da produção cultural humana.

O outro ponto importante é o resultado de nosso olhar para a Educação Física, quando consideramos o movimento humano como culturalmente produzido e carregado de significados e ações expressivas. Se entendemos a Educação Física na escola como a disciplina responsável por introduzir e integrar o aluno na esfera da cultura corporal de movimento, formando um cidadão capaz de produzi-la, reproduzi-la e transformá-la (BRASIL, 1998); é completamente relevante que a mesma estude, discuta e experimente a produção dessa cultura corporal do movimento.

Assim, vincular às atividades rítmicas procedimentos, atitudes e conceitos relativos ao desenvolvimento da expressão do movimento produzido culturalmente, se faz necessário.

Fica evidente que a compreensão que as professoras têm em relação aos elementos expressão, comunicação e linguagem junto às atividades rítmicas ainda não é clara. Podemos perceber isso em suas falas como, por exemplo, quando CC aponta: “eu tenho algumas coisas que eu falo pouco, mas é da questão da expressão e da forma de comunicação, que eu acho que é mais favorecida nas atividades rítmicas [...] no esporte eu tenho aquela obediência às regras, também é prazeroso, mas nas atividades rítmicas eu acho que o ser humano ele está mais é... completo lá dentro, não sei, ainda é um nó, mas eu acho que existe uma diferença muito grande.”

Nesse caso, a professora não desenvolve, a seu contento, a possível relação existente entre os elementos comunicação e expressão e o conteúdo atividades rítmicas, mostrando uma possível falta de conhecimento conceitual a respeito do assunto, dada talvez, pela escassez da produção realizada pela área.

Da mesma forma, notamos a falta de diferenciação entre os elementos expressão e comunicação na fala de TC, quando relata maneiras de desenvolvê-los: “proporcionando um maior conhecimento corporal e um conhecimento até mesmo de si. Então não simplesmente mais uma prática corporal, mas ampliar os conhecimentos da pessoa, do outro, ela com o outro e porque também não mais uma prática corporal? [...] para ela tentar se inserir, se inserir onde? [...] se inserir no meio social mesmo, [...] tô em uma festa, eu

sei dançar minimamente, então isso é uma forma de expressão, de comunicação [...]”

De acordo com a professora, “dançar minimamente” foi considerado como uma forma de expressão e de comunicação. Mas o que de fato podemos perceber é que conceitualmente, apesar de existir uma relação entre o ato expressivo e o ato comunicativo, há uma diferença entre ambos, não nos permitindo generalizações precipitadas ou caracterizações que os coloque em uma relação sinonímia. Portanto, dizer que dançar é uma forma de expressão e comunicação, no mínimo é delicado, uma vez que devemos entender em que contexto e com qual finalidade tal dança foi produzida.

A partir das falas das professoras entrevistadas verificamos a presença de termos bastante interessantes e que de certa forma, trazem ao conteúdo atividades rítmicas, uma maior substancialidade à sua relevância no processo educacional ao qual a Educação Física escolar se pretende participativa.

Da mesma forma como distinguimos a atribuição de importância aos elementos comunicação, expressão e linguagem na fala das professoras quando estas os relacionam com o conteúdo atividades rítmicas, notamos também uma breve confusão junto a seus conceitos e inter-relações. Percebemos de maneira geral, que existe um conhecimento que não reconhece de maneira bem definida a diferença existente entre as atividades rítmicas e a dança dentro da Educação Física, assim como as definições de comunicação e expressão que se esperam participativas no desenvolvimento do conteúdo em questão. Esses equívocos acabam por construir um

conhecimento no qual nos dificulta a interpretação das intenções, objetivos e significações que as atividades rítmicas possui junto à Educação Física escolar.

Dessa forma, nos propomos discutir algumas questões que eventualmente esclareçam a importância por nós dada à vinculação dos elementos comunicação, expressão e linguagem ao conteúdo atividades rítmicas.

Considerando que a dança é uma das manifestações cabíveis junto ao conteúdo atividades rítmicas e que a professora CM a indica como uma linguagem capaz de estabelecer o ato comunicativo, algumas questões nos fazem pensar na maneira como as linguagens podem se vincular eventualmente à Educação Física, e quais possibilidades poderiam ser oferecidas dentro desse conteúdo.

Como discutido anteriormente, para nós, a linguagem se mostra como a instrumentalização, produzida por símbolos e técnicas, de uma ação que se espera fazer entender e que pode conceber a comunicação quando da presença da integração das subjetividades humanas, ligando as questões interiores do ser às exteriores, conectando o homem ao mundo que o cerca.

Concebemos a linguagem, portanto, como a instrumentalização simbólica de ações realizadas com o intuito de se fazer entender, de se tornar inteligível. Logo, podemos perceber que não só a escrita é um tipo de linguagem, mas também a vocalização desses códigos, da mesma forma como as artes visuais, a música e a libras.

Seguindo essa linha de raciocínio, as manifestações culturais corporais surgem também como uma tentativa de comunicação entre os sujeitos que participam de determinado grupo social, ou seja, se tornam linguagens distintas que produzem escritas singulares através de seus corpos na tentativa de trocarem experiências interiores com o meio.

Desta forma, entendemos que não só a língua ou o idioma se apresentam como linguagem, mas também todas as manifestações corporais produzidas culturalmente pelo homem. Com isso, o futebol, a ginástica artística, o judô, o pega-pega e todas as outras possíveis manifestações corporais existentes no mundo, assim como as que ainda serão criadas pelo homem, são consideradas linguagens produtoras de textos que comunicam e/ou expressam vontades, sentimentos, idéias e ideais construídos historicamente pela humanidade.

Neste momento, o que nos chama a atenção é a consideração que as professoras entrevistadas estabelecem entre a linguagem e o conteúdo atividades rítmicas. As docentes nos mostram uma tendência clara de caracterização da manifestação corporal dança como sendo uma linguagem, fato que não é explicitamente discutido junto às atividades rítmicas. Assim, pelas falas produzidas nas entrevistas com as professoras, percebemos uma atribuição de valor comunicativo e expressivo declarado na dança, fato que não se realiza quando se remetem ao conteúdo atividades rítmicas.

A questão que se coloca neste momento diz respeito a essa relação existente entre as atividades rítmicas e a linguagem. Por que as professoras entrevistadas consideram a dança como uma manifestação

lingüística e desconsideram o fato das atividades rítmicas também as serem, uma vez que ambas são produções culturais corporais?

O que nos parece plausível levantar em relação a essa diferenciação que fazem entre essas manifestações, fica expressa em dois pontos que julgamos relevantes. O primeiro diz respeito à tradição das manifestações corporais dentro de nosso patrimônio cultural e o segundo a incipiência dos conhecimentos relativos à linguagem e a Educação Física.

Com relação à tradição, apontamos o fato de que assim como o futebol e o basquete, a dança em nossa sociedade é um conhecimento que há tempos vêm sendo compartilhado, tanto socialmente como especificamente no âmbito educacional da Educação Física. Ou seja, a dança é uma manifestação que possui, apesar de todo o preconceito ainda existente em algumas sociedades, um prestígio e um desenvolvimento científico de seu próprio conhecimento bastante presente e estruturado, que fortalece e facilita ainda mais o seu uso dentro das dimensões teórica e prática da Educação Física.

Este fato não é identificável nas atividades rítmicas, uma vez que tal conteúdo fora negligenciado durante anos, resultado da valoração exacerbada de outros conteúdos considerados mais relevantes ao longo do processo de construção da identidade da Educação Física no Brasil, o que resultou em um escasso desenvolvimento conceitual e procedimental do mesmo e que conseqüentemente não favoreceu o compartilhamento de seus conhecimentos.

Junto a essa questão da tradição dos conhecimentos compartilhados dentro da Educação Física, há ainda o fator da incipiência dos conhecimentos relativos à linguagem e essa área do conhecimento. O fato é que esse estado de iniciação do conhecimento que relaciona a Educação Física com a linguagem, não possibilita o fácil reconhecimento do conteúdo atividades rítmicas com as características lingüísticas necessárias ou mesmo factíveis que estes apontam.

De acordo com LADEIRA (2007) todo o ser humano se torna linguagem na medida em que “se movimentar” é estabelecer uma tentativa de diálogo com o mundo. É com o corpo que podemos ver, ouvir, falar, perceber e sentir. O relacionamento com a vida e com os outros se dá pela comunicação e pela linguagem que o corpo possui.

Em seu estudo, a autora tenta desvelar conhecimentos a respeito das interfaces entre a Educação Física escolar e a linguagem, propondo uma discussão com professores de Educação Física a partir da técnica de Grupo Focal. A pesquisa traz informações bastante relevantes para que possamos entender as possibilidades de consideração do estudo das linguagens dentro do componente curricular em questão.

LADEIRA (2007) nos mostra que há consenso entre os professores entrevistados; estes acreditam que os movimentos do nosso corpo possibilitam diferentes interpretações, ou seja, criam símbolos, e que de fato usamos a linguagem corporal para “dizer” algo.

Da mesma forma, verifica que os docentes não têm clareza do papel que a linguagem possui no planejamento escolar da Educação Física, fato que faz a autora apontar para a questão do uso da linguagem pelos professores como uma simples orientação didática, ou seja, como uma metodologia para se alcançar objetivos mais amplos.

os professores parecem não observar a importância da aprendizagem das linguagens, sobretudo da linguagem corporal. Eles não vêem relação direta entre os objetivos da Educação Física com a linguagem. Eles não tentam ensinar ao aluno a perceber que o jogo, o esporte, a dança são diferentes linguagens produzidas pela humanidade e que possuem uma gramática própria. Por exemplo, nenhum dos professores explicita claramente que os alunos têm que saber que a dança é uma produção, uma língua em particular. Eles, ao final da reunião, acabam concluindo que não apresentam esta concepção. (LADEIRA, 2007, p. 118)

Para a autora, a linguagem deve ser ampliada no campo da Educação Física escolar. Seu uso não pode se bastar apenas como orientação didática ou metodologia, deve ser tratada a partir de procedimentos, conceitos e atitudes. Devendo, ao menos, ser pensada como um elemento que perpassa todas as manifestações da cultura corporal de movimento, uma vez que não é a mesma, por exemplo, para as lutas e para as danças.

Com relação à relevância do trato da linguagem na Educação Física escolar nos traz a seguinte contribuição:

Acredito que a linguagem seja um conceito importante para a Educação Física, uma vez que todas as manifestações corporais do homem são compreendidas através dela. É por meio da Educação Física que o aluno produz, reproduz e transforma a cultura corporal de movimento; ele passa a ser um produtor de textos. Desta forma, a disciplina em questão

deve possibilitar aos alunos a compreensão da linguagem corporal como interação social, a qual amplia o reconhecimento do outro e de si próprio (LADEIRA, 2007, p. 31).

Dessa forma, podemos sugerir que há uma necessidade de percebermos que as atividades rítmicas podem tratar das linguagens, assim como a professora CM faz, afirmando que a dança é linguagem, ou quando a professora TC trata as atividades rítmicas como um conteúdo que precisa “ser uma linguagem que não é verbal, que precisa ser comunicada”, porém, também nos parece importante que ampliemos a simples percepção de sua presença junto ao conteúdo e que de fato consideremos a linguagem como um elemento a ser desenvolvido objetivamente nas aulas de Educação Física escolar.

O que propomos, portanto, é que junto ao conteúdo atividades rítmicas possibilitemos não só o desenvolvimento da linguagem rítmica de nossos alunos, como também deixemos claro a eles a potencialidade que seus corpos tem na criação, reprodução e transformação de novos códigos e novas formas de linguagem, capazes de significar suas interações com o mundo em que vivem. Assim, não só oportunizar vivências com outros tipos de símbolos ou linguagens como a oralidade, a escrita, o desenho, a dramatização, a música, o toque, a dança, o ritmo e as inúmeras formas de movimentos corporais, como também permitir o reconhecimento, a leitura, a apreciação estética, a discussão e a reflexão sobre as mesmas.

Dessa forma, traremos junto ao desenvolvimento das atividades rítmicas a possibilidade de entendermos a importância que a comunicação

possui nas relações interativas dos indivíduos; pois compreender o quanto as linguagens são fundamentais no processo de desenvolvimento do ser humano e da produção de sua cultura, é ponto de partida para desenvolvermos nossas capacidades de comunicação, já que esta pode ser considerada como o resultado da integração das subjetividades humanas, impulsionado pela interação de símbolos e técnicas e que liga as questões interiores do ser às exteriores.

Levando em consideração a presença da comunicação como elemento relevante nas atividades rítmicas, cabe apontar o quanto esse elemento se liga à produção de signos, símbolos e linguagens que o corpo realiza, uma vez que a linguagem corporal é objeto fundante de tal desenvolvimento.

A comunicação como elemento do conteúdo atividades rítmicas faz sentido quando tratamos das potencialidades que o gesto e o movimento corporal têm no processo de interação entre os indivíduos. Logo, podemos perceber a observação acertada da professora TC quando trata da necessidade das atividades rítmicas abordarem uma linguagem que não é verbal.

De fato, verificamos que à Educação Física cabe, em certa medida, uma ação que propicie a verticalização dos conhecimentos relativos a produção comunicativa do corpo e que em muito, podemos encontrar no desenvolvimento de pesquisas referentes à área denominada de comunicação não-verbal.

Apesar de tal área se posicionar de forma distinta com relação à capacidade que o corpo e seus movimentos têm de propiciarem a interação comunicativa entre os indivíduos, variando assim, de autor para autor, acreditamos que a linha que WATZLAWICK et al. (1967) defende, citado por BITTI & CORTESI (1980) seja a mais plausível, nos permitindo avançar em nossas idéias.

De acordo com os autores, a comunicação é definida como qualquer comportamento que se reproduza em presença de outra pessoa; chegando assim à “inevitabilidade da comunicação” (esp. Inevitabilidad de la comunicación), contradizendo assim, as teorias que afirmam que a intencionalidade é condição imprescindível para a realização da comunicação.

Talvez tal posicionamento ainda seja um tanto quanto extremista, principalmente se pensarmos nos vários momentos em que estamos diante de um processo de interação com outro indivíduo e não conseguimos compreender o que a pessoa tentou nos comunicar. Um exemplo é quando estabelecemos diálogo com um morador de outro país, nesse caso um árabe. Mesmo quando nós dois conseguimos usar uma língua em comum, o inglês, por exemplo, para nos comunicarmos, a proximidade excessiva do árabe pode não ser compreendida por nós, assim como outros gestos que ele venha a realizar. Seus movimentos podem não ser compreendidos, assim como os nossos não o serão por parte dele, pois os repertórios gestuais são baseados em determinações culturais distintas. Dessa forma, podemos dizer que os gestos impressos por ele e por nós, nada comunicaram um ao outro.

Para entendermos melhor a situação, tomemos as idéias que MATTE BLANCO (1968) desenvolve em relação à comunicação. Para o autor, citado por BITTI & CORTESI (1980), toda expressão verbal ou não-verbal é comunicável e portanto, é suscetível de ser convertida em comunicação; é uma comunicabilidade, dirigida ou não dirigida de forma consciente à outra pessoa. Para compreender melhor o termo comunicabilidade, Matte Blanco introduz a noção de inteligibilidade: se uma pessoa expressa algo inteligível com ações ou palavras, a pessoa que se expressa se dirige ao outro que é capaz de entendê-lo.

Levando em consideração tal posicionamento, podemos perceber que nem sempre comunicamos. Se em uma interação entre dois indivíduos um gesto produzido por um deles é desconhecido ao outro, fica evidente que não houve comunicação, apenas um ato expressivo daquele que produziu a ação.

Assim, de maneira indireta, levantamos o significado do elemento expressão dentro de uma relação de interação entre indivíduos. Expressão e comunicação, são, portanto, conceitos que de fato se relacionam, mas que não podem adquirir um valor sinónimo em nossos enunciados se pretendemos desenvolver conhecimentos capazes de possibilitar a re-significação de nossa prática docente com relação ao conteúdo atividades rítmicas.

No caso da consideração de TC com relação à “dançar minimamente” em uma festa, sendo um ato de expressão e comunicação, nos cabe perguntar: essa pessoa que dança se expressa ou se comunica?

Talvez, dançar nesse caso tenha os dois papéis, o de expressar e o de comunicar, mas só poderíamos responder essa questão, com um grau de certeza maior, se entendêssemos as relações intrincadas entre os indivíduos e o ambiente, ou seja, os padrões culturais que têm como base, fator responsável pelo desenvolvimento de suas identidades, seus gestos, seus movimentos, seus corpos.

Dessa forma, só nos basta dizer que sim, concordamos com TC, e que, portanto, às atividades rítmicas cabem proposições no mínimo interessantes, já que podem se debruçar no estudo intenso da produção, reprodução e transformação de nossa cultura corporal; e a nós o intento de fazer com que isso se transforme em um significado real para a Educação Física escolar.

Assim, pudemos perceber que as professoras possuem em suas falas pontos em comum. Para TC e CM, a linguagem, a comunicação e a expressão são elementos importantes a serem desenvolvidos e que os consideram presentes na dança, mas não deixam claro essa ligação com as atividades rítmicas, apesar de entenderem a estreita ligação entre ambas. Ao mesmo tempo TC, AC e CM apresentam idéias que nos indicam um entendimento comum entre os elementos comunicação e expressão, ou seja, não reconhecem a diferença existente entre seus conceitos e possibilidades de reconhecimento.

Por fim, CC em sua fala materializa a dificuldade de desenvolvimento que a Educação Física possui no trato das atividades rítmicas que concebe a presença e a importância da linguagem, da comunicação e da

expressão no processo educacional da área. Se para CC a relação entre esses elementos e as atividades rítmicas “ainda é um nó”, para as outras professoras não parece ser diferente. Assim, precisamos entender quais são as amarras que formam esse nó, para que ele não seja um empecilho no caminho do desenvolvimento e compartilhamento dos conhecimentos do conteúdo, mas sim, de um começo do entrelaçamento dos saberes que se constroem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi a partir da necessidade de melhor compreender as possibilidades da prática docente relacionadas ao conteúdo atividades rítmicas nas aulas de Educação Física escolar, que iniciamos a busca de conhecimentos que pudessem oferecer subsídios para o ensino de tal conteúdo.

O direcionamento do olhar volta-se então, para as produções científicas relacionadas ao tema, fato que nos fez perceber a aridez dos caminhos trilhados pelas atividades rítmicas dentro da Educação Física ao longo de sua história. Logo, tivemos pouco contato com materiais que discutissem e desenvolvessem conceitos e mesmo procedimentos do conteúdo para a Educação Física escolar. Ainda com o intuito de proporcionar um melhor entendimento dos usos e recursos do tema em questão dentro do ambiente escolar, é que nos propusemos a iniciar o trabalho científico aqui desenvolvido.

Assim, o objetivo do presente estudo foi analisar a opinião dos professores universitários que possuem experiência docente na área das

atividades rítmicas, tentando compreender o panorama desse conteúdo dentro da perspectiva da Educação Física na escola. De maneira mais específica, buscou-se realizar aproximações das opiniões desses docentes com as possibilidades pedagógicas das atividades rítmicas nas aulas de Educação Física.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos pela metodologia de natureza qualitativa tendo a entrevista semi-estruturada como referencial na coleta de dados. Logo, contamos com a participação de quatro docentes que foram escolhidos de acordo com suas atuações profissionais, ou seja, que tinham uma ligação próxima ao tema da pesquisa, as atividades rítmicas. Todos os docentes são do sexo feminino e exercem a docência no ensino superior em disciplinas que tratam do conteúdo em questão.

As entrevistas foram realizadas a partir do uso de um roteiro de questões que foram elaboradas com o intuito de nortear o processo de obtenção de informações a respeito do tema.

Após a transcrição das entrevistas e um contato mais cuidadoso com os dados obtidos, pudemos levantar pontos relevantes a respeito das concepções que as docentes possuem das atividades rítmicas. Formulamos a partir desses, quatro categorias de análise: 1) O ritmo; 2) O conteúdo atividades rítmicas; 3) O papel das atividades rítmicas na escola e 4) Elementos das atividades rítmicas: expressão, comunicação e linguagem.

Vale apontar que apesar de não fazermos uma discussão mais aprofundada a respeito do que fora levantado por algumas das questões

presentes no roteiro das entrevistas, principalmente a que diz respeito aos referenciais teóricos sobre as atividades rítmicas utilizados pelas professoras em suas atuações docentes, pudemos perceber a evidente carência de tais produções junto à Educação Física, uma vez que poucas foram as citações realizadas por elas.

Por outro lado, o que nos parece bastante interessante e importante de apontarmos é que seus conhecimentos são advindos substancialmente de suas relações práticas com a docência, ou seja, muitos desses conhecimentos são desenvolvidos de acordo com suas experiências profissionais particulares, o que nos trouxe uma diversidade de entendimentos a respeito das atividades rítmicas bastante rica, possibilitando o confronto e produção de outros olhares para o tema à luz da Educação Física.

Com relação ao ritmo pudemos perceber que as idéias das docentes entrevistadas possuem ênfases diferentes e ainda, em alguns casos, linhas de pensamento distintas. Apesar de reconhecerem a importância do elemento ritmo na Educação Física, fica evidente que existe uma qualificação particular realizada por elas. Para duas das professoras, o ritmo é entendido como um elemento fundamental de ser tratado junto à área, entendendo-o como produto da construção cultural humana e que seu tratamento, portanto, deve ser específico, direcionando-o de maneira clara, trabalhando as questões relativas tanto aos seus procedimentos quanto aos seus conceitos. Além disso, essas mesmas docentes apontam para a possibilidade desse trato com o ritmo não ser reduzido às vivências pautadas nas experimentações meramente

auditivas, ou seja, trabalham a idéia de uma possível sensibilização e desenvolvimento do ritmo por outras vias sensoriais, que não utilizam necessariamente os estímulos sonoros.

Por outro lado, apesar de reconhecerem a importância do ritmo, as duas outras professoras não o entendem como elemento fundamental a ser tratado nas aulas de Educação Física, assim como não enfatizam seu reconhecimento de produto cultural humano. As docentes sugerem a importância de outros elementos como, por exemplo, o “binômio” música e movimento, no caso da professora CC, e as manifestações não-verbais no caso de TC. Logo, o ritmo para ambas não possui a necessidade de ser trabalhado de maneira específica.

Quanto à questão do ritmo, foi possível pensarmos em alguns direcionamentos de trato do mesmo na escola. Se entendemos o ritmo como elemento da produção cultural humana, que se processa, necessariamente, por vias de cunho corporal, assim como nos aponta SCHAFER (2001), seria sensato levantarmos a importância de seu desenvolvimento dentro das aulas de Educação Física escolar, não só em uma perspectiva direcionada e clara, mas em uma direção que leve em consideração vivências de reconhecimento dos mais diversos ritmos existentes em nossos corpos, em nossas instituições, movimentos e situações diárias, como também proporcionar a discussão de seus conceitos, fornecendo a possibilidade não só de reconhecermos novos ritmos como também de criarmos outros possíveis, utilizando todos os sentidos que o corpo oferece.

Assim, entendemos que o ritmo não se configura em um elemento puramente procedimental, que se basta nas inexpressivas e corriqueiras atividades de acompanhamento dos andamentos das músicas, realizadas com um bater de palmas ou com as possíveis variações do movimento da marcha. Entendemo-lo como um elemento capaz de possibilitar o reconhecimento e o conhecimento de diferentes formas de se estar e encarar o mundo, ou seja, de perceber que existem outras ações e outros movimentos junto aos nossos com potencialidades e limites diferentes, e que precisamos entendê-los para juntos nos relacionarmos de maneira harmônica.

Tratando do conteúdo atividades rítmicas, é possível notarmos diante dos posicionamentos das professoras, que existe uma diversidade no entendimento das atividades rítmicas como conteúdo da Educação Física. Percebemos que as tentativas de caracterizações e conceituações do conteúdo não são consensuais. Apesar de encontrarmos elementos interessantes para a construção de um conhecimento a respeito do tema nas falas das professoras, fica evidente a multiplicidade de seus enunciados propostos e estabelecidos para com a área.

De acordo com a maioria das docentes, o conteúdo atividades rítmicas não é vinculado à obrigatoriedade da utilização da música, apesar de reconhecermos que ainda há uma forte tendência de se privilegiar o uso dos estímulos sonoros. As professoras reconhecem ainda a magnitude do conteúdo, entendendo-o como um conteúdo mais abrangente que a dança, incluindo a possibilidade de trato com diversas manifestações da cultura corporal de movimento.

Apesar de trazerem a questão da diversidade de manifestações junto ao desenvolvimento do conteúdo atividades rítmicas na escola, fica claro que existe uma tendência por parte das professoras, que as leva a posicionarem-se favoravelmente ao uso da dança dentro do conteúdo, e ainda alegando que tal manifestação possui um caráter de desenvolvimento de elementos como a comunicação, expressão e as linguagens.

Logo, notamos a falta de convergência entre as idéias que as docentes possuem com relação ao conteúdo atividades rítmicas, que a nosso ver está diretamente ligado à insuficiência de momentos de discussão entre os professores da área, assim como a produção de pesquisas sobre o tema para o desenvolvimento progressivo de um conteúdo que se entende como complexo, devido à estrutura multidisciplinar que o compõe.

Como consequência dessa multiplicidade de entendimentos a respeito do conteúdo, podemos perceber diferentes posicionamentos entre as professoras com relação ao papel das atividades rítmicas na escola. Notamos que para parte das docentes as atividades rítmicas são um meio para se alcançar outros objetivos, que não se encontram diretamente atrelados a ele, mas que constituem um processo de educação voltado para o desenvolvimento do cidadão, nos quais aspectos sócio-culturais são mirados e objetivados durante o processo de trato do conteúdo em questão. Para as outras duas docentes, o conteúdo atividades rítmicas é entendido como um fim nele mesmo, ou seja, as professoras não enfatizam qualquer outro conhecimento que não seja o próprio ritmo e que envolva questões mais abrangentes e ligadas à participação efetiva do cidadão na sociedade.

Apontamos neste momento, que somos favoráveis ao desenvolvimento do conteúdo atividades rítmicas responsável pela compreensão da realidade dos contextos sociais no qual estão inseridos, colaborando com o desenvolvimento das identidades cidadãos dos alunos, possibilitando suas participações nas relações sociais, culturais e políticas de suas vidas.

Nas contribuições das professoras, pudemos notar não só o reconhecimento da diversidade do uso das manifestações da cultura corporal de movimento junto ao trato do conteúdo atividades rítmicas, como também pudemos perceber o destaque de outros elementos de fundamental importância. Foram eles: a expressão, a comunicação e a linguagem.

Apesar desses três elementos serem apontados por maior parte das professoras, fica clara a incipiência da relação dos mesmos com o conteúdo e conseqüentemente com a Educação Física. Notamos isso por dois motivos: o primeiro porque as professoras revelam esses elementos como importantes, mas se dirigem especificamente à dança, apesar de reconhecerem anteriormente que as atividades rítmicas são mais abrangentes que esta última manifestação. Assim, acabam desconsiderando indiretamente a possibilidade de relação com os elementos expressão, comunicação e linguagem. O outro motivo se dá pelo fato de percebermos que não há clareza na diferenciação entre tais elementos e seus conceitos, nem mesmo profundidade em suas discussões, o que dificultou o entendimento das possíveis relações entre eles e as atividades rítmicas.

De qualquer forma, notamos junto ao desenvolvimento dos levantamentos bibliográficos e às contribuições das professoras, que a expressão, a comunicação e a linguagem são, de fato, elementos não só possíveis de serem tratados junto às atividades rítmicas como também necessários, uma vez que pela compreensão dos mesmos é possível criarmos possibilidades de estabelecermos relações de expressão e/ou comunicação com o meio em que estamos inseridos de maneira mais consciente, clara e prazerosa. O fato é que precisamos avançar junto a esses conhecimentos para que clarifiquemos ainda mais suas relações com o conteúdo e mesmo com a Educação Física no intuito de desenvolvermos cada vez mais suas possibilidades dentro do ambiente escolar.

Neste momento, é necessário trazeremos algumas questões pertinentes à reflexão. Podemos perceber que o conteúdo atividades rítmicas, além de ser pouco explorado atualmente como conteúdo na Educação Física escolar, também possui diferentes olhares, que a nosso ver estão ainda muito calcados nos conhecimentos adquiridos com a experiência prática dos professores. Assim, o que acontece é a presença de uma caracterização do conteúdo baseada no saber empírico ou nos conhecimentos de manifestações corporais que possuem um compartilhamento historicamente maior dentro da Educação Física, como por exemplo, a dança ou a ginástica.

Se esperamos que o conteúdo atividades rítmicas esteja presente, de fato, no processo educacional de nossos alunos, e que contribua para o desenvolvimento do processo identitário dos cidadãos, é necessário criar novas possibilidades de reconhecimento e produção de conhecimentos,

trazendo um novo ritmo à Educação Física, que reconhece em si e nos outros corpos da ciência limites e potencialidades, mas que se relacionam, se comunicam e se expressam em prol da produção de uma nova linguagem.

7. REFERÊNCIAS

BERLO, D. K. **O Processo da Comunicação**: introdução à teoria e à prática.

São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BITTI, P. E. R.; CORTESI, S. **Comportamiento no verbal y Comunicación**.

Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980.

BORBA, T., GRAÇA, F. L. **Dicionário de Música**. Lisboa: Edições Cosmos,

1965.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação

Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília,

1998.

_____. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN + Ensino Médio** – Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, 2002.

CAMPELO, C. R. **Cal(e)idoscorpos**: um estudo semiótico do corpo e seus códigos. São Paulo, Annablume, 1996.

COSTA, M. C. C. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DARIDO, S.C. **Educação Física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DAVIS, F. **Comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

DEMO, P. **Princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

GARCIA, O. G. Relato de um projeto de formação do educador na escola pública. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.22, n.2, p. 206-223, jul./dez. 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JOURDAIN, R. **Música, cérebro e êxtase: como a música captura nossa imaginação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

LADEIRA, M. F. T. **Linguagem e suas possibilidades na Educação Física escolar**. 2007. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

LÓPES, M. A. **Movimiento, ritmo e educacion**. Buenos Aires: Tekne, 1977.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. ?-?

NEIRA, M. G. Autonomia na elaboração do currículo escolar: ponto de partida para uma educação cidadã. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, v. 9, n. 1, p. 13-31, jan/jun 2005.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte Editora, 2006.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. **Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1985.

RANGEL-BETTI, I. C. A. **O prazer em aulas de Educação Física Escolar: a perspectiva discente.** 1992. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

SEVCENKO, N. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico: diretrizes para o trabalho científico-didático na universidade.** 5.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

SHAFER, R. M. **A afinação do mundo.** São Paulo: Editora Unesp, 2001.

_____. **O ouvido pensante.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1991.

SILVA, T.T. **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001

SOARES, C. L. et al. (Coletivo de Autores). **Metodologia do ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. L. Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade.

Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 2, p. 6-12, 1996.

SOARES, C. L. **Imagens da Educação no Corpo**: estudo da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUZA JÚNIOR, O. M. de. **Co-educação, futebol e Educação Física Escolar**. 2003. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

TIBEAU, C. C. P. M. Motricidade e música: aspectos relevantes das atividades rítmicas como conteúdo da Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n. 2, p. 53-62, jun. 2006.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VENÂNCIO, L. **O projeto político pedagógico e a Educação Física escolar no processo de construção coletiva.** 2005. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade), Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, M. L. de. **O ritmo na ação do ator**: um fenômeno do espaço. 2005. 167 f. Dissertação (Mestrado em Artes), Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Artes Cênicas, Universidade de São Paulo, 2005.

BETTI, I. & BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.2, n.1, p.10-15, 1996.

CAMARA JR., J. M. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis. Vozes, 1986.

CAZNOK, Y. B. **Música; entre o audível e o visível**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

CITELLI, A. **Comunicação e educação**. A linguagem em movimento. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 115, p. 139-154, março, 2002.

FONTEERRADA, M. T. de O. **De tramas e fios: um ensaio sobre a música e educação**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

JORGETTI, G. S. **A comunicação corporal nas relações interpessoais face a face em organizações**. Dissertação (Mestrado em Artes), Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Artes Cênicas, Universidade de São Paulo, 2005.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

ORTEGA Y GASSET, J. **Obras Completas**. Vol. I e II. Madrid: Revista de Occidente, 1957.

PINTO, K. A. M. **A poética do corpo em movimento: do conhecimento à expressão**. 2002. 163f. Dissertação (Doutorado em Artes), Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Artes Cênicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

RENAUD, C. P. **Linguagem do silêncio**: expressão corporal. São Paulo.

Summus, 1990.

SOUZA, J. (org.). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.

SOUZA JR., O. D. de. A disciplina Rítmica no processo de formação dos alunos do curso de Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – ano I, número I, p. 47-63, 2002.

ZAMPRONHA, M. de L. S. **Da música**: seus usos e recursos. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

ABSTRACT

During the past history of physical education, rhythmic activities played a relevant roll in the individual educational process development however, social, cultural and political reasons left besides the promotional of such activities and it started to lose its part in the schools agenda. Nowadays, it is possible to verify the importance of such content in some documents that suggest alternatives for the education of the Physical Education in the school. The objective of this study was to analyze the opinion of college professor that had previous experience in the area, trying to understand the view of this content in schools Physical Education activities. To be more specific, the study tried to bring together the opinion of those professors and schools pedagogical alternatives regarding the roll rhythmic activities should play in physical education activities. The methodology used to achieve such objective includes the use of qualitative research having half-structuralized interview as referential in the data collection process. The study had the contribution of four university professors that had previous experienced in the discipline. During the period of bibliographical survey and interviews, it was clear that the content of rhythmic activities is conceived with different emphases along with to the Physical Education and it works mainly, to the production of the knowledge historically shared in association with this area, like dance, not to mention the practical knowledge that the professors produce in its pedagogical action. Thus, it's understandable that the content of rhythmic activities not only needs to be extended as well a deep and caution care must be take considering the potential of its possibilities and responsibilities for the citizen's education process.

KEY WORDS: School Physical Education, Rhythmic Activities, Rhythm, Communication Skills, Expression, Language.

ANEXO - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1

27/06/06

Professora CM

Qual a disciplina que você ministra na graduação?

Atividades rítmicas e dança

Sobre quais temas você vem pesquisando atualmente?

Atualmente, bom, a minha linha de pesquisa é estados emocionais e movimento, né? E a gente sempre coloca a música no meio, né? Justamente porque a gente trabalha com ela o tempo inteiro. Então seja na atividade rítmica, seja na dança seja na dança de salão, seja na ginástica rítmica, seja na ginástica feminina... (risos), a gente está sempre com acompanhamento musical. Então a gente sempre coloca música no meio e como eu e a Silvia

dividimos a disciplina de dança de salão, a gente faz meio que um contraponto mesmo, né, então, a gente está dividindo aí na nossa trajetória de pesquisa os ritmos, que são típicos da dança de salão; ela pesquisa na dança de salão e eu pesquiso na dança livre, os mesmos ritmos pra gente ver se a modalidade aí, altera alguma coisa diferente, entendeu? Então é nessa linha que a gente está fazendo a pesquisa e vinculados sempre com os estados emocionais.

Como é você entende as atividades rítmicas na Educação Física?

Eu acho que ela é fundamental, primordial e indispensável. Fundamental porque ela é a base de tudo...., do ritmo que está em tudo que você vai fazer na Educação Física, pra não dizer na vida...(risos). Mas vamos ficar meio restritos ao professor de Educação Física. E assim, não é que as pessoas a hora que chegam no curso de Educação Física não têm ritmo ou fazem as coisas sem ritmo, não, porque senão elas nem chegariam, né? Mas é trazer a consciência a isso. E isso dá a devida relevância. Então quando você estuda, por exemplo, controle motor você vai ver todo o aspecto temporal do movimento e do controle desse movimento também, né? E isso em alto-nível até você precisa de algum olhar técnico pra poder induzir, mas no dia-a-dia isso também acontece e você vai dominando, não é? e você vai se tornando expert naquilo; e paralelo à esse timing correto de todo o movimento você tem toda a economia da energia. Então quanto mais você treina o seu corpo, mais

hábil ele fica no controle dessas duas coisas e no encaixe perfeito dessas duas coisas, não é?

Então na rítmica, o que eu pretendo mostrar é exatamente o componente rítmico de tudo aquilo que você faz, o como que você pode trabalhar isso e ainda melhorar suas condições. Então não é porque tem dança na disciplina que eu vou aplicar só na dança, não, na parte de ritmo é geral.

É pensando o ritmo como algo maior do que a música, é o ritmo posto dentro das condições de vida?

Sim, sim, de tudo. Eu até desafio os meninos, e falo: me encontra alguma coisa que não tem ritmo, né, porque eu acredito que não tenha, mesmo aquilo que seja estático, que não tenha o componente de movimento assim declarado, você percebe ritmo.

Fisicamente tem uma frequência...

Exato, então tem que estudar isso também...(risos)

E pensando na escola, qual é o papel dessas atividades rítmicas na escola?

Eu acho que deveria de ser também dever, né? Claro, acho que toda a atividade física e se ela for variada ela vai indiretamente melhorar o

componente rítmico também, porque vai trabalhar, claro; não tem como dissociar, né? Mas se tivesse algo mais específico, voltado realmente para isso, seria melhor. Agora aqui eu acho que cabe um comentário, eu já vi muito trabalho de atividade rítmica em curso superior levado para as atividades folclóricas e infantis, né? Porque eles atrelam muito esse estudo do ritmo com brincadeiras infantis, com cantigas, com brinquedos cantados, com essa coisa. Eu coloco isso também na disciplina porque eu acho que é aí que você vai ter instrumento para trabalhar com a criança, mas não porque eu acho que tenha que só partindo daí é que você trabalha a rítmica, não. Com adulto você pode fazer um trabalho...adulto, você não precisa voltar lá para as cantigas infantis para você fazer isso, né? Agora com criança não, você tem que ir lá. Então para mim, quando você fica restrito só a esse conteúdo infantil, você não está trabalhando ritmo, você está trabalhando a Educação Física infantil...(risos)

Com alguns componentes da rítmica....

Isso, né?

Não especificamente o ritmo....?

Sim

Faz uso dele para...

É óbvio que essas atividades infantis todas elas têm, assim, ritmo (estalar de dedos) bem, bem, característico, bem marcado e que nada mais é também do que respeitar a natureza infantil, a criança se expressa muito bem ritmicamente. E todas as brincadeiras, todas as canções infantis, eu acho que espelham bem, né, essa característica da criança, mas não necessariamente você precisa fazer uso só desse material para trabalhar.

Mesmo porque existem outros...

Nossa! E assim, eu acho que o brasileiro, né, o acervo que o brasileiro tem disso é assim, imenso, riquíssimo, de altíssima qualidade, não precisa buscar em lugar nenhum. Agora, quando eu trago todas as brincadeiras rítmicas infantis para dentro da disciplina, eu faço mais no sentido de resgatar a identidade raiz. Então o adulto vai buscar aquilo que ele brincou, aquilo que ele fez, né, porque isso faz sentido para ele.

E será que isso não tem uma relação com....faz parte desse conteúdo rítmico, porém de uma maneira um pouco mais conceitual, será que não dá para pensar desse jeito? Como é que você vê isso?

O que?

Quando você faz esse resgate, das brincadeiras rítmicas de determinadas regiões e tudo mais, será que não é trabalhar a atividade

rítmica mas trabalhar com o conteúdo um pouco mais ligado a essa parte conceitual, de “oh, esse ritmo é assim, assim....

Sim, sim. Porque na minha disciplina uma coisa na contra-corrente, o que eu trabalho muito é exatamente a dança. A dança para aquele que não dança e aquele que não gosta de dança, dançar é algo que ele não aceita, mas o conceito que ele tem de dança é aquele ícone de bailarina e não de dança que todo mundo dança, né? Que é uma manifestação humana, ele não leva para esse lado, então ele trabalha na contra-corrente mesmo, né? Então quando eu começo resgatando alguma coisa dele, da identidade dele, aí eu começo a quebrar os escudos (risos), e eu começo a entrar realmente, e aí sim eu posso falar, posso trazer toda a parte conceitual, posso trazer tudo isso, que aí evolui.

Então, meio que indo nessa linha, meu que já falando até, qual a diferenciação que você faz entre as atividades rítmicas e a dança, especificamente?

Bom, a dança eu levo mais para o lado de uma atividade artística, considero como artístico, não é porque está na Educação Física que eu levo ela só como uma atividade a mais para conseguir alguma qualidade ou uma capacidade, não! Eu acho que é arte, a dança é arte, né? E ela tem uma linguagem própria e ela é linguagem, no sentido em que através da dança você se comunica. Quando eu trabalho com a rítmica, tentando isolar, mas ela está

muito dentro também da dança, mas quando eu falo dela isolada, eu trago principalmente como componente de tudo, da dança, do futebol, do teclado de um computador, de escovar o dente, de.....(risos), entendeu? Então ela é um componente que está presente em tudo aí na sua vida.

Você acha que é possível pensar no conteúdo só de atividades rítmicas?

Ritmo, uhh, claro, claro.

Não atrelada a dança?

Sim, e as 60 horas.....

...não vão dar conta mesmo.

Não mesmo (risos)

Quais referenciais teóricos ou publicações te ajudam a pensar as questões a respeito das atividades rítmicas na Educação Física?

Bom, eu acho que a base, querendo ou não, é Dalcroze;

Dalcroze?

É, ele que iniciou a história toda. Agora, é claro eu vou muito para a música mesmo, vou buscar lá na música toda a parte teórica mesmo, eu vou atrás deles, de toda a base de teoria musical. E um outro pesquisador que eu gosto muito é o freisse, não é uma linguagem fácil, não é um texto que eu coloco na mão de aluno, porque não tem condição, mesmo para pós-graduandos ele é difícil. Ele é da psicologia e ele trabalha com o ritmo, principalmente com ritmo. Gosto bastante dele.

Viés psicológico?

Sim, o livro dele que a gente mais consulta é A psicologia do ritmo, mas não é bio-ritmo, não. Ritmo, ritmo mesmo, né. Então ele vai estudar como é que você percebe o ritmo, como é que você reproduz o ritmo e entra em detalhes, assim técnicos, que você precisa entender de teoria musical para poder entender para onde ele vai.

E especificamente na Educação Física escolar?

Então, eu pego material de dois livros que eu acho que eles tem, assim, eles trazem atividades bastante variadas e bastante amplas, eles cobrem bem as características do Brasil. Um é sobre parlendas e o outro sobre canções infantis brasileiras, então, eles trazem a letra, trazem a partitura e muito resumidamente como se brinca. Então, as vezes é uma roda, as vezes é

uma outra formação e tal, mas eles trazem isso. Então assim, como texto que tenha conceituação, que tenha teoria, que tenha alguma coisa, ele não serve também, ele só me serve para trazer essa partitura corretamente, porque eu por exemplo, alguma coisa de ouvido passar para a partitura eu não sei, eu não domino isso, mas ler uma partitura e destrinchar uma partitura pronta, aí pode deixar comigo (risos). Então, eu uso bastante esse material nesse sentido.

Agora, livros tem da Gandara, tem atividades rítmicas, principalmente para crianças, mas eu não consigo usar como livro texto. Eu vou para outros caminhos, eu não consigo ficar ali, eu até, assim, me classifico meio rebelde (risos). Não consigo acompanhar uma coisa fechada, eu sou muito de chegar em sala de aula com meu plano de aula e observar os alunos e as vezes, só o bom dia que sai igual ao plano de aula, o resto eu mudo tudo ali na hora conforme o que eu percebo que precisa, entendeu? Vou embora...então, é difícil eu me amarrar em um método prontinho, fechadinho assim, isso é muito difícil (risos).

Como é que você acha que tem sido trabalhado os aspectos das atividades rítmicas na formação inicial de professores, de maneira geral?

De maneira geral, olha, eu só conheço uma disciplina de atividades rítmicas em curso de Educação Física. Para mim, deveria de ter pelo menos alguma coisa em todas as licenciaturas, com predominância na pedagogia e principalmente quando trata da educação infantil. Eu acho que deveria ter

bastante, porque uma das coisas que me intriga é porque que lá na escola, mesmo o meu professor de Educação Física não trabalha atividade rítmica ou não trabalha a dança. E as respostas mais freqüentes são: “eu não domino”. Mas nos cursos superiores, não tem formação para isso também, né? Então, quando você vê alguém aplicando, alguém fazendo uso disso, ele tem paralelo ao curso superior, ou um curso de música ou um curso de dança. Então a formação auxilia, e porque é que no curso que forma professor não tem?

E como é que você vê, porque por exemplo, aqui onde nós estamos e em grande parte dos cursos de Educação Física existe a disciplina, né?

Sim

Como é que você encara essas disciplinas?

Olha, eu acho que assim, não é que eu acho que a rítmica tenha que ser do primeiro ao quarto ano, também eu acho que é muita utopia, mas assim, no primeiro ano a gente dá uma pequena base, dá uma cutucada; depois eles vão para a ginástica rítmica, onde tem mais uma complementação; depois eles vão para uma dança de salão que também vai puxar outra vez esse componente, claro, aí mais aplicado aquela atividade mas não deixa de trabalhar e resgata os mesmos conceitos que estavam lá atrás. Só que por exemplo, no nosso currículo a característica é que você vai escolhendo, então

é capaz de alguém passar sem ter vivenciado tudo isso, né? Então, eu acho que o ideal deveria de ter uma grade tal que propiciasse esse resgate até o final.

Eu já inclusive conversei, a turma do quarto ano lembra aquilo que eu dei? Se eu pegar um aluno no quarto ano, ele vai dizer que não e se eu perguntar de um conceito que eu dei, ele vai falar que nunca viu. Quando ele sai e vai para o campo de trabalho, ele volta (risos) e aí ele me pergunta exatamente daquele conceito, mas não com a mesma atitude do quarto ano, ele não fala “não você não deu”, “você deu, mas como é que eu faço para ir além disso?”, entendeu? Aí então ele lembra, mas ele já está em outra situação e já está fora daqui.

Mas isso é difícil de acontecer?

Não, não.

Então isso mostra que de certa forma o curso dá uma cutucada e mostra que tem coisa e que dá para fazer?

Dá, dá.

E o pessoal tá fazendo?

Sim, eu já tive inclusive ex-alunos que vieram e fizeram a disciplina outra vez, porque já faz com outro olhar também, ele capta coisas que ali no momento que ele estava passando pela disciplina, entrou mais pelo lado da farra, pelo lado prazer e não se deu muita conta, né?

Tenho muitas voltas por aí, e isso para mim é muito gratificante porque mostra que o trabalho não é em vão, né?

O que seria fundamental os alunos e alunas aprenderem sobre atividades rítmicas na escola?

Eu acho que é um..... Se eu conseguisse dar oportunidade a eles de experimentarem vários ritmos com manifestações das mais variadas, eu acho que já está ótimo. Então eu não poderia por exemplo, se ele se identifica com esses grupos, então sair fora do grupo significa ficar afastado, ficar mesmo de lado e ele não se admite isso. Então, se o grupo por exemplo dança funk, mesmo que ele odeie funk, ele passa a dançar funk e só funk e não quer mais nada. Então, se você entra para trabalhar com ele nesse momento, você tem que respeitar isso primeiro para depois apresentar um outro universo para ele. Então você tem que ser muito delicado, e você tem que levar o grupo, não pode levar um só, porque senão você está mexendo com as relações sociais aí, né? Você tem que levar o grupo inteiro. Na criança menor, a abertura é muito grande, mas eles também têm um repertório característico, se você mantiver só nesse repertório, eu acho que é negativo; mas você começar com esse repertório é positivo, e aí você amplia. Então, se a turminha curte samba,

claro você vai começar com samba, mas isso não quer dizer que você não possa levar um Tchaikovski, você não possa levar uma música chinesa, você pode levar o que você quiser, e você deve porque eles vão apresentar características, qualidades rítmicas e melódicas completamente diferentes e eu acho que a criança tem que passar por isso. E se manifestar das diversas formas possíveis, então ou com ginástica, ou com os jogos, ou com dança, ou com brincadeira, ou com canto, com o que for. Mas ela se adaptar, se adequar, ela perceber esse ritmo e depois ela se engajar nesse ritmo é a formação que ela precisa.

Entrevista 2

11/07/06

Professora TC

Qual a disciplina que você ministra na graduação?

É, metodologia das atividades rítmicas, folclóricas e de dança, tem esse título e essa disciplina tem tanto na licenciatura quanto no bacharelado, enfoques diferenciados, né? Uma claro, licenciatura pensando as atividades rítmicas para o contexto da Educação Física escolar e no bacharelado pensando nas atividades rítmicas de atuação de um profissional de Educação Física que não vai atuar na escola. Aí tem metodologia da Educação Física no ensino infantil, metodologia da Educação Física no ensino fundamental

também que envolve todas as práticas corporais, digamos assim né, inclusive as atividades rítmicas. Já trabalhei também com Filosofia da corporeidade, Didática, ahh, tem mais algumas, aí tudo bem se eu não elencar todas, porque eu acho que essas tem mais a ver mesmo com as atividades rítmicas.

Tá, e sobre quais temas você vem pesquisando atualmente?

As atividades rítmicas, né, minha linha de pesquisa é dança-educação, pensando as atividades rítmicas e expressivas na escola, mais especificamente a dança na escola, essa é a linha de pesquisa que eu venho me aprofundando nos meus estudos tanto na linha acadêmica quanto com cursos extra linha acadêmica; na verdade como a vida toda (risos) em atividades rítmicas e expressivas; de alguma forma eu estou atrelada as atividades rítmicas e expressivas, hora na performance, né, hora dança espetáculo, hora dança palco (risos), técnicas específicas, hora a dança educação mas dentro da vida universitária, da vida acadêmica, os meus estudos vêm se aprofundando na dança-educação.

Como é você entende as atividades rítmicas na Educação Física?

Bom, por primeiro eu entendo atividades rítmicas e expressivas como algo que precisa ser, ... uma linguagem que não é verbal, que precisa ser comunicada, que ela tem que ser..., é..., trata da expressividade, expressar, comunicar, trabalhar com os aspectos estéticos, ou seja, sensibilizar-se para,

né, para isso, sensibilizar-se de corpo inteiro, então, eu procuro trabalhar com os elementos inerentes às atividades rítmicas e expressivas é..., aqueles elementos que estão em qualquer tipo de atividades rítmicas e expressivas independente de estilo, de tipo, né, então, acredito que se nós pegarmos a estrutura coreológica ou as qualidades do movimento expressivo em si, espaço, forma, tempo, a energia, então, são elementos que existem dentro de qualquer uma das atividades rítmicas e expressivas, então, eu busco trabalhar isso por primeiro..., e isso tanto na escola com os alunos de ensino fundamental, né, quanto na graduação, né, quais são os elementos da dança, então, isso por primeiro para depois desenvolver o ritmo propriamente dito, trabalhar a questão do ritmo, trabalhar a questão da criatividade, ou a questão da improvisação, contato-improvisação, de criação coreográfica, então eu entendo que por primeiro é importante verificar assim, olha, eu, meu corpo, qual espaço que eu ocupo, qual o espaço do outro, eu e o outro, eu no espaço, o que é que eu posso fazer com o meu corpo, essa coisa de exploração corporal, né, então de experimentação, de proporcionar diversas vivências possíveis por primeiro, começar a entender, né, com música ou sem música, como outros elementos, com outros instrumentos, no silêncio, ouvindo o som do pássaro, sei lá, enfim, então conhecer-se através da manifestação não-verbal por primeiro, acho que é mais ou menos isso. Você pode retomar a pergunta para ver se eu respondi?

Como é você entende as atividades rítmicas na Educação Física?

Então eu entendo que tudo isso pode estar direcionando ou proporcionando um maior conhecimento corporal e um conhecimento até mesmo si, né, então não simplesmente mais uma prática corporal, mas ampliar os conhecimentos da pessoa, do outro, ela com o outro e porque também não mais uma prática corporal, né, para ela tentar se inserir, se inserir onde?, se inserir na danceteria, se inserir no meio social mesmo, né, é que nem a historinha do “para que aprender vôlei na escola?”, ué, um dia você tá na praia e seu amigo te chama para jogar, vai, você aprende na aula de Educação Física minimamente a jogar vôlei, então eu entendo que as atividades rítmicas e expressivas, no mínimo, na menor das hipóteses, uma delas seria essa, tô na danceteria, eu sei dançar, “eu fiz isso na escola”; tô em uma festa, eu sei dançar minimamente, né, então isso é uma forma de expressão, de comunicação, de se sentir bem ou não, aí vai, cada um de seu jeito. Além de todos os aspectos bio-psico-fisiológicos que ela traz também, mas acho que por primeiro isso.

E qual o papel dessas atividades rítmicas dentro da escola?

O papel das atividades rítmicas e expressivas dentro da escola? Acho que um pouco eu respondi nessa primeira. Eu acho que é de formar, né, pessoas inteiras, eu penso nisso, de formar pessoas inteiras, pessoas que sabem se comunicar, se expressar, não através do verbo simplesmente, ou da escrita, mas através do gesto corporal, do gesto, qual gesto?, daquele que tem uma técnica específica, ou não, do gesto espontâneo, através da sua própria

criatividade, manifestação, enfim. E aí depende também, porque na escola, você pode trilhar caminhos, né, olha esse ano eu quero que tenha esse objetivo, para aquela série eu quero que tenha um outro papel, então de repente você pode na quinta série dizer assim, “olha, o papel das atividades rítmicas e expressivas na quinta série é ampliar o conhecimento sobre as atividades, as manifestações rítmicas e expressivas ditas folclóricas, por exemplo. Então, para eles realmente conhecerem, vivenciarem, praticarem e valorizarem de certa forma, né, quer dizer, gostando ou não mas entender que tem o seu valor e conseguir apreciar, coisas assim; de repente no ensino médio já tem um outro papel, o papel de conhecer-se através das atividades rítmicas e expressivas...., é assim que você está chamando? Rítmicas e expressivas?

Só rítmicas.

Só rítmicas, né? Então, eu acho que o papel vai de acordo com o que o professor designar para determinada faixa etária, né?

Qual a diferenciação que você faz entre as atividades rítmicas e a dança?

Bom, as atividades rítmicas, ela tem tudo, eu entendo que uma brincadeira de pular corda é uma atividade rítmica, quicar a bola no chão num jogo de basquetebol não deixa de ser uma atividade rítmica, né; os brinquedos

cantados, né, as brincadeiras infantis, muitas delas, de bater palminha um com o outro e outro com um, um por baixo, outro por cima, eu não acho que seja uma dança mas é uma atividade rítmica. Mas a dança tem elementos da atividade rítmica e ela tem outros elementos também, até formar uma coreografia em si, aquela que tem a função de realmente expressar, de realmente comunicar uma idéia, um sentimento um fato, um desejo, então eu acho que a dança vai além, né; as atividades rítmicas elas podem ficar no acontecimento pelo acontecimento, sei lá, quase sempre uma forma de brincar por brincar, de..., eu não sei se dá para..., tem alguns elementos diferentes eu acho, a dança e as atividades rítmicas. Eu penso que, se você me perguntar quais são os elementos da dança, eu vou dizer, bom, tem toda a estrutura, né, coreológica, qualidades do movimento expressivo, mais o ritmo, que também está no outro mas também tem a questão dos elementos estéticos, da criatividade, da improvisação, e eu acho que as atividades rítmicas elas não vão, não chegam a tanto, né; elas simplesmente param na estrutura, não vai além, eu vejo assim por enquanto, eu ainda estou estudando a esse respeito. Também quero mais respostas.

Quais referenciais teóricos ou publicações te ajudam a pensar as questões a respeito das atividades rítmicas na Educação Física?

Bom, na verdade, eu acho que tudo que eu li até hoje, cada coisinha que eu vou encontrando, cada autor, cada publicação, me acrescenta um pouquinho, não é, então é difícil você falar assim, ah, é esse ou aquele, porque

eu tô pesquisando, eu tô tentando ampliar isso. Então eu acho que tudo o que eu fiz, tudo que eu li até hoje, que eu estudei de alguma forma me ajudou, mas não tenho como não citar Jordain, né, um autor que na verdade ele estuda a música, e ele, eu acredito que foi um dos que mais se aprofundou na questão das atividades rítmicas, no ritmo, mas ele se utiliza principalmente da música, cérebro, tanto é que o livro é.....

Música, cérebro e extasy, né?

É! Então eu acho que ele cai numa riqueza muito grande de informações, que vale a pena estudar bastante e vai talvez mudando alguns conceitos. É, tem um outro..., é..., são duas autoras, Gisele....posso pegar aqui?

Lógico

Artacho e Monteiro, Gisele Monteiro e não sei o que Artacho, que também me ajudam bastante a esclarecer a questão do ritmo, das atividades rítmicas em si. Esses pensando nas atividade rítmicas pura e simplesmente, mas também tem outros estudiosos que estão envolvidos mais com a dança, com a questão da expressividade e que não deixam de abordar, né, as questões das atividades rítmicas e do ritmo também, como a Isabel Marques, que eu comentei com você ainda pouco, que ela entra um pouquinho no próprio Laban, que estuda o movimento expressivo em si e ele acaba entrando

um pouco nas questões de ritmo. É..., tem um professor da Unicamp, aquele professor Adilson Nascimento, que ele, assim, na verdade ele não fala do ritmo, das atividades rítmicas, ele fala muito mais das questões de expressividade de dança enfim, né, mas a maioria dos trabalhos que ele orienta, ele acaba dando uma brecha, né, para as pessoas se afunilarem nessa assunto também, então eu considero seus trabalhos como colando aquela pulguinha atrás da orelha, para a gente raciocinar e pensar assim? Mas sinceramente, eu ainda acho que tem muitas lacunas, né, nessas questões de atividades rítmicas dessa separação, o que que é atividade rítmica, o que é que é dança, é separado ou não, é separada assim, são conceitos bastante diferenciados ou não, será que os autores já estão, os estudiosos já estão cientes do que que é um, do que que é outro, e será que um e outro são coisas diferentes mesmo? Então eu não vou saber te responder, ah não, são coisas completamente diferentes, ou então, não, não são. A única coisa que eu tenho certeza é que as atividades rítmicas estão dentro da dança (risos), isso eu tenho certeza absoluta, agora o contrário eu não acho, entendeu, não necessariamente, eu acho que vai além. É mais ou menos isso.

E especificamente na Educação Física escolar, existe algum referencial teórico ou publicação que te ajuda a pensar?

Na Educação Física escolar, atualmente, é... a Isabel Marques ela vem pensando a questão da dança dentro da escola, então não especificamente na Educação Física, ponto final. Outra pessoa, Márcia

Estrazacapa, acho que é assim que se diz; ela junto com a Carla Morandi, né, também está pensando nas...é..., na dança especificamente na escola, porque na escola? Porque a gente sabe também que é conteúdo de Arte, né, a dança. Então, elas acabam fazendo um..., tentando fazer uma relação, oh, a Educação Física isso, a Arte aquilo, o que que podem trabalhar juntas, o que que elas tem de afinidade, né, o que elas tem de comum, é... e o que poderia ser feito. Então elas estão pensando dessa forma, mas eu sinceramente, que pensa especificamente as atividades rítmicas na Educação Física Escolar eu desconheço, quem aborda especificamente esse assunto, também estou caçando, mas desconheço. Eu estou me atrevendo, na verdade a pensar isso, a escrever algumas coisas, mas ainda está muito primitivo.

Como é que você acha que tem sido trabalhado esses aspectos das atividades rítmicas na formação inicial de professores?

Superficial.

Superficial?

Até por conta de alguns cursos de pós-graduação que eu tenho..., que tive a oportunidade de estar com essa disciplina, de formação continuada, e os professores reclamam, sentem muito a ausência dessa disciplina, especificamente, nos cursos de formação inicial. E na.., e trabalhando na graduação, quando os alunos chegam para essa disciplina, então aqueles que

tem conhecimento, são aqueles que tiveram conhecimento extra-escolar, fora as escola, na escola eles nem imaginam que eles vão ter que trabalhar com isso, ou eles acham que vão reproduzir coreografias prontas, vão ter que saber a quadrilha, aquela quadrilha e ponto. Tudo é muito novo, cheio de tabus, cheio de preconceitos, aquela história de que dançar ainda pensa-se assim, que dançar é mais para mulher do que para homem, então ainda tem muito disso. É assim que eu estou percebendo, está bem superficial mesmo. E também tenho percebido algumas instituições de ensino superior que trabalham com essa disciplina com sapatilhas nos pés, então falam, oh, para a minha aula você tem que vir de meia-calça, sapatilha, colan, e os homens assim, assim, assado, e existe isso, e não são poucas, por incrível que pareça (risos). Então eu acredito que acaba sendo é..., estudar técnicas específicas de dança na formação inicial, agora onde você vai aplicar isso na Educação Física escolar, eu não sei (risos) , eu até hoje, não tenho tanta experiência assim, né, no ensino fundamental, médio, mas eu nunca consegui trabalhar o ballet clássico ou o jazz ou o sapateado ou dança contemporânea; ainda não cheguei nisso, e porque não também, né, quem sabe? (risos) mas nem as outras coisas todas que eu acredito que deva ser desenvolvido no ensino fundamental e ensino médio eu não dei conta, que dirá chegar numa técnica específica (risos). Então, mas eu estou trabalhando dessa forma que eu expliquei assim (risos).

O que seria fundamental os alunos e alunas aprenderem sobre atividades rítmicas na escola?

Conhecer os elementos da dança, eu acredito que é...., desinibir-se por primeiro para dar conta de se explorar, explorar quais são as possibilidades de movimentação corporal dentro das atividades rítmicas, dentro dos ritmos diversos e variados, entendendo o seu corpo no espaço que ele ocupa, no tempo, que formas ele pode fazer com o seu próprio corpo, então é, como fazer, o que fazer, e que momento fazer e qual a intensidade disso, então, praticamente, se ele fizer isso, puxa, que máximo, acho que é importante isso, conhecer o máximo possível do que existe das atividades rítmicas, ah...., conhecer e vivenciar também, né, para que ele possa um dia chegar a apreciar.

Mas sempre meio que ligado à dança?

(pensou) Ou jogos, ou brincadeiras, ou outras manifestações que ele possa desenvolver com o seu corpo, não necessariamente uma dança coreografada, não é? Mas você pode brincar, com as atividades rítmicas, com palmas, com os pés, com o canto, não é?, nesse sentido, também. Ou como eu já comentei anteriormente, pode desenvolver atividades rítmicas, que naquele momento vai estar brincando, né, com aquilo, uma curtição digamos assim, mas que aquilo possa auxiliá-lo também, sei lá, em um esporte que ele pratica ou outras manifestações corporais. Sem contar com os aspectos bio-psico-fisiológicos, que sabemos que são muitos.

Entrevista 3**18/07/06****Professora CC****Qual a disciplina que você ministra na graduação?**

Bom, hoje, há quatro anos, é..., as disciplinas que dizem respeito a Filosofia, Sociologia e histórias da Educação e da Educação Física, Didática e os projetos de trabalho de conclusão de curso. Antes, eu sempre trabalhei durante a maior parte de minha vida com ginástica rítmica, atividades rítmicas e didática, eu sempre fui ligada a área da ginástica e da dança, mais ligada a área da ginástica e da dança que foi que fez a minha carreira toda foi a ginástica rítmica.

E... sobre quais temas você vem pesquisando atualmente?

É..., vamos falar sobre quais temas eu tenho lido mais ultimamente, tá, porque produzir pesquisa em uma universidade particular quando é trabalho é uma coisa mais complicada. Formação de professores, a ginástica, né, mais não a ginástica no aspecto técnico, então agora por exemplo, eu estou reescrevendo um artigo sobre metodologias de ensino em ginástica, e..., ultimamente com esse trabalho de TCC de uma aluna minha, sobre as

atividades rítmicas como conteúdo das aulas de Educação Física; e também a Educação Física no ensino médio.

É o que vem lendo?

É o que venho lendo, escrevendo algum artigo, oriento trabalho, mais na área pedagógica mesmo.

Como é você entende as atividades rítmicas na Educação Física?

Fala mais especificamente...o que é que você quer saber? O que eu colocaria como conteúdo das atividades rítmicas?

O que é que você..., como é que você entende mesmo, como é que você vê as atividades rítmicas na Educação Física?

Qualquer, toda e qualquer ação do ser humano que esteja ligada a sua motricidade com algum tipo de estímulo sonoro, seja ele só rítmico, seja ele musicado. Então, por exemplo, eu acho, eu considero a capoeira também uma atividade rítmica, porque a capoeira só existe como movimento corporal e ritmo ou canto, né, essa história de ficar fazendo capoeira sem a batida rítmica, perde um pouco do significado da capoeira. A dança é uma outra atividade que você tem o movimento corporal, quer dizer, o homem inteiro usando a sua motricidade, tendo como estímulo também a música. As ginásticas,

principalmente a ginástica rítmica, porque a ginástica olímpica você tem a utilização da música no solo e nos outros aparelhos não; na ginástica rítmica não, você tem a música é o que forma a tríade da ginástica rítmica, o movimento corporal, material e música, os três M's. O que mais? As brincadeiras cantadas, aonde existe movimento consciente com significado e eu preciso da música. Eu acho que para generalizar, o que tem música e movimento é das atividades rítmicas e isso enquanto usando motricidade do ser humano é da Educação Física ou pode ser usado na Educação Física, porque a Educação Física não é dona da coisa, mas ela pode ser usada.

E qual o papel dessas atividades rítmicas dentro da escola?

Tudo o que você for ler sobre educação, desde aí do século XVII, mas até antes se você quiser voltar na história, liga a educação ao conhecimento, ao movimento e à música. Então, se você pegar na Grécia, você tinha toda aquela história da música; se você pega os grandes pedagogos que falam sobre a educação, desde São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, você vai ver que a música está sempre presente em algum lugar, então não tem como, né? Se você pegar a nossa LDB ou pegar os Parâmetros Curriculares ou qualquer coisa assim, você vai ver que existe uma importância assumida do movimento ou das atividades físicas e também da música, fora as disciplinas de Português, Matemática e etc, etc. Tá bom, então aí eu só vou contar uma historinha rapidinha.

Quando eu fui fazer o meu curso de doutorado isso para mim era uma coisa muito óbvia, né, a música e o movimento são importantes para a educação integral do indivíduo. E aí eu estou escutando a minha professora, mais, mais, mais, mais, mais, falar também sobre a importância disso, eu estava fazendo o doutorado na Psicologia da Educação, não tinha nada a ver com a Educação Física, é isso mesmo, ah porque e eu também esqueci de falar que eu também sou musicista, eu toquei piano minha vida inteira... nossa é isso mesmo, a minha formação está super adequada para esse discurso todo, e aí na mesma época eu vi essa mesma professora fazer parte de uma comissão que tirava essas coisas do ensino fundamental e do ensino médio, quer dizer, não precisa da Educação Física e de Arte, vamos reforçar outra coisa. Então espera aí, no papel pode e na prática não, no papel ela é importante, essas coisas são importantes mas na prática não, então quem é que vai trabalhar com isso? Bom, e aí dá uma pirada na sua cabeça, porque você fala assim, bom, mas eu tenho uma professora máximo, que vem e fala isso, mas na hora que ela vai para o MEC ela tira, ela deixa tirar isso, ou deixa ser ameaçado, né, isso. E..., mas eu acredito em uma educação globalizadora que envolva tanto os conhecimentos, e veja bem, quando a gente fala isso, esse é um discurso didático meio furado, Que englobe os aspectos cognitivos, motores e sócio-afetivos, espera aí, é uma coisa só, porque quando você está trabalhando, eu acredito, que quando você está trabalhando com as atividades físicas, existe um componente cognitivo forte e existe um componente sócio-afetivo forte também, da mesma forma que quando você está trabalhando com a música seja ela só ouvida ou cantada, ou acompanhada do movimento você

tem um componente motor, um componente cognitivo, um componente sócio-afetivo agindo ao mesmo tempo, talvez um pouquinho mais um componente do que o outro mas os três estão presentes aí. E porque que isso é importante? Olha, eu vou falar pelo rasante, porque ele ,é altamente motivador. Imagina o que o movimento é motivador para a criança aprender, o que a música é motivadora para a criança aprender. Até hoje, né, não sei se você passou por isso, mas aquela coisa de, como é que a gente descobre que os meses do ano tem trinta ou trinta e um dias, a gente usa o movimento e a musiquinha, né? É que são as duas coisas que afetam a sua memória, e mesmo que depois de adulto que você já sabe quais os meses que tem, você continua cantando a musiquinha, porque aquilo te traz uma lembrança prazerosa e é motivador ou em último caso, ele acessa a tua memória. Mas eu acho que iria, sem me alongar muito, pela coisa do prazer, ele é importante porque dá prazer, tudo que a gente aprende com prazer a gente guarda, fica, eu falo que entre no nosso corpo, fica impregnado, fica marcado..., as coisas boas e as coisas ruins, não tiro as coisas ruins também não. Aquela música ou aquele movimento que te traz uma sensação super desagradável, tudo bem, né..., eu iria mais pela coisa do prazer mesmo.

Eu acho que está faltando na nossa escola, e eu vejo pelos meus alunos, essa coisa da cultura, de saber apreciar um quadro, de saber escutar uma melodia, entender a melodia e apreciar, eu gosto ou não gosto, não é porque eu gosto porque toca dez vezes na rádio durante o dia todo e fica aquele bate-estaca na tua orelha, não, eu gosto porque eu consigo perceber os diferentes instrumentos, tem uma letra bonita que me traz um..., né, aí eu

olho um quadro, essa coisa da educação estética, que se você for entrar aí na filosofia você vai ver um pouquinho, né, a educação estética é a educação que a gente recebe ou não recebe mais, mas de parar e olhar para um quadro ou assistir um espetáculo de dança e sair do espetáculo com algum movimento gravado na sua cabeça porque aquilo te agradou. E eu acho que isso os meus alunos, hoje em dia, os meus alunos da graduação eles..., passa batido, né, então a gente se pergunta o que é que te chama atenção nisso, ele conseguiu ver todo mas ele não se apegou a nenhum detalhe, porque ele só viu ele não observou. Por isso eu acho que está faltando, pode condenar o meu tipo de educação que eu tive na minha época, da cartilha do be-á-bá, do canto orfeônico e da ginástica rítmica, balancear e circundução e coisa e tal, isso pode ser condenado hoje mas isso ficou de uma certa forma; talvez eu tenha tido sorte de ter professores que testaram essa coisa da poesia, de saber escutar uma poesia, fazer com que a poesia te leve, faça uma conexão, transcenda, com aquela coisa que tem na tua vida, aqui fora. Acho que está faltando isso para a escola, a escola está muito preocupada em colocar o aluno na universidade; coloca, mal, porque ele chega vazio. Então, aquela coisa que você fala assim, vai ver tal coisa..., ah, pra que? Pra ver, pra conhecer, não é, para perceber alguma coisa diferente; eu acho que isso reflete quando o aluno vai para a universidade, ele chega meio vazio e vazio de tudo mesmo, porque aquilo que se pretendia que era o reforço nessas áreas de conhecimento que são mais tradicionais, ele também não vem. E eu acho que não tem porque está faltando essas outras coisas que efetivamente ajudariam a agregar todo esse conhecimento, não sei....

Poderiam ser trabalhadas juntas, todas juntas...

Deveriam, não é que poderiam, deveriam.

Qual a diferenciação que você faz entre as atividades rítmicas e a dança?

Uai!!, acho que pelo o que eu respondi eu não faço diferença nenhuma. Espera aí, a gente tem que falar qual é a dança que a gente está falando, eu estou falando da dança de uma forma geral...

Então, da dança...

Não aquela coisa técnico-artística. Não, se eu conceituo atividade rítmica como tudo aquilo que existe onde existe movimento e estímulo sonoro (pensando)..., a dança é parte disso. Eu acho que eu coloco as atividades rítmicas em um contexto mais geral e dentro desse saco das atividades rítmicas eu coloco outras coisas, eu coloco a dança, eu coloco a capoeira, eu coloco a ginástica, eu coloco as rodas cantadas, as danças circulares, e aí vai...; e dança no sentido assim, bem amplo mesmo, tudo, tudo que envolve música e movimento. (Cara de reprovação pelo que havia falado)

Não, é para falar mesmo. Na verdade não é nem para ser pensado isso, é para pensar agora mesmo...

É, inclusive eu tenho algumas coisas que eu falo pouco, mas é da questão da expressão e da forma de comunicação, que eu acho que é mais favorecida nas atividades rítmicas por exemplo, do que no esporte em si, né, no jogo, porque o jogo ele é prazeroso, é...., eu estou inteira no jogo mas a minha preocupação é outra, não é, pode ser até competir mas jogar por prazer também e outras coisas; no esporte eu tenho aquela obediência as regras, também é prazeroso, mas nas atividades rítmicas eu acho que o ser humano ele está mais é.... completo lá dentro, não sei ainda é um nó, mas eu acho que existe uma diferença muito grande. Eu acho que com as atividades rítmicas o ser humano é tocado, se eu pudesse falar assim, tocado em todas as suas, em todos os seus aspectos, por exemplo e emocional, no esporte tem, também tem o emocional mas me parece que esse emocional ele é mais focado com a questão da vitória, da derrota, da felicidade ou da infelicidade, nas atividades rítmicas eu acho que outras emoções permeiam, uma quantidade muito maior de emoções permeia aquilo. A questão da afetividade, né, o que é que quando você está numa atividade rítmica, existem muito mais coisas que te afetam, não é, isso é a questão do sócio-afetivo.

Eu estou pensando algumas coisas e depois eu até queria conversar. Daí agora que você falou, parece que existem coisas que tem uma diferença no objetivo talvez, mas depois a gente conversa.

Bom, quais referenciais teóricos ou publicações te ajudam a pensar as questões a respeito das atividades rítmicas na Educação Física?

Oh, depende, até um certo tempo eu andava, acho que como vocês andam agora, buscando a palavra ritmo, buscando a palavra atividades rítmicas, a expressão, buscando a expressão Educação Física, até que eu parei porque não sei, eu já tinha lido muita coisa e parece que as coisas se repetiam, né, a gente tem um conteúdo teórico, aí muito pequeno em relação a isso e aí eu comecei a abrir um..., a não procurar essas palavras mas a procurar relações que pudessem existir em qualquer leitura, por isso que eu digo vai ler Kapra, ah, Kapra, o Kapra tem uma parte do... acho que é O ponto de mutação, que ele fala sobre o ritmo, aí você fala assim, o que é que esse cara ta falando sobre música, sobre ritmo no meio do livro dele sobre ponto de mutação? O cara falou em física quântica e agora ele está falando em música e movimento, olha só que piração...mas quando você começa a ler, você pensa, espera aí, essa é a questão da transdisciplinaridade que a gente está buscando, né, o cara que fala da física quântica e está falando de música; o cara que está falando sobre..., outro é o... não sei falar o nome dele, foi um livro que a Tati me emprestou, Psicologia da felicidade, do Mihale, eu só falo o final do nome dele. É... e aí de repente o cara começa a falar da música, ele começa a falar do movimento mas de uma forma sutil, não está escrito Educação Física e atividades rítmicas. Então eu comecei a procurar em outras

coisas assim, na Filosofia, na Sociologia, quando você lê alguma coisa na sociologia que faz com que você faça a ponte entre o assunto que você quer.

E especificamente na Educação Física escolar, existe algum referencial teórico ou publicação que te ajuda a pensar?

Eu acho que existe pouco, e isso, eu não sei se isso é um fator que colabora, né, eu digo para os meus alunos. Quando eu dou aula de didática, à aula de didática é uma coisa assim, é operacional, o aluno tem que fazer um plano de aula, ele tem que saber construir um objetivo, escolher um conteúdo, uma metodologia de ensino e saber avaliar. E aí na hora da escolha de conteúdos, eu falo para os meus alunos: “busca coisa diferente”, porque pagar faculdade e colocar no conteúdo só aquelas coisas que vocês aprenderam ou que está aí, futebol, basquete, vôlei e handebol, você não precisa pagar a faculdade, a gente faz isso, qualquer pessoa colocaria isso no conteúdo. Então eu tento estimular os meus alunos a criarem atividades diferentes que possam fazer parte dos conteúdos, né, e que me ajudem a alcançar os objetivos que eu tenho para os meus alunos. Então, eu percebo que muitas vezes eles se esforçam e vão lá e bolam uma atividade ou que tem ritmo, ou utiliza música e consegue separar, visualizar o que é conteúdo procedimental, o que que é atitudinal, o que que é conceitual, nós estamos na sala de aula, então é bárbaro e as vezes a gente vibra, “pô que idéia legal!” e tal, e aí quando eles saem da minha aula, eles têm a aula de metodologia, eu não sei como chama..., Metodologia e Prática de ensino, ou qualquer coisa do gênero, onde

eles deveriam pegar isso aqui que eles operacionalizaram no plano de ensino, no plano de aula e colocar na prática, porque muitas vezes a idéia aqui é boa mas na hora que a gente coloca na prática precisa fazer adaptações precisa fazer arranjos, ou a gente vê que ela é bárbara, que é tão legal, ou que realmente ela não serve, então vamos deixar ela de lado. E quando eles vão para a prática, eu não sei se por medo ou por vergonha, não sei porque eles vão lá e utilizam o basquete o vôlei, o handebol e o futebol. E aí você fala assim, “pô, pera aí...”. Então eu já fui questionar alguns alunos meus dizendo: “porque é que você não levou aquela atividade que o grupo planejou em sala de aula e que nós achamos legal?”, quer dizer, é a única chance que você tem, aqui na academia, de ver se aquilo que você pensou dá certo, se ela é motivante, se precisa fazer acerto... Uma das coisas que eles me dizem: “é porque você Cynthia, aceita esse tipo de coisa nova, aquele professor não aceita”. Então também existe um tabu dentro da própria academia, dentro da própria universidade, dos professores formadores dos profissionais de Educação Física, que meio que desvalorizam as atividades rítmicas, e eu fico muito brava com isso, “isso daí é um recreativo”, você tira o valor da recreação e você tira o valor das atividades rítmicas, não é? Então o que é que é sério? “Isso é só uma brincadeira”, como é só uma brincadeira? Existe um preconceito dentro da área, dentro da própria universidade e existe um preconceito que é um preconceito nosso, né, os meninos jogam futebol e as meninas dançam, isso ainda existe e nós estamos falando de 2006, o rapaz que dança “uhmm, não sei não?” e a menina que joga futebol “uhmm, não sei não!”. E o outro preconceito que vem da própria escola e dos pais, “mas

espera aí, meu filho vai ter aula de dança?”, “mas espera aí, meu filho vai ter aula de ginástica rítmica?”, quer dizer, o nome da coisa já é preconceituoso, “ginástica rítmica é das meninas”, quem falou isso, quem é que escreveu essa grande bobagem? Dança é das meninas, nós temos muito...., como é que eu poderia expressar isso sem não ser também preconceituosa, bailarinos fantásticos que dão de dez a zero nas bailarinas e não temos isso? Homens que dançam dança de salão ou mesmo dança folclórica que são muito mais expressivos do que as mulheres e eu não estou colocando em jogo aqui a questão da opção sexual, não tem nada a ver com a opção sexual, ele pode ser heterossexual, ser um excelente bailarino, excelente condutor na dança de salão e que não tem nada a ver com a opção sexual dele, mas a gente ainda tem esses preconceitos. E outra coisa, e eu acho que eu já estou falando demais e eu vou parar, é a questão da criatividade, quando você propõe atividades rítmicas você não pode ser diretivo, porque senão você não consegue trabalhar, você não consegue atingir os seus objetivos educacionais, e o aluno tem que ser o centro mesmo de tudo isso. Então a questão de criar, inventar, fazer as coisas diferentes, é o estímulo que o professor dá e o aluno faz, só que isso eu acho que eu já escrevi na minha tese de doutorado também, as aulas de Educação Física, elas são muito transparentes, você não está na sala de aula fechada com os teus alunos, o diretor passa, o outro professor passa, e quando eles vêm uma atividade rítmica, por exemplo que envolve criatividade, a criatividade não permite o silêncio, ou não é que ela não permite, ela não é uma coisa silenciosa principalmente quando você trabalha em grupo, né? Eu estou colocando minhas idéias, eu estou tentando aceitar as

suas, e isso é tumultuado, não existe a ordem unida que pode existir em um outro tipo de aula. Então quando eu estou dando..., eu estou trabalhando com atividades rítmicas com os meus alunos, é que isso envolve muito movimento, que envolve conversa, que envolve negociação e passa o diretor pela quadra, o que é que ele vai falar...”nossa, coitada dessa professora, ela não tem domínio da classe”, ao passo que se ele passa na aula de qualquer outro esporte e que o professor colocou os alunos em colunas e fileiras para fazer a bandeja, né, uma fileira aqui faz a bandeja e o outro passa..., é uma ordem, aí ele fala..., o aluno está lá repetindo o movimento, automatizando o movimento, não está criando nada, aí o diretor para e fala: “Esse professor é bom pra caramba! Oh como ele tem domínio da classe”. Então, eu acho que o professor que é mal preparado ele não consegue responder para esse diretor “não, pêra aí, o que eu estou fazendo nessa bagunça que você está vendo aqui, que é o caos, vai resultar num produto que é dos alunos e não meu ou do livrinho de regras do esporte”. Então eu acho que essas coisas que eu te falei, o preconceito na universidade, o preconceito do aluno, o preconceito da escola e essa questão de que você trabalha com a criatividade e o aluno vem com aquilo que ele fez, que é novo para ele mas não para você, você tem que aceitar e incentivar, que a criatividade é dele, não sua. E é muito difícil trabalhar com isso, não é verdade? Eu acho extremamente prazeroso, mas eu entendo que quem não tem um pouco de vivência ou quem não valoriza isso, tem uma dificuldade enorme de trabalhar, “como é que aquele meu aluno está fazendo o movimento errado?”, porque ele está fazendo o movimento errado, qual é o erro do movimento dele? Se ele está criando, se ele está fantasiando,

se ele está buscando, mas ele está tendo uma riqueza muito maior naquele momento, mas não é fácil ver isso, você precisa desenvolver, precisa ter uma sensibilidade para perceber que aquilo é legal para ele naquele momento e na vida futura; com isso ele consegue transcender, ele consegue aplicar isso na vida lá fora.

Não me dá muita trela porque eu sou danada para falar, me corte por favor.

Imagina, pode falar....

Como é que você acha que tem sido trabalhado esses aspectos das atividades rítmicas na formação inicial de professores?

Não está mais, eles estão cada vez mais tirando, tirando as disciplinas que poderiam trabalhar com atividades rítmicas, eu lembro que quando eu comecei a dar aula na universidade, você tinha a ginástica olímpica, que de certa forma também trabalhava também alguma coisa das atividades rítmicas, os alunos tinham a disciplina de ginástica rítmica, que na época era GRD, os alunos ainda tinham uma aula de ginástica feminina...ginástica geral, que era o tipo de ginástica que se usava nas academias e que se usam nas academias que também envolviam música; e ainda tinha uma outra disciplina chamada atividades rítmicas e uma outra chamada dança. Então você tinha o aluno três ou quatro anos na universidade, onde ele tinha no mínimo cinco disciplinas que de uma certa forma trabalhavam com o tema de atividades rítmicas. O que é

que foi acontecendo, principalmente agora com essa confusão toda da reforma universitária, que a gente não consegue se situar muito bem, a ginástica por exemplo, nas duas universidades que eu trabalhei nesses últimos anos, elas foram reunidas em uma só, em ginástica geral, e o professor formador de profissionais da Educação Física, ele tem que trabalhar com todas as possibilidades da ginástica naquela aula. Aí você tinha uma outra disciplina que era Atividade rítmicas, e que ela não..., ela sumiu da universidade que eu dou aula, ela simplesmente desapareceu, mas então quem é que vai trabalhar com isso? Os professores de ginástica eles não dão conta, e é assim, um ano, durante um ano ele tem que esgotar tudo aquilo. O que é que acaba prevalecendo? Os esportes coletivos, que tem uma carga horária muito maior, aquele aluno ou aquele..., o futuro profissional da Educação Física que aqui já tinha uma formação debilitada nisso, porque vem de um ensino médio e fundamental que abandonou esse tipo de coisa, aí é que ele tem pouco conteúdo para trabalhar mesmo. Então vai diminuindo cada vez mais, apesar de ser um curso de licenciatura, a gente ainda tem a predominância aí dos esportes coletivos. (silêncio)

É meio desanimador porque..., por mais que você incentive o seu aluno, futuro profissional a trabalhar com esse tipo de coisa, ele acaba tendo uma, como é que fala?, uma base muito deficiente para trabalhar com isso na escola e por outro lado ele não quer mais trabalhar na escola, ele quer trabalhar na academia, quer trabalhar no clube, não tem mais aquela vontade de ser professor, eu acho meio desanimador. Culpa de quem? Eu não tenho a menor idéia, acho que talvez até culpa nossa de não ter sido um pouco mais...,

atuante nessa área e de dizer “não”, de levantar a bandeira mesmo e “Espera aí, olha o que vocês estão tirando!”. Mas eu te falo, tem todo um referencial teórico que valoriza isso e ainda não consegue colocar isso na prática. Triste... tem jeito de reverter, por isso que eu te falo, quando um ou dois alunos resolvem trabalhar com isso, a gente fala “Ebaaa!!!”, tá bom demais.

Tá, e por último, o que seria fundamental os alunos e alunas aprenderem sobre atividades rítmicas na escola?

De quem você está falando, do aluno do ensino fundamental ou do médio?

Do aluno da escola, não da universidade...

O que seria fundamental?

Sim, o que seria fundamental...

(Longo silêncio)

Nossa, que perguntinha cabeluda! Tem tanta coisa! (silêncio)

Deixa eu ver se eu consigo esquematizar um pouco melhor a minha resposta. O que é que seria importante?

É importante ele aprender tudo aquilo que ele vai levar para a vida prática dele, que tivesse uma justificativa social, então por exemplo, ele

aprende nas atividades rítmicas a seguir um ritmo externo, não é isso, quer dizer, eu tenho o meu ritmo próprio mas eu aprendo nas atividades rítmicas à respeitar o ritmo externo ou do meu parceiro ou da música ou das batidas rítmicas de um instrumento. O que é que isso transcende, o que é que isso me permite levar para a minha vida lá fora? (silêncio)

Nossa, um monte de coisa... inclusive a respeitar o outro, né, que é respeitar o ritmo do outro, a seguir algumas coisas que são postas, e não estou falando da obediência, mas da mesma forma que eu sigo, que eu consigo me adaptar a um ritmo musical, eu consigo me adaptar com mais facilidade ao mundo que está lá fora. Acho que é isso, eu consigo me adaptar..., nas aulas de atividades rítmicas eu consigo adaptar o meu movimento à, por exemplo, à valsa, ao samba, porque eu escuto diferentes estilos musicais; eu consigo adaptar esse meu movimento, o meu ritmo interno à isso. Eu acredito que isso facilita a vida dele no mundo, onde ele vai ter que se adaptar à diferentes situações que mudam a toda hora. Fora isso, se eu trabalho com o outro, eu acabo adquirindo um respeito pelo ritmo do outro, ou por aquilo que o outro pode fazer ou não dentro daquele contexto da dança, da capoeira, das atividades rítmicas. O que mais?

Se for uma coisa muito bem feita, eu aprendo a reconhecer e a compreender a música, a valorizar aquilo que é hoje e aquilo que já passou, né, porque eu conheço, eu aumento a minha cultura em relação à música e movimento e se eu consigo melhorar a minha cultura, eu consigo transcender também, porque lá fora no mundo eu vou conseguir valorizar coisas que são

importantes para a humanidade. Nossa, eu estou filosofando agora! Não, você está me fazendo pensar de uma forma diferente, então vamos lá.

O que mais que eu posso aprender? (silêncio)

Essa coisa do apreciar, não só do valorizar mas o apreciar, da educação estética. Onde é que eu tinha isso da educação estética? Quem fala isso é o Vigotsky, eu acho, depois eu posso te procurar e dar. Saber apreciar o meu movimento, saber apreciar o seu, e apreciar nos dois sentidos, do gostar e do não gostar. Saber apreciar a música, saber apreciar a arte, saber apreciar a dança, mesmo que eu não consiga fazer. Então não gosto de maracatu, porque você não gosta? Porque o que eu vejo não me agrada, mas eu gosto de frevo. E aí tem o componente emocional, né, porque o frevo atinge as minhas emoções, me afeta. Não sei mas eu acho que a gente aprende um montão de coisas que ficam sedimentadas, não está escrito aqui “Olha, eu aprendi isso com as atividades rítmicas”, fica sedimentado e você utiliza isso de alguma forma. (silêncio)

Em determinado momento...

Em determinado momento aquilo aflora, né, aflora porque veio daquela educação rítmica que você teve. Legal isso!

E é engraçado como o processo de educação é assim, né? Porque por exemplo, outro dia eu estava pensando exatamente nisso que você está falando. Eu pouco me lembro da minha vida escolar, pouco me lembro da aula

em si, agora é engraçado como quando o ambiente pede alguma coisa eu consigo lhe dar bem com a situação e eu só consigo lhe dar bem com isso porque foi trabalhado lá atrás questões e tal que eu não lembro, entendeu? Eu não me lembro que eu aprendi isso na aula de matemática, de português, de história, enfim... mas está lá dentro, você acabou meio que pegando para você e colando...

Então, mas tudo que teve sentido e dignificado para você, ele aflora muito mais rápido, né? E geralmente aquelas coisas que mexem mais com, ou que te afetam mais, e volta na questão da afetividade, então aquelas coisas que mexeram com as tuas emoções ou com o teu corpo, do que com matemática, história, geografia, que sempre partiu do macro para entender o que é que era o mundo para chegar no micro.

Eu acho isso, a gente acaba desprezando essas coisas que são legais, que são..., você só vai valorizar depois, quando você não tem. Eu acho que quem valoriza muito essa questão das atividades rítmicas é porque teve uma formação é..., eu não digo nem na escola, mas também fora, na família que incentivava esse tipo de coisa. Eu percebo os alunos..., em alguns alunos que são mais reticentes com essa questão do movimento, que são preconceituosos em relação ao movimento e a música, se a gente conversa, vai conversando com eles em volta aí fora, essas pessoas foram pouco estimuladas a esse tipo de coisa na família e na escola. Na escola a gente já sabe que foi pouco mesmo, né, mas que foram pouco estimuladas em casa, na própria comunidade e tudo mais.

E por isso é importante estar na escola...?

De estar na escola! Porque você garante pelo menos que na educação formal, aquilo aconteça, mesmo que isso não ocorra na educação informal lá em casa, isso vai acontecer na educação formal.

Então eu acho que hoje, a escola, e com isso eu acabo finalizando senão acabo tomando muito o seu tempo, eu acho que hoje a escola ela está muito mais preocupada na formação do aluno para o vestibular, né, a escola de ensino fundamental e médio e não a educação para a vida. Ele precisa aprender as coisas que vão cair no vestibular, depois que se dane, ele que se vire depois! E tem poucas escolas que realmente se preocupam em educar para a vida. Se ele vai ou não entrar na universidade seguinte que ele terminar o terceiro ano do ensino médio, pouco importa, né, mais um ano, ele aprende outras coisas. Mas a preocupação é muito grande, então passa-se por cima de uma série de coisas. Então se você vê..., como é que a gente vê isso, vê pelas provas de vestibular. O que é que essas provas estão perguntando? Você fala assim, “bom, o cara que passou no vestibular da universidade mais importante do país ele vai ser um aluno na graduação ex-ce-len-te!”, porque ele vem com um nível de conhecimento altíssimo não é verdade?

Eu digo que uma das melhores alunas que eu tive, aliás, o melhor grupo de alunos que eu tive foram os alunos..., quando eu trabalhava ainda, que hoje é a Unisa, que antigamente era a Osec, e que eles vinham de uma escola antroposófica, que é a Waldorf. E nessa escola antroposófica, tem um

incentivo muito grande à eurtmia, as atividades físicas, mas não esportivas, eles trabalham muito essa parte das atividades rítmicas, a música, a dança, o teatro. Então muitas vezes são alunos que não vão passar no vestibular, muitas vezes não, eles não vão passar e eles sabem disso, mas que têm uma formação para a vida que é fantástica. Eu acho que tive três ou quatro alunos na Osec que eram de babar, o cara, as meninas discutirem, opinarem ou o nível de criatividade delas era umas coisa completamente diferente; eram alunas de tirar dez? Não, e também não era isso que estavam procurando, mas como elas conseguiam aplicar isso na vida, como elas trouxeram os conhecimentos delas da escola para dentro da minha aula. E dizia “Eba, quero seus alunos, todos aqueles...(risos) quero trabalhar lá. E é uma coisa muito legal, porque são pessoas felizes, de bem com a vida. Se entrou na faculdade ou não, na melhor, não precisa...para que é que precisa entrar na melhor universidade? A gente ainda tá preso a todas essas coisas, assim. Então já que eu não posso pretender entrar na melhor universidade, eu vou ser a melhor pessoa possível, porque sendo a melhor pessoa, eu sou o melhor profissional, o melhor pai, a melhor mãe, e essas coisas.

E eu acho que a gente poderia trabalhar muito melhor com isso.

Entrevista 4

19/07/06

Professora AC

Qual a disciplina que você ministra na graduação?

Eu ministro Atividades rítmicas e dança, mas eu estou começando agora com essa disciplina, há uns dois meses, que a professora entrou..., saiu na verdade e eu peguei. Voltada assim para essa área eu só administrei Dança educacional, mas há algum tempo atrás, há uns três anos atrás. E a disciplina Ginástica rítmica e Ginástica artística.

Tá, e sobre quais temas você vem pesquisando atualmente?

Atualmente..., atualmente mesmo, eu estou, assim, quase que parada em termos assim de pesquisa, assim. Estou mesmo só dando aula, mas eu vejo..., fico bem nessa área mesmo da ginástica, né, o que está acontecendo ultimamente, mas na pesquisa... E estava trabalhando, na verdade, mas era um paralelo, né, que como o meu trabalho foi com produtor de dança, com dança para transtornos mentais, eu estava trabalhando com um projeto de Alzheimer e re-atividade física, mas é paralelo.

Como é você entende as atividades rítmicas na Educação Física?

As atividades rítmicas na Educação Física?

É.

Bom, eu entendo trabalhando as atividades rítmicas, né, conteúdo de ritmo mesmo é..., junto com o movimento. Na verdade, quando a gente..., na dança propriamente dá para trabalhar bastante as atividades rítmicas, jogos e brincadeiras, mas eu acho que todos os outros esportes a gente vai trabalhando, dá para incluir aí algumas atividades rítmicas voltadas para determinado esporte. Não sei se deu para entender assim, tipo se for o basquete, as passadas é..., os três passos do basquete, eu vou falar do esporte, dá para a gente estar fazendo um jogo ou trabalhando aquele ritmo, aquela atividade rítmica, que é para depois estar trabalhando com esse passo do basquete. Então eu vejo por aí, e claro, bem mais dentro do conteúdo da dança e também de jogos e brincadeiras aí, com as atividades rítmicas; mas não sei se é isso que você está me perguntando...

É..., é o como você entende as atividades rítmicas na Educação Física, o que é que ela trata, como é que é esse conteúdo...

É assim, ela trata mais de atividades que tem que desenvolver o ritmo, né, essa percepção de ritmo aí na criançada. Eu acho assim, todas as atividades, dependendo..., qualquer esporte que você trabalhar, mas que você tenha claro que você vai estar desenvolvendo o ritmo, para mim é isso quando eu estou falando de atividade rítmicas. (silêncio)

Tá, e qual o papel dessas mesmas atividades rítmicas dentro da escola?

Qual o papel dessas atividades rítmicas dentro da escola, no que elas estariam ajudando, auxiliando, ou não?

É, o que é que ela trabalharia, qual o papel dela, qual a função desse conteúdo atividades rítmicas dentro da escola?

(Silêncio)

Para mim, a função desse conteúdo é..., que é um conteúdo da..., na verdade é um conteúdo da Educação Física, mas propriamente dito, tem umas outras disciplinas, eu acho, de arte que também trabalham muito as atividades rítmicas mas é um conteúdo importante da Educação Física que vai trabalhar o desenvolvimento, né, das capacidades de ritmo da criançada, que é uma capacidade física importante, então, que as vezes, muitas vezes é deixada de lado, por professores, por falta de experiência ou alguma coisa assim. Então eu acho que como conteúdo da Educação Física..., a importância desse conteúdo é para estar passando essa capacidade física.

É, qual a diferenciação que você faz entre as atividades rítmicas e a dança?

Atividades rítmicas e a dança?

É..., a dança eu trabalharia mais..., eu trabalho mais com estilos próprios mesmo de dança, né, danças circulares, ou mesmo dança contemporânea, ou mesmo dança-educação, né? Na verdade eu estou trabalhando vários estilos de dança, né, e de movimento com música, na verdade sempre que eu trabalho a dança eu trabalho com música e os vários estilos dela própria. As atividades rítmicas eu posso estar trabalhando com jogos, com brincadeiras, posso também trabalhar um estilo de dança e estar pedindo a percepção rítmica, posso trabalhar com música dentro do ritmo, posso trabalhar sem música e estar trabalhando com outras partes do corpo, posso estar trabalhando com instrumentos, instrumentos musicais, instrumentos improvisados, né? Então todas essas eu faço, eu levo para o lado das atividades rítmicas.

Então você diferencia, na sua opinião existe uma diferença entre a dança e as atividades rítmicas?

Existe, existe uma diferença. É que essas disciplinas, as vezes na graduação sempre elas estão juntas, quando eu falei que nem dança educacional, era dança mesmo, a disciplina chamava Dança educacional e as vezes você dava uma coisinha de ritmo voltado mais para a dança, a dança de salão sempre envolvido a música ali e...e..., é e os estilos..., tinha sempre música, não dissociava. Agora, nessa disciplina, que eu comecei até pouco tempo, meus alunos até um dia falaram: “ah, eu gosto mais quando tá...eu gosto mais quando é essa aula”, aí eu voltei nessa questão e até falei para

eles: “pessoal, como chama a disciplina?” Aí eles: “Atividades rítmicas e dança”. Então, eu quero dar algumas atividades rítmicas que vocês possam entender e trabalhar o ritmo, a capacidade física ritmo é..., diferente da dança. Então quando eu dou algumas atividades eles põe mesmo, eu lembro que não tinha música e era para eles estarem usando o andar, o andar, simplesmente eu dava uns comandos: “ande dessa forma, ande daquela, todo mundo no mesmo...”, um começava a andar e todo mundo tinha que seguir, seguir aquela mesma passada, né. Então eles falaram: “ahh, essas aulas não tem muita dança”, então eu falei: “eu estou trabalhando outra coisa, eu estou trabalhando atividades rítmicas, to percebendo o ritmo aí no espaço, ou então com palmas, com palmas, ou batidas do coração”. Eu faço essa diferenciação, no meu modo de ver tem essa diferenciação, né, da dança e da atividade rítmica.

Quais referenciais teóricos ou publicações te ajudam a pensar as questões a respeito das atividades rítmicas na Educação Física?

Oh, é..., vamos voltar... Na verdade, quase não tem mesmo, não lembro de ter dissociado assim só algo das atividades rítmicas, os referenciais teóricos eu tenho quase mais na dança e aí é que vem um pouquinho das atividades rítmicas, né, poucos materiais. Tem a Nany que trabalha..., Nany...deixa eu ver o primeiro nome..., trabalha algumas coisas das atividades rítmicas, mas sempre está junto com a dança, danças e atividades rítmicas. Não lembro de ter visto um referencial só de atividades rítmicas, o conteúdo. Mas eu é..., trago de referencial, muitas coisas que eu tive na graduação,

coisas da dança, assim, e de alguns congressos que eu fiz, mas ultimamente assim, que é da Deise, que é um..., uma instituição na verdade, internacional, que trabalha muito isso, com dança, com essas atividades todas, mas específico assim só de atividades rítmicas....

E que eventualmente te ajudam a pensar, que não necessariamente esteja ligado as atividades rítmicas propriamente dita?

Qual seria a pergunta anterior?

Então, que referenciais te ajudam?

Que referenciais me ajudam a pensar?

É.

Ah, eu acho que as próprias aulas mesmo, de graduação, acho que é um conteúdo bem...é..., um campo de pesquisa bem vasto. Na verdade eu costumo fazer no final assim da disciplina, os alunos têm que entregar algumas tarefas assim, e montar algum estilo de dança, e aí eles tem um material, eu dou algumas tarefas que eles têm que descrever sobre isso, e aí fica um material..., bastante vasto; eu até quis já fazer uma pesquisa com eles, eu tenho sempre guardado porque, assim, eles têm que me entregar individual e aí eu jogo um pouco dessas questões do que viram em aula, de como

apresentaram, porque muitos alunos vêm e eles pegam esse conteúdo que aprendem na disciplina e já estão dando aula e tem estágio e aplicam lá com as crianças, depois vêm falar, então a gente pega tudo isso e discussão assim..., mesmo o que está dando certo. O que eu já fiz muito foi isso mesmo, assim, eu acho que o que eu tenho mais de referencial. E tem um outro referencial que eu, assim, voltei..., quando eu fui dar essa aula aí de Atividades rítmicas, que eu fui convidada a dar essa aula, pegar essa disciplina mesmo, aí eu lembrei e falei assim: “nossa, deixa eu...eu fiz atividades rítmicas e dança, no meu primeiro ano. Nossa, eu vou voltar!”, eu fui lá mesmo na aula da Catia, para dar uma olhadinha, para seguir, né, para ver de novo, peguei as estratégias mesmo de ensino, estratégias novas, que pode estar sendo utilizada, então eu voltei também para a universidade, é bem isso, assim, voltou para a universidade, foi ver a disciplina, foi ver o que estava sendo feito de novo, o que mudou, então é bem por aí. Porque eu estava dando outras disciplinas e então acabava vendo só as coisas daquela disciplina.

E especificamente na Educação Física escolar, existe algum referencial teórico ou publicação que te ajuda a pensar?

Olha, livros?

É...

Olha eu tenho livros novíssimos na verdade que também já vi..., era o da Suraya mesmo, que está escrito, que tem um artigo lá, né, de atividades na escola. Tem um outro também que..., mas é um outro autor que eu até tenho o livro aí, depois te mostro mas que ele também fala..., mas é um artigo um pouquinho mais..., curto, mas também fala de atividades expressivas, mas é só um artigo aí, na escola. E... como é mesmo a pergunta?

Quais referenciais teóricos ou publicações te ajudam a pensar especificamente as atividades rítmicas na Educação física escolar?

Não, foi outra pergunta.

Não, na escolar... antes era só na Educação Física e agora é só na escolar.

Ah, na Educação Física escolar... então é isso mesmo... (silêncio), é isso.

Como é que você acha que tem sido trabalhado esses aspectos das atividades rítmicas na formação inicial de professores?

Na formação inicial de professores?

É...

(Silêncio)

É..., que estão na graduação ainda, você quer dizer?

Sim.

Eu acho que não está muito diferente não de quando eu fiz, uma disciplina que é dada no começo da formação...(silêncio) e..., depois deve ter algum aprofundamento assim, mas são poucos os que voltam para fazer e o que eu sei é..., estava tendo uns cursos, mas aí é..., não está especificando na formação do professor, mas do professor qualquer?

Para professores de Educação Física, a formação inicial na graduação, como é que é? Como é que te sido trabalhada?

É, eu acho que tem sido trabalhada mesmo as disciplinas de um ano, um semestre, dependendo aí da faculdade, e algumas disciplinas tem só mesmo esse nome, aí só tem a dança, trabalha mais a dança e inclui mas não fala um pouquinho dessas atividades expressivas e tem a disciplina que tem atividades expressivas e dança; mas eu não sei se todos, alguns alunos eu tinha, eu tive contato com alguns alunos que não tinha essa diferenciação mesmo e até estavam perguntando..., a disciplina tinha esse conteúdo, aliás, até essa que eu peguei mesmo, ela tinha esse nome acho que por isso que os

alunos estavam estranhando mas era trabalhado basicamente dança mesmo, só dança, né. Então não trabalhava as atividades rítmicas. Então eu acho que está assim, meio..., não está bem esclarecido, fica meio confuso, né, as disciplinas, uma porque só tem um nome e outra tem dois nomes mas só trabalha um dos conteúdos, né, e não tem nenhuma, deixa eu ver falei que nenhuma....agora eu não sei, eu não conheço se tem separado atividades expressivas...é rítmicas e dança; não sei se você conseguiu ver, se alguém falou que tenha alguma disciplina que só se chama atividade rítmicas...

Então sempre juntas...

Sempre juntas ou só tem dança. E aí fica a critério do professor estar trazendo essa atividades rítmicas. Eu acho que é trabalhado assim, e é um conteúdo que assim, eu lembro que aqui mesmo na Unesp, quando tem aprofundamento, não sei se é aprofundamento ou estudos avançados, não lembro, poucas pessoas que fazem. Quem saiu, só saiu com aquele conteúdo..., e sempre são nas séries no início mesmo, né, da formação, nas séries iniciais, primeiro ano, no máximo segundo ano. Eu vejo por aí.

O que seria fundamental os alunos e alunas aprenderem sobre atividades rítmicas na escola?

Fundamental? Atividades rítmicas?

Ah, primeiro acho que entender que ritmo, ritmo é uma capacidade física, que envolve diversos esportes, é usado, né, essa capacidade, esse ritmo, acho que ver essa diferenciação, conceituar e mostrar a diferença mesmo, né, e fazer eles entender que a gente pode estar até avaliando o ritmo de cada um. Então eu acho que primeiro de tudo, é entender que é uma capacidade física, como que..., ela é feita, como..., o conceito mesmo do ritmo; e depois mostrar as diversas atividades, brincadeiras, esporte, aonde é que pode estar, incluindo aí essa capacidade. Que atividade eu estou fazendo, eu estou brincando, essa atividade tem ritmo? Tem. Quando eu estou dando passada tem ritmo? Tem. Quando eu estou correndo tem um ritmo? Tem. Então esse ritmo eu possa estar fazendo em forma de brincadeira, eu possa estar fazendo em formas de treinamento, de aperfeiçoamento. Então eu acho que... acho que é bem por aí.

Fundamental é eles sacarem essa...

Que as atividades rítmicas é importante por causa da capacidade física rítmica, eu acho que é importante. Porque trabalha muito, eu assim, esse ano não mas uns três anos, quatro, a disciplina do Gobbi, que é Exercícios... Condicionamento Físico e exercícios básicos, alguma coisa assim, eu não sei se no bacharel tem outro nome, essa..., esse conteúdo ritmo, ele nunca dá, ele sempre me convida para dar ou convida outra pessoa do ritmo porque sempre é assim, tinha um problema de estar passando atividades a serem trabalhadas com o ritmo, sabe? Até conceituar tudo bem, mas aí o que eu posso trabalhar?

De que forma? Sabe? Porque sempre caia para a dança, né, não conseguia, ele tinha essa dificuldade e falava, então talvez ligue..., volte a ligar onde ficou a falha no primeiro ano, porque a disciplina já é no terceiro ano... e quando ele mandava o pessoal dar atividades, sempre caia na dança, então sempre ele convidava para estar mesmo atrelado e também para lembrar que é uma capacidade física e ele dizia que não era tão trabalhado como o equilíbrio e todas as outras, flexibilidade....que qualquer um já lembra, consegue definir rapidinho, aí ritmo... ficava um pouco esquecido. Então eu acho que é por aí.

Ah, voltando eu lembro que o meu mestrado, a primeira e a segunda vez que eu tentei e estava pensando em prestar o mestrado, eu tinha essa dúvida do ritmo, e o meu tema era..., eu queria diferenciar ritmo na dança, na Educação Física e o terceiro na música, diferenciar assim, ver, e ia trabalhar com profissionais que trabalham com ritmo, fazer uma pesquisa, profissionais da dança, da Educação Física e da música para ver como é que eles..., para ver o conceito de cada um, como cada um trabalhava, mesmo que a música a gente praticamente sabe, mas eu lembro que eu tinha essa...ritmo, ritmo, ritmo. Por isso que depois o Gobbi sempre me convida, porque tinha um projetinho, fiz um projetinho mesmo, é que aí eu não passei nos dois primeiros e depois mudou totalmente meu projeto, mas eu lembro..., porque nossa, faz tempo que tem essa discordância, essa discrepância, essa falta...porque não trabalha? Eu queria saber porque não trabalha o ritmo na escola e tal. Mas aí depois ficou na gaveta.